UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Gracieli Regina Mendes Tavares

O trabalho das babás:
discutindo o *care* de crianças no ambiente doméstico

São Paulo

2017

GRACIELI REGINA MENDES TAVARES

**O trabalho das babás:
discutindo o *care* de crianças no ambiente doméstico**

Versão original

Tese de doutorado apresentada ao Instituto
de Psicologia da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título em Doutora
em Psicologia Social

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Nelson da Silva
Junior

São Paulo

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Tavares, Gracieli Regina Mendes.

O trabalho das babás: discutindo o *care* de crianças no ambiente doméstico / Gracieli Regina Mendes Tavares; orientador Nélson da Silva Jr. -- São Paulo, 2017.

157 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1 . Psicologia social 2 . Psicologia organizacional 3 . *Care* 4. Trabalho 5. Babá 6. Confiança 7. Economia do *care* I. Título.

HM251

Nome: Tavares, Gracieli Regina Mendes

Título: O trabalho das babás: discutindo o *care* de crianças no ambiente doméstico

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Social.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.(a) Dr.(a) _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

No decorrer desta pesquisa muitas pessoas estiveram presentes, tornando-se parte nesta jornada.

Agradeço imensamente a todas as babás que participaram desta pesquisa.

Agradeço aos meus lindos filhos, Ana e Gabriel, que chegaram em minha vida nesta fase tão bonita e que, mesmo precisando de meu tempo e atenção, trouxeram a mim energia e felicidade inspiradora.

Agradeço aos meus pais Olga e Tavares, sempre grandes amigos, companheiros e fiéis apoiadores de meus projetos.

Ao meu marido Charles, pela escuta atenta e apoio incondicional.

Agradeço à minha irmã, meu cunhado e minha linda afilhada, Simone, Sidnei e Bianca, por todos os passeios em que incluíram minha Ana neste período.

Ao departamento de Psicologia da USP, em especial ao professor Nelson da Silva Junior, por sua escuta e seu apoio, que me permitiram encontrar um grupo tão acolhedor e imensamente generoso.

Muito obrigada, professor Fábio de Oliveira!

Tive a oportunidade de participar do grupo de orientandos dos professores Fábio de Oliveira, Leny Sato e Mariana Cordeiro. Agradeço a todos os professores e alunos por tantos comentários importantes nas reuniões.

Um especial agradecimento às queridas secretárias do PST, sempre gentis, que me auxiliaram em duas licenças-maternidade e me receberam muito bem sempre que precisei.

RESUMO

Tavares, G. R. M. (2017). *O trabalho das babás: discutindo o care de crianças no ambiente doméstico* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A entrada da mulher no mercado de trabalho no Brasil trouxe maior demanda à terceirização do *care* à criança. Historicamente o *care*, também realizado por membros da família, é transferido às creches, escolas e, quando realizado na residência da família, torna-se responsabilidade da babá. A presente pesquisa pretende trazer à tona a discussão do trabalho de *care* realizado por babás no contexto doméstico, buscando compreender a atividade do trabalho da babá, as emoções a ele relacionadas e explorar as dinâmicas relacionais entre o profissional, a criança e a família. Como referencial metodológico, esta pesquisa utilizou entrevistas em profundidade e análise de narrativas de nove entrevistas realizadas na cidade de São Paulo. O estudo atenta-se a questões ligadas às atividades gerais, ao afeto e à confiança surgidas no trabalho, a partir do ponto de vista das babás. A pesquisa tem como embasamento teórico estudos sobre o *care* provindos da sociologia, da psicologia e da economia de *care*. Como resultados, discutimos a precarização do trabalho de *care* realizado pelas babás, o trabalho de *care* pago e não pago, assim como as relações das babás com as crianças no que diz respeito ao vínculo, intimidade, afeto e perda.

Palavras-chave: Psicologia social. Psicologia do trabalho. *Care*. Trabalho. Babá. Confiança. Economia do *care*.

ABSTRACT

Tavares, G. R. M. (2017). *The work of nannies: discussing child care in the domestic environment* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The entry of women into the labor market in Brazil brought greater demand for third-party child care. Historically, child care (also performed by family members) has been transferred to nurseries, schools and when carried out in the family residence becomes the responsibility of the nanny. The present research brings up the discussion of care work carried out by nannies in the domestic context seeking to understand their work activity, the emotions related to care and explore the relationship dynamics among the professional, the child and the family. As a methodological reference this research used in-depth interviews and analysis of narratives based on nine interviews conducted in the city of São Paulo. The study emphasizes the issues related to nannies' regular duties, as well as affection and trust at work from the nannies point of view. The research is based on theoretical studies about care from sociology, psychology, and the economy of care. At our findings, I discuss the nannies' care work precariousness, paid and unpaid care work, as well as the relationships of nannies with children regarding bond, intimacy, affection and loss.

Keywords: Social psychology. Work psychology. Care. Work. Nanny. Trust. Economy of care.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	13
3. O TRABALHO DO CARE: CONHECENDO SEU CONTEXTO TEÓRICO.....	17
3.1 O <i>care</i> de crianças: quem o faz?.....	21
3.2 A babá e o <i>care</i>	22
3.3 O <i>care</i> e o trabalho doméstico.....	25
4. OBJETIVOS.....	29
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
5.1 Procedimentos.....	31
5.2 O contato inicial.....	32
5.3 Análise dos dados.....	32
5.4 Análise de narrativas	33
5.5 Temas para análise narrativa.....	34
6. RESULTADOS.....	36
6.1 As babás	36
6.1.1 <i>Fazendo contato</i>	37
6.1.2 <i>Apresentando as entrevistadas</i>	38
6.1.3 <i>Conhecendo as histórias de cada babá</i>	42
6.2 A babá e seu trabalho.....	49
6.2.1 <i>Escolhas e planos profissionais</i>	49
6.2.2 <i>Experiência profissional como babá</i>	58
6.3 Fronteiras do trabalho de <i>care</i> pago e não pago: uma reflexão sobre o <i>care</i> realizado por babás.....	62
6.3.1 <i>O trabalho não pago das babás: percepções do início do cuidar</i>	65
6.3.2 <i>O trabalho das babás e a questão do gênero: reflexões sobre as práticas no cuidado</i>	67
6.3.3 <i>O cuidado aos próprios filhos e o cuidado aos filhos da família contratante:</i>	

<i>conquistas e privações.....</i>	71
<i>6.3.4 Estímulos, brincadeiras e atividades gerais.....</i>	74
<i>6.3.5 Entre as promessas infantis e a amizade: as relações pessoais após o término do contrato de trabalho.....</i>	77
<i>6.4 Experiências no contexto da família contratante.....</i>	80
<i>6.5 Atividades propostas e rotinas escolhidas.....</i>	86
<i>6.6 Bem me care: o amor e o cuidado à criança.....</i>	89
<i>6.7 Experiências com colegas de trabalho.....</i>	104
<i>6.8 A confiança no care de crianças.....</i>	111
<i>6.8.1 Indicação: confiando em quem confia.....</i>	113
<i>6.8.2 Câmeras de segurança na residência: invasiva e aliada.....</i>	118
<i>6.8.3 Quando a babá não confia: conflitos e separações na relação de trabalho.....</i>	123
<i>6.8.4 É possível confiar?.....</i>	124
<i>6.9 Limites e reconhecimento.....</i>	126
<i>6.10 Na intimidade do lar.....</i>	129
<i>6.10.1 Seria possível discutir care sem falar de intimidade?.....</i>	129
<i>6.10.2 A vida do outro: percebendo o que é privado na relação de trabalho doméstico.....</i>	138
<i>6.10.3 O que eu faço?.....</i>	139
<i>6.10.4 O que tem para comer?.....</i>	141
<i>6.10.5 Eu quero.....</i>	143
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
REFERÊNCIAS.....	152
Anexo 1.....	156
Anexo 2.....	157

Para Ana e Gabriel

1. INTRODUÇÃO

*Verinha, vamos acordar?
Vamos brincar lá no parquinho?
Olha o sol, como está bonito (Alice).*

O cuidado à criança é tema de debate em diversos setores acadêmicos, seja para alterar métodos na educação, para melhorar o cuidado oferecido por pais e familiares ou para anunciar novos tempos e necessidades nas famílias. Na ampla gama de serviços de *care* às crianças, salientamos a especificidade do trabalho das babás, que difere de formas importantes do *care* oferecidos em contextos como creches.

O trabalho das babás traz características específicas: trata-se de um trabalho doméstico, de *care*, dedicado a alguém menor e dependente, que precisa de supervisão de pais ou responsáveis. A babá está inserida no contexto familiar e as regras legais que a vinculam ao trabalho ainda são as mesmas de uma trabalhadora de limpeza doméstica (Brites & Picanço, 2014). No Brasil há um grande número de domicílios que contam com empregadas domésticas (Sorj, 2014). Muitas vezes, a doméstica acaba tornando-se babá da criança após anos de trabalho e conhecimento da família. Esse é um contexto bastante importante e revela uma característica do trabalho da babá no Brasil, pois seu papel confunde-se com o da empregada doméstica, ocupação geralmente vista como tendo um baixo grau de profissionalização, e, portanto, de relativo fácil acesso.

A atividade de babá requer um alto investimento emocional da profissional no vínculo com a criança. É a partir desse investimento e da construção de uma ligação forte que o trabalho se torna possível, assim como gera um aumento das chances de permanência no emprego a longo prazo. Ao mesmo tempo, as babás frequentemente enfrentam ambientes desfavoráveis, seja na relação com outros funcionários no domicílio, seja com os próprios pais da criança. Dessa forma, para que seja possível sustentar essas relações a longo prazo, a babá se vê muitas vezes obrigada a lidar com suas emoções sem que isso ameace seu emprego ou seu vínculo com a criança. Ou seja: sugerimos que a babá é levada a engajar-se em “trabalho emocional” (Hochschild, 2012) para manter as relações. É a partir dessa problemática que

indagamos: As relações com a família e outros funcionários da casa influenciam o trabalho do *care*? Quais emoções permeiam a relação da babá com a criança? É possível pensarmos no *care* sem o afeto?

Dado o contexto brasileiro e a problematização acima, sabemos que diversas abordagens são necessárias para discutir o trabalho e as relações que o envolvem, o que inclui as emoções do *care* e trabalho emocional, além da economia do *care* que o permeia.

Esta pesquisa busca aproximar os olhares às babás e ao trabalho de *care* desenvolvido por elas com crianças de diversas idades, no contexto doméstico. Assim, falaremos do cuidado dentro de casa, o *care* em situação do lar, no dia a dia com o bebê ou com a criança, e as diversas dinâmicas com a família. Nos aprofundaremos em suas histórias no *care* de crianças, conheceremos o trabalho, as relações que o envolvem e os sentimentos das babás, assim como expectativas e frustrações. Para tanto, entrevistamos nove babás na cidade de São Paulo e utilizamos da metodologia qualitativa da análise de narrativa.

No decorrer das análises das entrevistas realizadas, pudemos observar que o trabalho de *care* da babá abrange uma intensa relação com a criança cuidada que, muitas vezes se prolonga, mesmo após o término da relação profissional.

O trabalho das babás conta também com interações com os familiares da criança, mediadores na relação. O contato com a família não parece ser somente mediador de cuidados com a criança. Os familiares podem ultrapassar os limites do trabalho da babá com solicitações diversas, não relacionadas à criança. A mediação feita por eles pode ter reconhecimento e parceria, porém, desrespeito e desconfiança parecem denunciar relações de poder que se apresentam por meio de maus-tratos, desrespeito aos horários de saída ou alimentação, entre outras situações presentes nas narrativas. Mesmo nos ambientes de trabalho em que existem relações ruins, com situações como as citadas, a criança é mantida, aos olhos da babá, distante de qualquer desentendimento. O sofrimento no trabalho da babá não interfere nessa relação.

Corroborando nossas expectativas, a babá utiliza como recurso o trabalho emocional para lidar com questões diversas com os pais e com outros funcionários da casa, havendo

dinâmicas relacionais de disputa, além de abusos diversos da família contratante no que se relaciona às atividades prescritas e o trabalho real.

A babá se beneficiaria – assim como as pessoas que contratam seus serviços – com uma formação mais direcionada ao *care*, maior proteção legal de seus direitos e a profissionalização específica, não respondendo mais à categoria genérica de trabalho doméstico. As características do trabalho da babá no que diz respeito à lei e às práticas entre as famílias tornam o trabalho desvalorizado, não havendo grande investimento por parte das babás ou sua fidelização em relação ao trabalho.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Discutir o trabalho de *care* das babás na cidade de São Paulo abrange entrar em contato com diversos estudos sobre *care*, além de localizar, em nossa história, o trabalho doméstico. A fim de compreendermos a situação atual dos trabalhadores domésticos, em especial, a da babá, resgataremos um pouco da história de nosso país, contextualizando o trabalho das mulheres cuidadoras de crianças.

Nossa história nos relata sobre mulheres escravas cuidando dos filhos brancos de famílias abastadas da Casa Grande. Seus próprios filhos eram deixados com outros escravos enquanto essas mulheres eram levadas a oferecer os cuidados aos filhos das famílias a qual trabalhavam (Campos, 1992). Mães escravas que eram obrigadas a deixar seus bebês e amamentar os filhos das mulheres branca só passaram a perceber mudanças nessa realidade a partir do movimento abolicionista. Com o fim da escravidão, o cuidado à criança branca já estava sob responsabilidade das próprias mães e a sociedade branca e abastada passa a considerar ser “perigoso, deixar crianças nas mãos de mulheres com maus hábitos, ‘ignorantes’ e ‘sujas’” [tradução nossa] (Campos, 1992, p. 483).

Atualmente “calcula-se que quase metade das mulheres pobres ocupadas no Brasil trabalha em empregos domésticos” (Zepeda, 2008 apud Sorj & Fontes 2012, p. 108), e o trabalho das babás se encontra inserido nesta categoria.

Ainda nos dias de hoje, o cuidado oferecido à criança não parece ter, para seus provedores, grandes conquistas no que diz respeito, por exemplo, aos horários de trabalho, remuneração e reconhecimento, mesmo considerando as alterações trabalhistas que passam a garantir direitos diversos direitos legais à classe doméstica, na qual se inserem as babás. Molinier atenta-se aos trabalhadores do *care*, considerando: “Babás, cuidadoras, faxineiras, ajudantes familiares... compõe um exército da sombra, relegando aos bastidores de um mundo da performance, que os quer ignorar” (Molinier, 2012, p. 42).

O trabalhador do *care*, envolvido em uma série de relações além do indivíduo cuidado, lida com situações que extrapolam o cuidar, colocando em questão o reconhecimento.

É, no entanto, preciso reconhecer que as situações vividas pelas cuidadoras são muito mais ambíguas do que as análises de cunho estrutural tendem a revelar. As relações de trabalho não evidenciam apenas a tendência dos empregadores de tirar partido dos trabalhadores, tidos como escravos modernos indefesos. Processos de negociação entre cada uma das partes estão envolvidos: da cuidadora com o idoso assistido, dela com os seus familiares, dos familiares com a equipe técnica. Nessa relação, que é muito diferente daquelas típicas dos contratos trabalhistas e do trabalho em linha de montagem, fatores emocionais e psicológicos estão sempre envolvidos. O entendimento entre as partes requer uma interação dinâmica, contextual e frequentemente conflitiva porque é nas tarefas cotidianas que os direitos e deveres dos diferentes atores são definidos e é a vida diária que reforça ou embaça as fronteiras entre essas duas esferas de interação (Debert, 2014, p. 7).

O estudo do trabalho de *care* das babás nos traz uma série de discussões em torno dos afetos, do reconhecimento e do cotidiano, entre outros importantes aspectos inseridos nesse tipo de trabalho.

Se “[a] realização de si mesmo passa pelo olhar do outro” (Dessors & Molinier, 1998, p. 13), e esta está imbricada “na dinâmica do trabalho” (Chanlat, 2011), então tornam-se centrais a articulação ante a relação de “si mesmo” no grupo e o reconhecimento, granjeados por essa perspectiva.

Os estudos do *care* trazem a questão do afeto para o debate e teremos aqui a oportunidade de reconhecer em nossas entrevistas as relações que se transformam no decorrer do tempo, a partir do encontro entre a criança e a babá. É sobre esse tempo, a partir do encontro da cuidadora e de quem é cuidado, que iremos nos debruçar. O passar dos dias, as pequenas dinâmicas, os afazeres e as decisões que fazem parte do trabalho da babá, trabalho prescrito e real.

Diversos estudos sobre o *care* estão sendo realizados pela sociologia, pela psicologia e por diversas ciências do campo da saúde. Dentro de nosso conhecimento da psicologia do trabalho, podemos atentar ao trabalho das babás, debruçando-nos sobre suas decisões, comportamentos, relações e atividades no cuidado à criança a partir das possibilidades e das necessidades diárias no trabalho.

O cenário do cuidado à criança no ambiente doméstico começa a tornar-se mais comum a partir da entrada das mulheres ao mercado de trabalho. Hirata e Kergoat (2007) afirmam que, com as mulheres trabalhando fora de casa, alternativas para conciliar – trabalhar por um período e cuidar da criança em outro – e delegar o cuidado a outra pessoa foram formas de permitir a amplitude da presença da mulher no trabalho, ficando outras mulheres responsáveis pelas crianças.

As mulheres, apesar de terem ofertas de emprego, recebem oportunidades menos estáveis; além disso, a divisão do trabalho doméstico não sofreu alterações, ou seja, as mulheres entram no mercado de trabalho, assumem compromissos profissionais, mas continuam responsáveis pelas tarefas do lar (Hirata, 2002). Apesar de ficar responsável também pelo contexto doméstico, as mulheres buscam auxílio para poder assumir compromissos profissionais, encontrando em outros trabalhadores (em geral, mulheres) o auxílio necessário. Essa é uma das razões para uma crescente busca por trabalhadores do *care* (Hirata & Guimarães, 2012).

Sabemos que as famílias estão cada vez menores (Rapoport & Piccinini, 2004) e, muitas vezes, esperam ter estabilidade financeira para iniciar o planejamento de filhos. Por essa razão, em muitos casos, ao engravidar ou decidir adotar uma criança, a mulher possui uma série de compromissos profissionais dos quais não pode ou não quer se desfazer. Sabemos que, além do cuidado oferecido pelos pais, existem outros tipos de apoio ao nascimento de um filho, como o proveniente dos avós ou dos tios, da creche e da escola, e a decisão dos pais na escolha desse apoio é baseada em uma série de fatores (Rapoport & Piccinini, 2004; Lehrer, 1983). Lehrer (1983) apresenta-nos um estudo a partir de uma perspectiva econômica que se relaciona com a escolha do tipo de cuidados às crianças americanas, enfatizando que, assim como no Brasil (Rapoport & Piccinini, 2004), geralmente o apoio aos bebês fica sob a responsabilidade de parentes, da rede de amigos e vizinhos (Sorj, 2014) ou de babás. Para Erdwing e Casper (1998 apud Rapoport & Piccinini, 2004), a escolha entre o cuidado parental não pago ou a babá não apresenta aos pais diferença significativa na satisfação do cuidado. Desses dois tipos de cuidado, são apontadas as seguintes vantagens pelos pais: não é necessário locomover a criança, o cuidado é oferecido mesmo se a criança adoecer (no caso da creche, isso não é possível) e a babá pode contribuir com os afazeres na

casa. Segundo os autores, essas vantagens superam a possível diferença do custo, dado que a babá pode ser mais cara do que a creche.

Pensando somente nas babás, podemos colocar em questão a relação que se forma a partir do contato da profissional com a família e a criança, no que diz respeito às emoções, às atividades e ao cenário do trabalho de *care* por ela realizado.

O trabalho da babá se faz presente no contexto doméstico e grande parte de seu tempo é dedicado ao cuidado da criança. A babá vivencia tanto os momentos em família como aqueles em que está sozinha com a criança, e também é responsável pelos cuidados no que diz respeito à vida da criança, tais como alimentação, higiene e atividades.

Os pais, ao chegarem em casa, encontram a criança cuidada, mas não dispõem de condições para conhecer a fundo os momentos únicos que perpassam os dias, as dinâmicas entre a babá e a criança, as brincadeiras e também aquilo que não estava programado.

Além dos cuidados, elas, juntas, aprenderão brincadeiras e terão contato íntimo de cuidados (banho, troca de fraldas). Molinier (2012) cita o termo “trabalho sujo” como uma das faces do *care*, ou seja, a intimidade do corpo é uma das funções que a babá terá como responsabilidade, ao lidar com sobras e sujeiras no corpo do bebê ou criança.

Como cuidar sem a aproximação, o íntimo contato, sem conhecer as idiossincrasias de uma pessoa ou da família? Em todos os temas que percorremos nesta pesquisa, a intimidade permaneceu presente. Murray explica “intimidade como (não sexual) familiaridade e proximidade – física e emocional – que pode oferecer afeto, relação afetuosa e sentimentos” [tradução nossa] (1998, p. 152).

Dada essa intimidade relacional e a realidade do rompimento do contrato desta relação profissional com o crescimento da criança, podemos atentar para as emoções que cercam essa vivência, além de colocar em debate a “economia do *care*” (Zelizer, 2012), buscando entender a relação do cuidado sob o ponto de vista da economia.

3. O TRABALHO DO *CARE*: CONHECENDO SEU CONTEXTO TEÓRICO

Os estudos sobre *care* têm seu início nos Estados Unidos com Gilligan (1982, 2009) em seu trabalho: *In a different voice* (Molinier, 2012; Guimarães, Hirata, & Sugita, 2012). Atualmente, no Brasil, o tema tem discussões em crescimento nas Ciências Sociais (Guimarães, Hirata, & Sugita, 2012).

Gilligan (1982), em *In a different voice*, evidencia pessoas que têm como atividade o cuidar. Apesar do trabalho de Gilligan ter sido realizado somente com mulheres, a “voz diferente” citada pela autora não diferencia o trabalho do cuidar entre homens e mulheres. A autora considera essa “voz diferente” a maneira de resolução de problemas a partir das relações e do contexto, e não a partir da ética da justiça. É importante, no entanto, lembrarmos que o cuidar está mais associado a mulheres por razões sociais. O trabalho de Gilligan foi posteriormente discutido por Tronto (1993), que buscou reafirmar que nem todas as mulheres possuem essa “voz diferente” e tampouco isso deixa de existir nos homens que cuidam.

A definição do termo *care* ainda é fonte de reflexão entre os pesquisadores da área, tendo sido discutido se é considerado *care* quando o objeto de cuidado é um indivíduo em uma situação de dependência (Soares, 2012) ou se cuidados com casas, animais e estéticos (Arango, 2014) ou sexuais (Parreñas, 2012) são também compreendidos por esse termo.

Torna-se importante aqui revelar o que é para a pesquisadora possível de ser considerado o *care*. Cuidados materiais e de animais, por exemplo, podem ser, no ponto de vista de alguns pesquisadores, também considerados como *care*.

Neste trabalho, preocupamo-nos em colocar a babá como profissional do *care* e não considerar a empregada doméstica como tal. Essa distinção, a nosso ver, tem relação com o significado do cuidado, que, para nós, está relacionado a certa dependência em relação ao cuidador. Um bebê precisa que alguém lhe ofereça alimento e o mantenha limpo, ele não é capaz de realizar essa tarefa sozinho. O cuidado com a casa, para nós, está associado às facilidades da vida de alguém que trabalha fora, por exemplo, mas que pode realizar as tarefas, se necessário.

Dentre os estudos do *care*, temos abordagens diversas, discutidas a seguir: Cuidar do outro, preocupar-se, estar atento às necessidades, todos esses diferentes significados, relacionados tanto à atitude quanto à ação, estão presentes na definição do *care*. (Hirata & Guimarães, 2012, p. 1). Figueiredo (2009) acrescenta à discussão do *care* dimensões importantes, que vão além do “fazer” do cuidador, sendo elas: sustentar e conter; reconhecer, interpelar e reclamar, alertando-nos dos limites de quem cuida: “É o cuidado que não dá sossego, sufoca” (Figueiredo, 2009, p. 129), considerando importante que o cuidador permita e possibilite ao indivíduo cuidado buscar mais independência: “Uma das metas dos cuidados é a de levar o seu objeto a desenvolver as capacidades cuidadoras” (Figueiredo, 2009, p. 133).

“Trabalho de *care*” designa, então, não somente atividades especializadas, nas quais a preocupação com os outros ocupa um lugar explicitamente central – como, por exemplo, o trabalho de enfermeiras e auxiliares de enfermagem –, mas também atividades com feições menos profissionais e associadas à noção de “cuidado” no sentido não curativo do termo: o conjunto de atividades domésticas realizadas no seio da família e a delegação destas a babás, empregadas, faxineiras. Mais amplamente, *care* designa, também, uma dimensão presente em todas as atividades de serviços: considere-se aqui a noção de servir como “dar atenção a” (Molinier, 2012, p. 30).

Molinier (2012) explica que o *care* faz parte de diversos trabalhos, não apenas do trabalho de cura, mas de um bom atendimento, que evitará o sofrimento do outro, oferecendo respeito e solução para as necessidades, sem expor. A autora discute o *care* apresentando suas diversas faces:

- O *care* enquanto *gentleness*: diz respeito ao estar atento ao outro, suas necessidades, aflições e respeitar o outro enquanto indivíduo, sem tratar com compaixão, sem se penalizar com o sofrimento e fragilidade do outro;
- O *care* como atitude adequada (p. 31): auxiliar o outro sem deixar de ser discreto, adequar-se às necessidades de forma sutil;
- O *care* como *savoir-faire* discreto: o trabalho do *care* sem espera, agilidade em fazer com que o outro não precise solicitar algo. Temos como exemplo uma secretária que organiza papéis e eventos sem precisar que o outro solicite;

- O *care* como “trabalho sujo”: O cuidado que não deixa de lado “o que é preciso fazer”. Refere-se aos cuidados com a relação com o corpo, a morte, o lixo. Cuidado com a limpeza do corpo. Atividades que são tidas como impuras, “de representações extremamente pejorativas” (Souza & Torres, 2012). Molinier salienta que: “Os corpos não podem ficar sem alimento, ou nus, ou sujos de excrementos, os cadáveres não podem cobrir as ruas, nosso lixo não pode acumular-se indefinidamente... é preciso que alguém se ocupe de tudo” (Molinier, 2012, p. 31). O trabalho sujo é parte do trabalho do cuidar. No caso das babás, trocar fraldas, acompanhar ao banheiro e limpar restos de alimentos acompanham as tarefas do cuidado de uma criança;
- O *care* como trabalho inestimável: “Consciência de que são indispensáveis” (Molinier, 2012, p. 36). O *care* enquanto trabalho que ninguém mais poderia realizar, o cuidado em situações extremas.

Soares (2012) discute a “relação entre a pessoa que cuida e aquela que é cuidada” a partir de diversas dimensões. Primeiramente, apresenta as dimensões física e cognitiva existentes no trabalho do *care*. A dimensão física diz respeito ao movimento, o esforço do corpo ao cuidar de alguém, a sustentação física, a locomoção de uma pessoa cuidada. A dimensão cognitiva refere-se a atividades e regras a serem seguidas, tais como administração de um medicamento, tarefas a serem cumpridas em ordem correta, sem alterações. Por fim, trata da dimensão relacional, que diz respeito à paciência, escuta, comunicação. Em nosso estudo, a dimensão relacional terá um especial tratamento, dada a importância em se conhecer a relação da babá com a família e, mais intimamente, com a criança.

Soares salienta a importância de entendermos que o “cuidar” não é o mesmo para qualquer situação ou pessoa, ele é diferente de acordo com as necessidades de quem é cuidado e requer conhecimentos e habilidades distintos por parte de seu cuidador. Para o autor, a partir da interação, “pode-se desenvolver toda uma história em comum, deflagrando-se uma sequência de interações no futuro” (Soares, 2012, p. 45).

Para Zelizer (2012), “as relações de *care* incluem qualquer tipo de atenção pessoal, constante e/ou intensa, que visa melhorar o bem-estar daquela ou daquele que é seu objeto”. Sendo, para a autora, a relação do *care* aquela da mãe frente a um filho ou a da profissional de

beleza que atende seu cliente. O *care*, então, exige entendimento a respeito de quem o oferece e em quais circunstâncias.

A autora acredita ser importante a discussão da economia do *care*, lembrando que esta ainda é pouco inserida nos estudos sobre o tema. Nesse sentido, seria importante a questão sobre como o *care* é recompensado, de que forma, por quem e em quais circunstâncias acontece.

Para entendermos melhor a economia do *care*, citamos um caso relatado por Zelizer (2012) em seu trabalho. A história de uma imigrante que por três anos morou com uma família, cuidando de diversos afazeres e recebendo objetos e um auxílio financeiro mensal. Após esse período, iniciou um processo judicial para receber remuneração e discutir quais eram os seus direitos. A posição da imigrante na família não era muito clara, sendo então o foco dos estudos de Zelizer a respeito do *care*. A posição do cuidador no contexto da família, tal como o pagamento recebido e a forma como ele é entendido são pontos importantes dessa discussão. Para Zelizer, “O *care* pago, deve, portanto, enfrentar as mesmas dificuldades e problemas que aparecem a cada vez que se tenta pensar nas relações entre atividade mercantil e as obrigações sociais” (Zelizer, 2012, p. 20).

A autora acredita que a questão sobre avaliar o *care* financeiramente passa por três diferentes visões:

- “Mundos hostis”: dinheiro poderia ser problemático se tratando de *care*, o ideal seria separar do *care* qualquer tipo de transação financeira. Ou seja, nas relações de *care*, a partir desta abordagem, o pagamento do cuidado poderia afetar sua natureza;
- “Comércio entre toda a parte”: a relação do *care* poderia ser mantida tendo somente como base um valor definido, sem custos emocionais;
- “Relações bem ajustadas”: ajuste viável a partir das necessidades, garantindo a manutenção da relação:

[...] relações bem ajustadas responde que há uma interação permanente entre o *care* e as considerações econômicas, e que o conjunto só funciona quando os dois estão bem afinados. Por ‘bem ajustadas’ não quero dizer que você e eu aprovaríamos a negociação ou que o acerto seja adequado e justo. Quero dizer que o ajuste é viável: o aspecto econômico da relação é aceito e assegura sua continuidade (Zelizer, 2012, p. 20).

3.1 O *care* de crianças: quem o faz?

Duffy, Armenia e Stacey (2015) afirmam que, com intensidades e duração diferentes, todos nós precisamos de cuidados de alguém, em algum momento da vida. Quando bebês, todos somos dependentes de cuidado e esse pode ser oferecido de modo pago ou não pago.

Neste sentido, podemos então entender que o trabalho do *care* pode ser realizado por profissionais de diversas áreas (saúde, educação, entre outros) ou realizado por um membro da família, abrindo a discussão do trabalho do *care* não pago (Duffy, Armenia, & Stacey, 2015). A escolha do *care* e de quem o oferecerá à criança é baseada em fatores diversos dentro os quais está o econômico (Rapoport & Piccinini, 2004; Lehrer, 1983).

Para Zelizer, no que diz respeito à economia de *care*, existe uma importante questão: “até que ponto, e como, a introdução de acertos monetários nestas relações afeta sua natureza?” (2012, p. 20).

O *care* pode ser realizado de forma não paga por parentes e amigos. Zelizer (2005) coloca em discussão se o *care* não pago pode ser mais bem realizado do *care* realizado de forma paga, considerando que o cuidador não pago é alguém conhecido (familiar ou vizinho) do indivíduo que necessita de cuidados. Alguns países realizam programas de pagamentos e incentivos aos cuidadores da própria família (Duffy, Armenia, & Stacey, 2015).

Esse é um ponto importante em nosso trabalho, pois discutimos a questão da economia do *care*, tão bem trabalhada por Zellizer (2012), e o trabalho não pago das famílias. A decisão dos pais em deixar a criança aos cuidados de parentes ou escolher a babá parece aqui não trazer (desta vez, sob o ponto de vista de quem cuida) diferença entre o cuidar pago ou não pago. Como mencionado na revisão teórica, para os pais, quando se trata do cuidado em casa, não há diferença significativa em delegar o cuidado da criança à babá ou aos parentes (Erdwing & Casper, 1998 apud Rapoport & Piccinini, 2004). Para a babá, como veremos a seguir, a experiência do cuidado com os próprios familiares parece fazer parte de sua experiência profissional.

Para Duffy (2005), o trabalho do *care* pago é dividido entre o que envolve o lado “face a face” do cuidado e aquele no qual o profissional do *care* terá contato direto com o indivíduo cuidado (o que dialoga com nossa abordagem, no caso das babás). A autora inclui neste grupo, chamado por ela de *nurturant occupation* (Duffy, 2015), diversos profissionais do *care* da saúde (psicólogos, enfermeiras, assistentes sociais, por exemplo) e da educação e desenvolvimento (que inclui o cuidado diário da criança).

Dentre as profissões chamadas por Duffy de *non nurturant occupation*, estão as relacionadas a trabalhos administrativos em hospitais, escolas ou atendimento em setores que oferecem cuidado enquanto serviços. Apesar de não ser nossa abordagem, optamos em apresentá-las.

Entre as características do *care* de crianças, devemos lembrar que ele pode ser realizado dentro ou fora do contexto residencial (Zelizer, 2005). A babá, então, é uma profissional do *care* pago, classificada como *nurturant occupation* e que realiza seu trabalho dentro de uma residência.

3.2 A babá e o *care*

Auerbach, em seu livro *And nanny makes three*, faz a descrição do que significa para ela a figura da babá: “elas também são responsáveis pelas crianças e *alter egos* de suas mães, substitutas, possuem pouco estudo, facilitadoras, funcionárias, confidentes, amigas e rivais, às vezes infelizes vítimas e não raro, heroínas sofridas” (2007, p. 2).

Atualmente, no Brasil, a legislação coloca na mesma situação legal empregadas domésticas e babás, por se tratarem de profissionais do trabalho doméstico. Em nosso país, a formação de babás não é padronizada e nem sempre solicitada pela família contratante, mantendo-se um mercado informal baseado na confiança. Além das agências de babás, muitas vezes a profissional do *care* é contratada por indicação de amigos, podendo ela ser uma antiga empregada doméstica da família ou mesmo da vizinhança (dados fornecidos nas entrevistas). No Brasil, dentro das próprias agências, percebemos diferenças na formação das babás, muitas delas sem cursos preparatórios.

Existem diversas alternativas para o cuidado à criança, estando disponíveis aos pais opções de acordo com sua possibilidade financeira e com a necessidade de cada família. Creches, escolas, avós e babás são as opções mais comuns (Lehrer, 1983; Rapoport & Piccinini, 2004). A decisão pelo tipo de cuidado à criança passa por valores dos pais; as práticas parentais fazem, então, parte importante dessa escolha (Macarini, Martins, Minetto, & Vieira, 2010).

Nos EUA, atualmente, cerca de 70% das mulheres trabalham fora, e o cuidado às crianças passa a ser realizado por outras pessoas (Macdonald, 2010). Os cuidados à criança podem ser oferecidos por babás, *day care*, escolas ou parentes. Podemos entender o perfil das babás nos Estados Unidos considerando que são contratadas para o cargo pessoas de diferentes formações profissionais: *au pair* (estudantes de diversas nacionalidades que participam de programas de intercâmbio com tempo pré-definido de estadia no país), americanas de cidades pequenas que procuram morar em cidades com mais recursos para depois cursar universidades (Macdonald, 2010) e imigrantes de países latino-americanos, especialmente da América Central e México (Hondagneu-Sotelo, 2010; Macdonald, 2010). Devemos considerar também que, nos Estados Unidos, as estrangeiras que não possuem documentação de permanência no país recebem salários mais baixos e têm menor possibilidade de melhoria profissional (Macdonald, 2010). Na Europa e nos Estados Unidos, o *care* muitas vezes é prática profissional de migrantes de países menos desenvolvidos (Hochschild, 2011).

Algumas características nos diferem do perfil de cuidadores domiciliares à criança em relação aos Estados Unidos. Os estudantes estrangeiros, *au pair*, são jovens de ambos os sexos e, em geral, universitários. Além de terem maior escolaridade que grande parte das babás atuantes no Brasil, o jovem *au pair* pode contribuir para a introdução de uma nova língua ao vocabulário da criança (Macdonald, 2010). No Brasil, essa atividade é realizada por mulheres, em sua maioria, de baixa escolaridade e pertencentes a uma classe econômica mais baixa, o que se aproxima à realidade das mulheres de países em desenvolvimento que migram aos Estados Unidos ou Europa para realizarem o trabalho de cuidar (Molinier, 2012; Macdonald, 2010). Temos forte migração interna, porém, recentemente em São Paulo, babás

vindas do Paraguai também começam a fazer parte desse contexto, ganhando salário menor e, muitas vezes, vivendo ilegalmente (Sampaio, 2011).

Hochschild (2012) traz em seu trabalho mulheres que migram para países mais ricos, deixando seus filhos para cuidar de outras crianças enquanto babás, enviando dinheiro a fim de melhorar as oportunidades da própria família.

O trabalho emocional dessas mulheres nos é apresentado pela autora, que considera que “uma parte desse trabalho emocional é enfrentar as dilacerantes rupturas na sua relação com a própria família e consigo mesma” (Hochschild, 2012, p. 186). Soares explica o conceito de Hochschild como: “a compreensão, a avaliação e a gestão das próprias emoções, assim como das emoções do outro, para que o trabalho possa ser realizado” (2012, p. 49). “Centros de *day care*, enfermarias, hospitais, aeroportos, lojas, *call centers*, salas de aula, atendimento social, dentista – em todos esses locais de trabalho, contente ou relutante, bem ou mal, empregados fazem trabalho emocional” (Hochschild, 2012, p. 9).

Pensando no trabalho diário da babá, diversas dinâmicas podem fazer parte do cotidiano do trabalho e das famílias, determinando essa relação as diferentes necessidades de cada família e criança. Algumas famílias podem desejar participar de atividades com a babá ou delimitar horários mais claros de trabalho. Podem existir situações em que a babá tenha maior autonomia para a realização de tarefas, assim como algumas situações em que a babá precise cumprir compromissos além dos seus horários, principalmente em situações em que a babá mora com a família (Macdonald, 2010). Os pais, mediadores da relação, devem trazer informações sobre a criança, possibilitando que a babá realize atividades de acordo com os interesses e possibilidades.

Goffman (1975) discute que a “informação a respeito do outro serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (Goffman, 1975, p. 11). O que não é informado pode ser pensado pelo outro a partir das informações de situações anteriores, tendo a expectativa gerada por aquilo que se define como o papel de babá. Durante o período em que a mãe ou o pai estão em casa, pode haver disputas de espaço, em muitos casos trazendo à babá certo desconforto (Auerbach, 2007).

Block (2007) relata situações de dificuldade quando a babá estrangeira decide voltar ao seu país ou utiliza isso como argumento para sair da relação. A preocupação dos pais pode estar relacionada tanto à ausência de uma profissional em casa como à ausência da babá para a criança, que poderá sofrer com isso.

As atividades realizadas pelas babás diferem conforme as características da família, o número de crianças e sua idade, além de depender da expectativa relacionada aos estímulos, inserção cultural e atividades diversas oferecidas às crianças (Macdonald, 2010). Nos estudos de Macdonald (2010), a autora observa que o trabalho da babá pode ser acompanhado pelos membros familiares de diversas formas, existindo a possibilidade de monitoramento por câmeras de segurança, visitas inesperadas e vistoria atenta do corpo da criança.

Nesse sentido, Pereira (2009) aponta a importância do cuidado em relação ao indivíduo com fragilidade. A autora ressalta que o idoso, a criança e o adolescente devem ter proteção e dignidade por estarem nessas condições. Nesse contexto, a autora coloca a negligência como importante preocupação referente a esses grupos.

Além de alimentação, higiene e cuidados referentes à saúde, a autora aponta os maus-tratos físicos, sexuais e emocionais e as difíceis consequências dessas situações. O direito põe em discussão a prevenção a maus-tratos, tal como os passos a serem seguidos em casos graves de agressão e abuso à criança, transformando sua realidade. Figueiredo (2009) afirma que a criança e o adolescente precisam de cuidado, pois sua integridade física e mental deve ser mantida sempre e é necessário prepará-los para a convivência na sociedade. Para tanto, o cuidado deve existir.

3.3 O *care* e o trabalho doméstico

De acordo com a Lei nº 5.859/72, considera-se trabalhador doméstico aquele que presta serviços de natureza contínua e de finalidade não lucrativa à pessoa ou à família, no âmbito residencial destas. Nesse sentido, conclui-se que, além das empregadas domésticas, são igualmente considerados trabalhadores domésticos: caseiros, motoristas particulares, babás, cozinheiros, jardineiros, cuidadores de idosos e vigias (Sette & Costa, 2013).

O trabalho doméstico recebe reconhecimento e direitos legais a partir de 1973, através da regulamentação da Lei nº 5.859 de 1972. Somente em 2006 os trabalhadores domésticos passaram a ter direito a férias remuneradas, estabilidade para gestante, entre outros.

Vejamos os direitos do empregado doméstico (Ministério do Trabalho e Emprego, 2013):

1. Carteira de trabalho e previdência social;
2. Salário mínimo;
3. Irredutibilidade salarial;
4. Isonomia salarial;
5. Proibição de práticas discriminatórias;
6. 13º salário;
7. Remuneração do trabalho noturno;
8. Jornada de trabalho;
9. Remuneração do serviço extraordinário;
10. Repouso semanal remunerado;
11. Feriados civis e religiosos;
12. Férias;
13. Vale-transporte;
14. Aviso-prévio;
15. Relação de emprego protegida contra despedida arbitrária ou sem justa causa;
16. Fundo de garantia por tempo de serviço (FGTS);
17. Seguro-desemprego;
18. Proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de 18 anos;
19. Reconhecimento das convenções coletivas e acordos coletivos de trabalho;
20. Assistência gratuita aos filhos e dependentes;
21. Redução dos riscos inerentes ao trabalho;
22. Integração à previdência social;
23. Estabilidade no emprego em razão da gravidez;
24. Licença-maternidade;
25. Licença-paternidade;
26. Salário-família;
27. Auxílio-doença;
28. Seguro contra acidentes de trabalho;
29. Aposentadoria.

Quanto aos salários, considera-se que o trabalhador doméstico recebe, dentre as ocupações registradas, a menor remuneração. Em 2013, a legislação para trabalhadores domésticos foi alterada, e o trabalhador doméstico passou a obter maior cobertura no que se relaciona principalmente a horas trabalhadas (Sette & Costa, 2013).

O trabalho da babá está entre os trabalhos com melhor remuneração na categoria, pois exige mais especialização, tendo então profissionais com escolaridade mais alta (Seade, 2014).

Dentre as alterações ocorridas, algumas, tais como FGTS e estabilidade, ainda estão em julgamento, podendo ser uma opção do empregador (Sette & Costa, 2013; Sorj & Fontes 2012). Porém, no que pesa à carga horária de trabalho, as alterações foram claras. Não é possível que a babá faça mais de 44 horas semanais e sua carga de horas extras não poderá passar de 50% disso. Os profissionais que dormem no local do trabalho deverão passar a receber por horas trabalhadas sempre que for solicitado alguma atividade em seu horário de descanso.

É importante considerarmos esse último item como revelador de uma dinâmica na qual o trabalho da babá durante a noite era, até então, de pouco reconhecimento, pois a criança, acordando ou não, representava à babá a continuidade do trabalho e não somente a facilidade do acesso da babá à residência no dia seguinte. As relações de trabalho dentro do ambiente doméstico podem transformar-se a partir da obrigatoriedade do pagamento das horas extras: “As situações mais comuns são as trabalhadoras domésticas mensalistas, que trabalham durante todo o mês para um único empregador, podendo ou não morar no lugar de trabalho, e a diarista que presta serviços em diferentes domicílios e não residem no lugar de trabalho” (Sorj & Fontes, 2012 p. 108).

No caso das babás, elas podem trabalhar como “folguistas” em diferentes residências, sem registro profissional, mas, geralmente, permanecem durante o fim de semana com a família, dormindo no local de trabalho. Não existe, para as babás, a opção de diarista.

A maioria feminina no trabalho do *care* foi discutida por Hirata e Guimarães (2007). As autoras citam em seus estudos a importante proximidade entre o trabalho da empregada doméstica e o *care*, além de citar dados sobre os trabalhadores extraídos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE), tais como a baixa escolaridade, informalidade legal e a baixa remuneração entre os trabalhadores do *care*: “Calcula-se que quase metade das mulheres pobres ocupadas no Brasil trabalha em empregos domésticos um dos percentuais mais altos da América Latina” (Zepeda, 2008 apud Sorj & Fontes, 2012).

A escolaridade baixa é outra característica do trabalhador doméstico. Segundo o Dieese (2013), 48,9% dos trabalhadores desta área não haviam concluído o ensino fundamental. No caso das babás, porém, o perfil pode ser mais variado, havendo estudantes que optam pela função a fim de conciliar o trabalho com a vida escolar.

No Brasil, a classe média é quem mais contrata trabalhadores para o serviço doméstico, que é muitas vezes precário, mal-remunerado e informal (Dieese, 2013).

4. OBJETIVOS

O objetivo fundamental deste trabalho consistiu em analisar a atividade de trabalho da profissão de babá, de modo a compreender as dinâmicas relacionais e a vivência das emoções.

Derivados do escopo principal, quatro objetivos específicos se apresentaram, vejamos quais foram eles:

- Análise das condições de trabalho da babá, incluindo questões relacionadas ao reconhecimento e aos direitos;
- Compreensão dos processos de formação e rompimento de vínculos entre a babá e aqueles que são objeto de seu cuidado, incluindo os laços de confiança;
- Compreensão da economia do *care* nessas relações de trabalho.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Entendemos que a pesquisa de abordagem qualitativa traz para nossa investigação a possibilidade de conhecer, por meio de análise de narrativas, o trabalho das babás e suas histórias. Esse tipo de pesquisa, segundo Strauss e Corbin (2008), é uma escolha válida para obter informações relacionadas a sentimentos e lembranças, o que seria dificilmente obtido por meio da pesquisa quantitativa. A pesquisa qualitativa traz grande variedade de métodos e abordagens, sendo de extrema importância a adequação de sua escolha para a realização da pesquisa. Nesse sentido, a reflexão do pesquisador qualitativo deve estar presente no processo, desde a definição da abordagem até o entendimento de sua relevância no processo de interpretação.

Para o pesquisador que utiliza alguma abordagem qualitativa, a objetividade ao interpretar e a subjetividade para “perceber nuances sutis”, conectar ideias e dados são, segundo Strauss e Corbin (2008, p. 53), essenciais.

Apesar de conhecermos a etnografia como uma alternativa de valor para estudos do cotidiano (Sato & Souza, 2001), consideramos a dificuldade dada pelo fato de que as babás atuam no contexto residencial, prejudicando a presença do pesquisador em campo. Encontramos, como alternativa, conhecer o cotidiano das babás por meio de entrevista narrativa, realizada de modo semiaberto, com questões relacionadas a atividades diárias, assegurando espaço para colocações relacionadas ao contexto do trabalho e suas relações. As entrevistas semiabertas (Vergara, 2009) basearam-se em um roteiro semiestruturado com a possibilidade do entrevistador formular questões de seu interesse e necessidade no decorrer da realização do diálogo. O roteiro inicial da entrevista que realizamos contém 19 questões e é apresentado no Anexo 1 desta tese.

Para realizarmos as entrevistas, inicialmente requeremos alguns contatos em uma agência especializada no trabalho de babás. O pedido foi feito tendo como única solicitação que as babás participantes da pesquisa tivessem um tempo de experiência de no mínimo um ano.

Não sabemos se houve, por parte da agência, algum tipo de seleção ou se a lista de participantes foi aleatória. Outras babás foram indicadas por algumas das entrevistadas, além de uma ter sido indicada por conhecer, fora do âmbito de trabalho, alguém de nossa rede de contatos.

As participantes da pesquisa, todas do sexo feminino, residem no estado de São Paulo. As participantes possuem tempos de experiência no trabalho e idades diversificadas, todas com um mínimo de um ano na carreira, conforme solicitamos.

Ao fazermos o convite às babás para participarem da entrevista, nada se sabia sobre o seu perfil profissional. Nenhuma das babás entrevistadas tem contato profissional ou trabalhou para alguém de nossa rede de contatos.

Vale ressaltar que algumas babás entrevistadas estavam temporariamente sem trabalho e uma delas estava trabalhando como doméstica na época da entrevista.

5.1 Procedimentos

Conforme especificamos, as babás foram convidadas a participar da pesquisa a partir de recomendação feita por uma agência de colocação profissional dessa área de atuação, de indicação de outras babás ou de nosso círculo de contatos. Dez babás foram contatadas, sendo que, com nove entrevistadas, o contato inicial foi por telefone e, com uma, o primeiro contato foi realizado via e-mail. Nesse momento, coube a nós explicar o intuito da pesquisa, assegurar confidencialidade e se comprometer a apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no dia da entrevista. O contato inicial também foi importante para o agendamento da entrevista e para possibilitar à participante a escolha do local de sua realização.

Foram realizadas nove entrevistas, sete delas aconteceram em *shopping centers* da cidade de São Paulo, uma em um *shopping* em Osasco e uma outra, em residência de uma amiga da entrevistadora, gentilmente cedida, por ser fim de semana e a entrevistada estar a passeio na casa.

As entrevistadas foram informadas sobre o sigilo de todos os nomes, profissões anteriores, assim como de que o sexo de algumas crianças foram trocados a fim de garantir total anonimato.

5.2 O contato inicial

Por telefone, a entrevistadora explicou às entrevistadas o teor pesquisa e demonstrou interesse em realizar uma entrevista individual, pessoalmente. O contato inicial e as entrevistas aconteceram durante o período de junho a agosto de 2014.

Todas as entrevistadas puderam escolher um local da entrevista, a partir da sugestão dada pela entrevistadora, que fosse de fácil acesso à entrevistada e que fosse público, para que ela se sentisse segura.

O transporte, assim como o consumo no decorrer das entrevistas, foi pago pela entrevistadora, dado que, por serem realizadas em *shoppings*, a entrevistadora sugeriu fazer a reunião em cafês, em busca de maior conforto e de um para espaço reservado para conversar. Todas as entrevistas foram gravadas a partir do consentimento das babás e ocorreram individualmente, com duração em média de 50 minutos cada uma.

5.3 Análise dos dados

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para a realização da fase de análise dos dados. Para o início da interpretação dos dados, nos inspiramos em um capítulo do livro “Análise interpretativa fenomenológica” (Smith, Flowers, & Larkin, 2009), no sentido de buscar nas entrevistas as informações obtidas percebendo a forma como foram ditas e em que momentos.

“Ler e reler”: esse é um importante passo para a análise de dados citado pelos autores, exercício feito com as nove entrevistas realizadas. Após a leitura, foram criadas demarcações amplas nos textos, permitindo maior visualização de grandes temas.

O período de leitura das entrevistas foi marcado por reflexões em torno das questões formuladas, tanto das existentes em questionário, quanto das criadas a partir de colocações feitas anteriormente pelas entrevistadas. Entendemos que esse exercício nos levou a obter maior preparo para escutar as gravações posteriormente, facilitando a reflexão sobre os temas surgidos e lembrando o momento das entrevistas.

No momento de escuta das gravações, a repetição das entrevistas nos possibilitou a observação de temas comuns nas falas, tendo como informação adicional o tom de voz, os períodos de silêncio e risadas, favorecendo o melhor aproveitamento da entrevista.

5.4 Análise de narrativas

A análise de narrativa tem sua base na hermenêutica. Interessa-se pelo indivíduo e por seu relato por meio do próprio olhar e perspectiva. A abordagem pretende focar em elementos de construção da narrativa do indivíduo, tais como a ordem da narrativa e dos fatos e o modo pelo qual os assuntos e eventos são entrelaçados para constituir a experiência vivida pelo entrevistado (Czarniawska, 2004).

A análise dos dados é tratada a partir do que Hauptert (1990 apud Flick, 2009) apresenta, considerando importante para esse procedimento que aconteça a exposição cronológica dos eventos apresentados na entrevista, seguida de uma segmentação da entrevista em temas, buscando, então, os enunciados centrais da entrevista para prosseguir em uma análise sequencial. Para Smith, Flowers e Larkin (2009), a narrativa é a interpretação, de forma organizada, que se faz de uma série de eventos. O indivíduo, ao fazer uma narrativa, traz sentido à sua história, organiza fatos e realiza ligações entre eventos e causas.

Para a análise dos dados, é possível que o pesquisador realize seu trabalho em duas fases. Em um primeiro momento, o pesquisador tem a oportunidade de descrever os dados. É importante ressaltar que essa fase torna-se possível após o conhecimento profundo dos dados, discutidos na sessão anterior. Tendo esse conhecimento, é possível gerar *links* entre temas individuais e de outros participantes da pesquisa. A segunda fase no processo é de cunho

interpretativo, quando o pesquisador será capaz de realizar um debate entre os temas e a teoria relevante para a pesquisa.

Segundo Zaccarelli e Godoy (2013), podemos contar com três diferentes abordagens a fim de realizar a análise de narrativa: pode-se fazê-la de forma estrutural, temática ou performática. A análise estrutural atenta-se ao modo como o participante organizou a narrativa. A estrutura do que é dito e de que forma a narrativa é feita são os focos desta abordagem. A análise temática preocupa-se com o que é dito pelos participantes, “se baseia em relatos amplos que são preservados e tratados de forma analítica enquanto unidades” (Zaccarelli & Godoy, 2013, p. 28). A análise performática (ou dialógica) une as duas abordagens já apresentadas, amplia ainda o olhar ao “ambiente dialógico”, ou seja, observa o contexto no que diz respeito ao diálogo entre pesquisador e pesquisado.

Feita essa apresentação inicial de nossas escolhas de método e abordagem de análise, apresentaremos, a seguir, os temas encontrados em nossos dados para a realização da análise temática.

5.5 Temas para análise narrativa

Tendo como objetivo discutir as entrevistas realizadas, pretendemos definir temas iniciais para análise, seguindo modelo proposto por Brannen, Moss e Mooney (2004). A definição dos temas foi feita após as entrevistas iniciais. Os temas seguintes foram escolhidos para discussão por estarem presentes em mais de uma entrevista:

- Primeira experiência como babá;
- Experiências no contexto das famílias contratantes;
- Escolhas e planos profissionais;
- Experiências com as crianças da casa;
- Relações com colegas de trabalho na residência;
- Atividades propostas e rotinas definidas com as crianças;
- Responsabilidade;

- *Care* pago e não pago;
- Intimidade, amizade e trabalho;
- Responsabilidade: experiências e percepções sobre a responsabilidade dos pais e da babá;
- Confiança.

No decorrer da discussão de resultados, alguns temas foram interligados, assim como, a partir da exploração desses temas, outras discussões foram surgindo.

6. RESULTADOS

*Já fui mãe várias vezes sem ter filho, porque eu
sempre cuidei do filho dos outros muito bem
(Fernanda).*

6.1 As babás

Dentre as nove entrevistadas, algumas vieram de outros estados: Bahia, Pernambuco e Minas Gerais. Somente duas babás nasceram no estado de São Paulo: uma em Osasco e outra na capital. Este, para nós, é um dado importante, pois vemos em estudos internacionais a presença de imigrantes no trabalho do *care*. Em São Paulo, este também é um ponto relevante, pois a presença de migrantes do Nordeste ainda marca o trabalho doméstico e, em nosso caso, de *care*.

A escolaridade varia desde ensino fundamental até superior. Em relação às babás que concluíram o ensino médio, duas delas o fizeram por supletivo após anos de carreira. Nenhuma das profissionais fez curso preparatório de babás logo no início da carreira e as que possuem o curso fizeram-no por sugestão de agências de emprego especializadas ou a pedido de pessoas contratantes. Três babás não possuem o curso, embora uma delas seja técnica em enfermagem. Uma das entrevistadas faz, atualmente, curso preparatório para o vestibular e pretende prestar odontologia ou fisioterapia.

As mulheres entrevistadas iniciaram suas carreiras como babás a partir de diferentes experiências: algumas já desejavam trabalhar na área e outras iniciaram “por acaso”, por indicação ou por necessidade de trabalhar. Algumas têm filhos e trazem suas experiências como mães enquanto falam do cuidado à criança. Outras não têm, mas planejam ou desejam ter um. Essas entrevistadas representam as mulheres que cuidam dos filhos de outras mulheres que trabalham fora ou que não estão presentes durante todo o tempo da vida da criança por algum motivo.

6.1.1 Fazendo contato

Não foi difícil o contato com a maioria das babás. Por telefone, a receptividade foi boa, até surpreendente para nós, pois a disponibilidade para entrevista foi imediata. O contato pessoalmente aconteceu de forma individual e todas as participantes mostraram-se interessadas pela pesquisa, algumas solicitaram uma devolutiva posterior, que será realizada após a finalização do trabalho.

Com o passar dos dias, começamos a sofrer com algumas entrevistas desmarcadas próximas ao encontro ou mesmo com ligações não atendidas novamente. Uma das babás contatadas, que aceitou de imediato participar da entrevista, avisou-me dias depois que foi “proibida pela patroa”, e desmarcou, então, nossa reunião.

Nosso primeiro contato trouxe um inesperado retorno. Alice, que atende nossa ligação, pergunta muito sobre a pesquisa, quer detalhes e inicia um diálogo contando que atualmente não está trabalhando. Ela quer saber se é sobre emprego e diz que não está à procura de entrevista de emprego no momento. Após entender meu propósito, diz que vai pensar, organizar seus horários e ligar de volta em algum outro dia. Ficamos assim.

Reinício minhas ligações. Cinco minutos após nosso contato, o telefone toca e temos, então, a primeira entrevista agendada. Alice retornou de imediato a ligação, tendo decidido participar naquele mesmo dia, “*depois de terminar de fazer o almoço*”. Encontramo-nos em um *shopping* da zona leste de São Paulo. Entre minha ligação telefônica e nosso encontro, houve somente duas horas de intervalo e 20 km de distância.

Cada uma das babás entrevistadas pôde escolher o local da entrevista. Em geral, locais públicos, próximos ao local de trabalho ou de residência. Mesmo em férias, uma delas optou por me encontrar perto do trabalho e uma das entrevistadas me convidou a entrevistá-la em sua casa.

6.1.2 Apresentando as entrevistadas

Alice

Idade: 23 anos

Naturalidade: Pernambuco

Tempo de trabalho no emprego relatado: Relatou diversos

Escolaridade: Ensino médio

Características da função: Cuidados gerais com a criança, atividades lúdicas, higiene, preparar e oferecer alimentos, preparar para a escola e para dormir

Primeira experiência profissional: Em Pernambuco, aos 10 anos

Curso de babá: Sim

Atua como babá atualmente: Não (decidiu se afastar temporariamente por motivos emocionais)

Registro em carteira: Sim (babá-doméstica)

Como entrou no emprego: Indicação em todos e agência de babás

Filhos: Não

Betina

Idade: 47 anos

Naturalidade: Bahia

Tempo de trabalho no emprego relatado: Relatou diversos, entre um e três anos

Escolaridade: Ensino médio

Características da função: Cuidados gerais com a criança, atividades lúdicas, higiene, preparar e oferecer alimentos, preparar para a escola e para dormir

Primeira experiência profissional: Em 2004, trabalhava de doméstica e passou a cuidar das crianças na ausência de outro responsável

Curso de babá: Sim e curso de estimulação de bebês

Atua como babá atualmente: Não (na data da entrevista estava aguardando para reiniciar nesta área)

Registro em carteira: Sim

Como entrou no emprego: Indicação e agência de babás

Filhos: Sim

Célia

Idade: 38 anos

Naturalidade: Bahia

Tempo de trabalho no emprego relatado: Relatou dois trabalhos, um com duração de cinco anos e o atual, com sete anos até o momento da entrevista

Escolaridade: Ensino médio

Características da função: Cuidados gerais com a criança, atividades lúdicas, culturais, de higiene, preparar e oferecer alimentos, levar e pegar na escola, acompanhamento em consultas médicas e demais atividades

Primeira experiência profissional: Há 13 anos, por indicação

Curso de babá: Sim

Atua como babá atualmente: Sim

Registro em carteira: Sim (babá)

Como entrou no emprego: Indicação em todos

Filhos: Sim

Denise

Idade: 43 anos

Naturalidade: São Paulo

Tempo de trabalho no emprego relatado: Cerca de cinco anos

Características da função: Cuidar de duas crianças e cuidar da casa

Curso de babá: Não

Atua como babá atualmente: Não

Tempo que não atua mais como babá: Cinco anos

Registro em carteira: Sim (doméstica e babá)

Motivo da saída: Descontentamento com salário

Como entrou no emprego: Indicação de uma amiga, que trabalhou na casa

Experiência anterior como babá: Não

Evelyn

Idade: 52 anos

Naturalidade: Bahia

Tempo de trabalho no emprego relatado: Relatou diversos, o último com duração de duas semanas

Características da função: Cuidar da criança (higiene, preparar e oferecer alimentos, atividades lúdicas) e, em alguns lugares, cuidava também da casa

Curso de babá: Não

Escolaridade: Ensino médio

Atua como babá atualmente: Não

Registro em carteira: Não

Como entrou no emprego: Indicação em todos

Primeira experiência profissional: Em 1980, trabalhava como doméstica e passou a cuidar da criança que nasceu

Filhos: Sim

Fernanda

Idade: 27 anos

Naturalidade: Bahia

Tempo de trabalho no emprego relatado: Relatou diversos casos. Em seu emprego atual estava, na data da entrevista, a seis meses e pretendia continuar nele. As outras experiências variaram entre dois e quatro anos no emprego

Características da função: Cuidar da criança (atividades lúdicas, de higiene, alimentação e acompanhamento em consultas médicas)

Curso de babá: Não

Escolaridade: Ensino médio, cursando técnico em enfermagem

Atua como babá atualmente: Sim

Registro em carteira: Sim (babá)

Motivo de saída: Dentre os motivos de saída de seus empregos anteriores foram citados: horário, salário e descontentamento com a relação com os pais da criança

Como entrou no emprego: Indicação em todos

Experiência anterior como babá: Sim, sempre atuou nesta área

Primeira experiência profissional: Na Bahia, aos 18 anos, permanecendo dois anos neste emprego

Filhos: Não

Gisele

Idade: 35 anos

Naturalidade: Minas Gerais

Tempo de trabalho no emprego relatado: Relatou dois trabalhos, um deles com duração de três anos e meio

Escolaridade: Ensino médio, fazendo cursinho pré-vestibular na época da entrevista

Características da função: Cuidados gerais com a criança, atividades lúdicas, culturais, higiene e oferecer alimentos já preparados, levar e pegar na escola e demais atividades

Primeira experiência profissional: Em São Paulo, aos 23 anos

Curso de babá: Não

Atua como babá atualmente: Sim

Registro em carteira: Sim (babá)

Como entrou no emprego: Indicação em todos

Filhos: Não

Helena

Idade: 40 anos

Naturalidade: Minas Geais

Tempo de trabalho no emprego relatado: Relatou diversos, entre um e oito anos

Escolaridade: Ensino médio

Características da função: Cuidados gerais com a criança, atividades lúdicas, higiene, preparar e oferecer alimentos, preparar e levar para a escola e atividades em geral

Primeira experiência profissional: Há 20 anos, veio para São Paulo trabalhar com família

Curso de babá: Sim

Atua como babá atualmente: Sim

Registro em carteira: Sim

Como entrou no emprego: Indicação e agência

Filhos: Sim

Ivete

Idade: 50 anos

Naturalidade: São Paulo

Tempo de trabalho no emprego relatado: Desde 2007

Escolaridade: Superior completo

Características da função: cuidados gerais com a criança, atividades lúdicas, higiene, preparar e oferecer alimentos. Trabalha somente aos fins de semana

Primeira experiência profissional: desde 2007 como babá folguista

Curso de babá: Não

Atua como babá atualmente: Sim

Registro em carteira: Não como babá

Como entrou no emprego: Indicação e agência

Filhos: Sim

6.1.3 Conhecendo as histórias de cada babá

Pudemos acima conhecer o perfil das babás entrevistadas. Este tópico busca iniciar um relato das primeiras impressões da pesquisadora a partir da experiência da entrevista. Os relatos não partem de uma narrativa padronizada, mas trazem informações diferentes de cada entrevistada, importantes sob o ponto de vista da pesquisadora.

Alice

Chegou à entrevista um pouco antes de mim. Procuramos uma pela outra pelo corredor do *shopping* e fomos caminhando à procura de um café para sentarmos. Nossa conversa acabou acontecendo em meio à praça de alimentação lotada, pois já era por volta do meio-dia. Mesmo assim, o barulho não impediu o diálogo. Em alguns momentos do relato, os olhos de Alice brilham e lacrimejam e as pessoas ao nosso redor parecem estar mais distantes.

Alice é jovem, tem 23 anos, é casada e sem filhos. Sua cidade natal fica em Pernambuco e, segundo ela, é um vilarejo. Começou a trabalhar jovem, não frequentou a escola após o ensino fundamental e veio para São Paulo aos 17 anos, para trabalhar como babá e morar em uma “casa de família”, como é usual dizer.

Logo ela se casa e deixa a família com que trabalhava, em dois meses constitui sua própria família. A princípio, não tem contatos em São Paulo, mas começa, então, seus novos laços e sua história como babá.

Seus registros de trabalho são todos de São Paulo, os anos de experiência em Pernambuco estão registrados somente na memória de Alice, que mantém contato com as crianças a quem ajudou a cuidar. Seus cuidados iniciais começaram aos 13 anos, sempre auxiliando as mães, nunca sendo responsável diretamente por nenhuma criança.

Alice comenta que fez 17 anos no caminho para São Paulo e decidiu vir para esse trabalho “de um dia para o outro”, aproveitando a oportunidade oferecida por uma colega que

havia desistido de vir. A colega em questão resolveu ficar com a filha que adoeceu e ficaria aos cuidados da avó em sua cidade natal.

Suas outras experiências são todas mais curtas, ela não permaneceu mais de três meses com cada família. Sua última experiência a fez deixar por um tempo a profissão de babá. Alice foi acusada de roubo e não pôde se despedir das crianças de quem cuidava. Alice tem curso preparatório de babá e quer voltar a trabalhar na área, mas agora está “dando um tempo”.

Betina

Betina tem 47 anos, é casada e tem um filho já na adolescência. Veio de longe para me encontrar em um *shopping* da zona oeste de São Paulo. Conversamos sobre sua experiência e também sobre seus objetivos profissionais, já que está à procura de uma nova colocação como babá.

Betina sorri bastante, enfatiza o carinho por uma criança de quem cuidou por três anos, há dez anos, e não conseguiu em momento algum de nossa conversa se lembrar de algo que ela não goste em seu trabalho. Traz consigo um histórico de boas experiências com as crianças e suas famílias e reconhece sua preferência em cuidar de recém-nascidos. Como a postura de Betina se repete em relação a algumas entrevistadas, podemos questionar se existe uma fantasia por parte da babá de que esta pode ser uma “entrevista de emprego”. Nesse sentido, mesmo tendo sido informadas sobre a intenção da pesquisa, a entrevistadora se atentou, no momento de cada entrevista, em fazer questionamentos voltados a dificuldades no trabalho e não somente escutar os elogios.

Assim como Alice, Betina também trabalhou por anos como babá e doméstica informalmente e, somente após essa experiência na área, foi direcionada por uma agência para fazer curso preparatório para babá.

Terminou recentemente o ensino médio com supletivo, sendo esse um dos motivos por estar hoje sem trabalhar. Betina estava com uma entrevista de emprego agendada na época.

Célia

Entrevistar Célia não foi muito fácil. Nosso contato se deu por intermédio de outra babá entrevistada. Ao ligar para Célia, ela já conhecia a proposta da conversa e estava interessada em participar. Agendamos para a última semana de suas férias.

Horas antes de nossa entrevista, Célia avisou que não poderia comparecer. Marcamos, então, para a tarde seguinte. Nossa reunião aconteceu com uma hora e meia de atraso.

Conversamos sem pressa. Preocupada em se desculpar por tantas mudanças de horários, Célia retoma o assunto algumas vezes. Nosso encontro ocorreu em seu último dia útil das férias, ela estava resolvendo pendências pessoais.

Aos 18 anos, Célia foi proprietária de uma escola infantil, tendo deixado o negócio por questões burocráticas. Sem formação educacional necessária para o negócio, possivelmente Célia não pôde acompanhar as solicitações legais para manter a escola. Logo depois, decidiu que gostaria de continuar cuidando de crianças.

Sua experiência como babá é de mais de 12 anos e esteve trabalhando para duas famílias. Hoje ela permanece no segundo trabalho em que está há cerca de sete anos.

Cuidou por cinco anos de uma criança com diagnóstico de depressão, acompanhava em consultas e levava em passeios. Ficava sozinha com a criança, pois esta morava somente com o pai. Tinha liberdade para sair, fazer passeios e acompanhá-la na casa da avó. Até hoje, quando liga para receber notícias, é chamada de mãe pela jovem.

O trabalho de acompanhar uma criança com depressão a mantinha ali, mas os horários de saída do trabalho todas as noites eram um impedimento. Seus atrasos para chegar em casa resultaram no término de seu casamento. Sozinha, com quatro filhos, Célia continuou no emprego por se preocupar com a criança, mas, tempos depois, decidiu sair, indo cuidar do bebê com quem está até hoje.

Gosta da profissão, emociona-se em alguns momentos ao contar do trabalho, em especial de seus primeiros anos. Tem curso de babá e pretende continuar na profissão.

Denise

Denise prontamente concordou em participar da entrevista em nosso contato telefônico. Encontramo-nos em Osasco, em uma manhã de sábado. Ela trouxe consigo dois de seus filhos (ela tem ao todo três), que ora participavam de nossa conversa, ora saíam, percorrendo os corredores do *shopping*. Trabalhou como babá por quatro anos e espera voltar à profissão. Em nosso contato telefônico, Denise não mencionou ter mudado de área, recebi a informação somente em nossa conversa pessoalmente.

Denise começou a trabalhar como babá por acaso. Nunca participou de curso preparatório para babás. Suas funções na casa onde trabalhou eram várias: ela era responsável pela limpeza, cuidado com as crianças, pagamento de contas e compras de material da escola, entre outras atividades. Denise conta, aos risos, que levava as crianças da patroa para “aprender a andar de ônibus”, tendo, segundo ela, a aprovação da mãe. Em relação às atividades recreativas das crianças, a mais citada foi a de “assistir TV”.

Dentre as babás entrevistadas, Denise apresentou de modo diferente sua experiência, relatando ter saído por dinheiro e se arrependendo disso por perder o apoio de “amigos”. Aqui, Denise refere-se aos antigos patrões como amigos, pois relata ter recebido ajuda em situações pessoais e, após sua saída deste emprego, perdeu o marido e sentiu-se desamparada. Denise ficou viúva quando estava grávida de sua filha e hoje não tem muitos horários disponíveis. Trabalha atualmente como faxineira, saindo do trabalho por volta das 16h. Os cuidados com sua filha são sua prioridade. Ainda tem planos de voltar a ser babá, mas quer esperar sua filha, de quase dois anos, tornar-se mais independente.

Evelyn

Encontrei Evelyn em um *shopping* da zona norte de São Paulo. Evelyn não está trabalhando atualmente. Ela quer voltar a atuar profissionalmente, mas não está certa da área em que pretende trabalhar, tendo como possibilidade, além do trabalho de babá, atuar como cuidadora de idosos ou como costureira.

Sua maior experiência na área foi antes de se casar, cerca de 20 anos atrás, e mantém contato com as pessoas de quem cuidou. No decorrer da entrevista, relata por diversas vezes

seu arrependimento por parar de trabalhar depois do casamento e, agora, separada, tenta voltar, pois, além de gostar de trabalhar, Evelyn precisa de dinheiro.

Recentemente, foi indicada para ser babá de uma menina de um ano e nove meses. Permaneceu na casa por cerca de duas semanas, mas não continuou. O motivo declarado da demissão foi a preferência por contratar uma babá enfermeira, porém a amiga que a indicou e que trabalha na mesma casa contou-lhe que o motivo foi a não adaptação da criança à babá. Evelyn percebeu essa resistência por parte da criança e atribuiu isso à diferença racial. Evelyn conta que se chateou, foi a primeira vez que foi rejeitada por alguma criança de quem cuidou. A mãe da criança estava grávida, de licença médica e teria bebê em breve. Antes dessa experiência, ela cuidou de uma menina em sua própria casa, ficou amiga da mãe da criança que ainda a visita para brincar.

Suas experiências mais antigas duraram no mínimo dois anos. Evelyn não tem curso de babá e relata, em tom de brincadeira, que não conhece mais as músicas infantis.

Fernanda

Fernanda veio acompanhada pela irmã, que decide passear pelo pequeno *shopping* da Lapa enquanto conversamos, pergunta se vamos demorar e pede para sermos breves.

Ela é casada, tem 27 anos, sem filhos. Fernanda começou a trabalhar aos 18 anos como babá, saiu da Bahia e veio morar em São Paulo, permanecendo na profissão.

A conversa durou cerca de 50 minutos, mas ainda tínhamos muito a conversar. Fernanda decidiu contar mais sobre a experiência que mais a marcou. Trabalhou para uma família com gêmeos, sendo um deles deficiente. A mãe da criança não lhe alertou sobre o fato, mas Fernanda percebeu mudanças bruscas no comportamento do bebê e ficou sabendo pela empregada da casa das dificuldades da criança. Para essa família, Fernanda trabalhou por dois anos e, segundo ela, sua permanência na casa se deu pela preocupação com o menino e pelo medo de quem viesse a cuidar dele depois não o fizesse direito.

Atualmente trabalha cuidando de um bebê e decidiu ser este seu último trabalho como babá. Ela pretende ficar com essa família até a criança crescer um pouco mais e, então, quer

trabalhar na área da saúde, já que tem curso de auxiliar de enfermagem e ainda pretende cursar o técnico na área.

Gisele

Gisele é aluna de inglês de um contato da pesquisadora, tem aulas particulares semanais e concordou prontamente em fazer parte das entrevistas. Mora com uma família para a qual trabalha há oito anos. O encontro foi em um *shopping* da zona sul de São Paulo em uma manhã de terça-feira.

É mineira, tem 35 anos e veio para São Paulo a fim de estudar. Encontrando-se em dificuldade financeira, aceitou a proposta de emprego de babá, sem ter qualquer experiência. Trabalhou inicialmente com uma família em cuja casa aprendeu a ser cuidadora. A mãe do bebê treinou-a por cerca de três semanas, tendo, inclusive, de ensinar a trocar fraldas. Morou nessa casa por cinco anos e ali nasceu mais um bebê, de quem cuidou até os dois anos de idade.

No decorrer da entrevista, emociona-se ao falar da saída dessa casa, pois não teve chance de se despedir das crianças. A mãe, naquele momento, pediu para a babá não contar aos filhos que não voltaria mais. A saída se deu porque Gisele não queria mais trabalhar aos fins de semana e não houve negociações. Ao sair de lá, foi indicada pela própria família ao seu trabalho atual.

Sua relação com essa família atual é boa, ela mora na casa dos patrões, tem liberdade para sair com a criança, decidir os passeios e dirigir o carro para irem ao cinema, exposições, praça etc. Pode agendar seus compromissos enquanto a criança está na escola.

Gisele atualmente estuda aos sábados e pretende prestar vestibular no final do ano. Quer cursar odontologia ou fisioterapia, mas sabe das dificuldades por estar sem estudar há 13 anos.

Helena

Helena me recebeu na casa de uma amiga sua, na zona norte de São Paulo. Ela foi indicada por outra babá entrevistada e aceitou participar prontamente. Havíamos marcado o encontro em uma pracinha de seu bairro, mas, no caminho, Helena me ligou alterando os

planos. Pudemos conversar na casa de sua amiga, contando, em alguns momentos, com a companhia de seu filho e de uma outra criança moradora da casa. Ofereceram-me chocolate e café. A recepção começou já na calçada pelas crianças vizinhas curiosas com minha presença.

Helena tem um filho de três anos e é solteira. Decidiu ter “um filho seu” por gostar de crianças e já ter cuidado de várias. Sua experiência como babá iniciou-se em Minas Gerais, estado de onde saiu ainda adolescente com uma família para trabalhar em São Paulo. Está na carreira há cerca de 20 anos e não pretende mudar da área, conta gostar de crianças e querer trabalhar enquanto puder.

Ivete

Ivete tem 50 anos, possui faculdade de Música e Pedagogia. Tem vasta experiência em educação e trabalha atualmente como educadora em um berçário particular em São Paulo. É babá folguista aos fins de semana desde 2007.

Gosta de cantar para as crianças de quem cuida, estimular brincadeiras pedagógicas e, segundo ela, a única coisa que gostaria de mudar em seu trabalho de babá seria a cor de roupa utilizada (as babás na cidade de São Paulo utilizam, em sua maioria, roupas brancas para trabalhar). Ivete, às vezes, sente-se pouco requisitada pelos pais para quem trabalha que, a seu ver, são bastante participativos.

Com um perfil diferente das outras babás entrevistadas, Ivete tem um salário relativamente mais alto e, apesar de não considerar que sua formação superior tenha influência nas contratações, acredita ser bem-remunerada.

A escolha por trabalhar como babá folguista deu-se pela oportunidade surgida em um momento específico de sua vida, já que é separada há pouco tempo, tem filhos adultos e acredita ter tempo e disponibilidade para dormir e viajar com uma família contratante sem que isso atrapalhe sua vida pessoal.

Nossa entrevista ocorreu em um fim de tarde de sábado, em um *shopping* na zona norte da cidade. Antes de sentarmos para conversar, Ivete me pediu para acompanhá-la ao caixa do cinema, pois iria assistir a um filme em seguida. Ingresso comprado, nos demos conta de que teríamos uma hora e quinze minutos para conversar antes de seu compromisso. A

entrevistada brinca: “*minha filha nunca gosta dos mesmos filmes que eu, então já me acostumei a vir sozinha ao cinema*”.

6.2 A babá e seu trabalho

6.2.1 Escolhas e planos profissionais

É como eu falo sempre, né, para ser babá tem que gostar, né, tem que gostar porque hoje em dia você vê, acontecem muitas coisas aí, acho que há pessoas que só vai trabalhar por dinheiro, né, não é porque gosta. E eu adoro minha profissão, eu gosto muito da minha profissão (acha graça)
(Célia).

Em São Paulo, existem poucas agências especializadas no trabalho de babás, pois a maioria oferece diversos serviços domésticos. Os cursos preparatórios para babás têm cargas horárias que variam entre 11 e 64 horas, com temáticas e programações bastante distintas entre eles. Na cidade, existem ainda agências que oferecem o serviço de profissionais que cuidam de crianças, mas essas possuem maior nível de escolaridade, podem ser bilíngues e ter conhecimentos em arte, por exemplo. Essas profissionais são chamadas “orientadoras” (França, 2014) e recebem salários mais altos, não fazem a função de organização e limpeza dos objetos da criança, sendo encarregadas somente das atividades gerais de alimentação, higiene e lúdicas. Segundo França (2014), essas profissionais preferem não ser chamadas de babás. Recentemente foi criado no Brasil um aplicativo que busca conectar famílias e babás cadastradas (Menezes, 2016).

Os perfis variados das babás chamam a atenção para a vantagem em ter formação: as babás entrevistadas que possuem cursos têm mais facilidade de recolocação, ficam pouco tempo sem trabalho e podem escolher mais por critérios como localização, idade e sexo da criança de quem irão cuidar.

Nenhuma das babás entrevistadas realizou o curso preparatório de babás com o intuito de entrar na profissão. Elas passam a cursá-lo a partir da solicitação da família ou de seu próprio desejo por melhoria na profissão.

A relevância dos cursos é questionada por algumas, mas, de qualquer forma, as babás que os realizaram, acreditam ter valido a pena, mesmo que seja pelo fato de sentirem-se mais seguras após sua realização.

Tudo que tinha no curso eu já sabia, já... me ajudou, lógico, né, quanto mais você saber, melhor, né, mas, assim, a maioria... tudo... já sabia de tudo, né, já sabia como agir, lidar com a criança e tudo, né, eu já sabia (Célia, que realizou o curso, a pedido dos pais contratantes, em seu segundo e atual trabalho na área, quando começou a cuidar de uma recém-nascida).

A legitimação do conhecimento parece ser a maior vantagem em realizar as aulas. Ivete, a única dentre as entrevistadas com formação superior, optou por não realizar o curso, acreditando ter o conhecimento por eles oferecidos:

Ah, eu não sei porque eu não fiz o curso. Talvez se eu fizesse, pudesse pensar assim, “Não. Acrescentou ou não alguma coisa”, não é? Eu gostaria de fazer um curso de berçarista da Cruz Azul, que eu sei que é um curso diferente dos cursos que têm por aí, que os cursos que têm por aí, que eu... assim, que eu conheço... que já me falaram, eu acredito que não vai me acrescentar em nada (Ivete, pedagoga com experiência em creche).

Para Ivete, que tem formação em Pedagogia, o curso não parece tão atraente, mas, para as babás, que em sua maioria não possui nenhuma formação profissional, o curso oferece um título que as permite maior acesso às boas opções na área.

Ninguém nunca chegou pra mim e falou: olha, é assim, assim... depois do curso que a gente foi pegando as aulas, as professoras foram muito boas, mas eu tinha uma delicadeza muito grande pra dar banho em recém-nascido, porque eu não sabia mais ou menos a maneira, e hoje não. Através do curso que a gente teve aula de banho, eu já sei como dar banho sem... com aquela segurança, que eu não tinha, então o curso pra mim, esse curso, de duas semanas, foi um curso bem lucrativo (Betina, que realizou o curso enquanto já atuava na área, incentivada pela agência de babás ao procurar um novo emprego).

A “segurança” sentida por Betina parece estar relacionada ao fato de perceber que aprendeu com bons professores. O treinamento realizado por profissionais não é o mesmo que um treinamento com um familiar da criança.

O incentivo da agência dado às babás no que se relaciona à formação profissional, parece não somente prepará-las melhor para o mercado, como trazer a elas o entendimento de que o trabalho de babá é um trabalho que requer conhecimento e especialidade, e não pode nem deve, ser realizado por qualquer pessoa.

O curso então, deveria fazer o papel formador, transformar o trabalho da babá em um trabalho de cuidar, diferenciar sua profissão da empregada doméstica. Mesmo tendo os mesmos direitos legais, o curso permite um certo pertencimento a uma especialidade profissional que a empregada doméstica não tem. Essa formação, tão diferente em cada escola, ainda não realiza, por completo, essa função.

Antes mesmo de decidirem pela área, Célia e Ivete já tinham contato com algum tipo de trabalho *nurturant occupation* (Duffy, Armenia, & Stacey, 2015). Apesar disso, não percebemos na carreira de Célia alguma vantagem relacionada a essa experiência anterior. Em relação a Ivete, já trouxe benefícios e dificuldades, que comentaremos à frente em nossa discussão.

Vindas de uma história ligada em educação, as duas babás trazem nas bagagens o cuidado oferecido no ambiente escolar:

Eu tive uma escolinha... assim, eu tinha 42 crianças, só... de um ano a seis anos, só que o que é que aconteceu? Aí, como você sabe, né, é muita burocracia (Célia).

Mesmo sem formação superior, Célia teve, aos 18 anos, uma pequena escola de educação infantil na periferia de São Paulo. Não conseguiu manter o negócio e, anos depois, recebeu o convite para trabalhar como babá.

Ivete trabalhou por anos em educação como professora de artes e hoje divide seu tempo entre um berçário, em uma escola infantil particular, e a família para quem trabalha quinzenalmente aos fins de semana.

Porque eu dava aula para adolescente, e aí depois eu peguei, enquanto eu pude pegar o EJA, que eram os adultos, eu amava. Mas aí fechou muita escola à noite, já não dava mais que... por conta de violência mesmo. Aí tinha que pegar adolescente à tarde, aí eu cansei. Eu falei “não, eu acho que o meu negócio é pequenininho mesmo, vou ficar com os bebês” (Ivete).

A decisão em cuidar de criança vem então após experiências profissionais diferentes do trabalho de babá, mas que as ligavam ao cuidado.

Dentre nossas entrevistadas, três tentaram uma nova profissão e retornaram ao trabalho de babá após a experiência. Betina, uma de nossas entrevistadas, decidiu em um momento da carreira de babá sair do emprego em que estava há três anos e mudar de área. Apesar de em seu depoimento relatar o sofrimento em se afastar da criança de quem cuidava, Betina aceitou o convite de uma irmã para montarem juntas um novo negócio:

Olha... é... e tenho uma irmã, ela resolveu trabalhar assim, com salgado, ela me chamou: “olha, vamos tentar, a gente monta um negócio nós duas?” É... eu tenho 20 anos aqui (em São Paulo), meus 20 anos aqui foi trabalhando direto, ela falou assim, “vamos dar uma pausa, é um trabalho mais tranquilo”, e eu falei assim: “olha, eu vou pensar”. Aí ela arrumou, tava tudo certo, ela falou: “vem, vamos fazer uma experiência”. Aí eu fui, falei assim: “tenho que conversar com eles (família com quem trabalhava) pra ver se eles arrumam alguém”. Aí fui, conversei. Nossa, foi um clima assim, difícil (Betina).

Betina continuou a trabalhar com a irmã por um tempo (não especificado na entrevista) e manteve algum contato com a família e a criança em questão, não voltando a trabalhar mais para eles. Após essa experiência, Betina retorna ao trabalho como babá, mas com uma outra família.

A decisão de deixar a função de babá e trabalhar com alimentos também ocorreu com Helena. Cuidando por sete anos de crianças em uma família, Helena, que julgava as crianças já crescidas, decide sair do emprego:

Sete anos e a outra com seis, aí eu resolvi sair. Saí, fiquei uma semana em casa e falei: “Quer saber, agora eu vou partir pra outra área, não quero mais ser babá, não”. Aí eu falei: “quer saber, vou estudar, vou fazer curso, vou fazer... tentar outra área”. E assim eu fiz, abri uma lanchonete, e eu falei: O que? Não, não é comigo não. Aí eu falei: Quer saber, vou voltar de babá de novo.

Abri uma lanchonete, trabalhei três meses... não, quatro meses na lanchonete, fazia salgadinho, servia cliente e tal. Não, não, não, não é, não faz parte comigo (sic) de jeito nenhum (sic)... Assim, mexer com cozinha, fritura... o meu negócio é todos os dias é aquela mesma coisa, amanhã fazer lanche e tal, servir cliente... não, eu falei eu quero novidade. Levantar de manhã, brincar de uma coisa, depois no outro dia brincar de outra coisa, hoje ela chorou amanhã ela não chora, hoje ela fala uma coisa, amanhã ela aprende outra coisa. É esse eu ramo, aí eu saí, fechei a lanchonete e falei assim: Ah, vou ter que ir pra agência (Betina).

Helena se recolocou como babá em 15 dias e permanece trabalhando para a mesma família há sete anos.

[...] aí eu saí da lanchonete e fui babá de novo, graças a Deus (Helena).

Sua satisfação com o retorno à área é expressa na entrevista: “*graças a Deus*”. Após esse período de experiência, a babá deseja permanecer em alguma carreira que Duffy, Armenia e Stacey (2015) definem como *nurturant occupation*:

Meu foco mesmo vai ser criança, e eu falo hoje... até hoje, se eu for estudar vou fazer pedagogia, uma (carreira) que envolva criança.

Alice também teve uma experiência diferente:

Eu acho que... eu já tentei mudar, já trabalhei em loja, de noiva também, que é dessa minha patroa, depois que eu sai das gêmeas eu fui para loja dela. Trabalhei na loja de vestidos, de vendedora, não gostei. Trabalhei, já tive outras... profissões para fazer, mas não consigo. Meu marido fala assim: “Nossa! tem tanta coisa para fazer, não sei porque você gosta tanto”. Daí eu fui fazer o curso: “mas por que é que você quer fazer de babá?”, “porque é o que eu gosto de fazer” (Alice).

As três histórias têm mais em comum além da experiência em outra área. Helena, Betina e Alice vieram de outros estados para São Paulo e tiveram profissionalmente suas primeiras experiências no ambiente doméstico. A busca em torno de satisfação profissional as levou de volta à profissão de babá. Olhar outras oportunidades parece trazer a elas alguma certeza de estarem no lugar que as realizam, tendo em vista as outras oportunidades que tiveram: Alice, em sua experiência como vendedora, e Betina e Helena, no ramo alimentício.

Célia mantém uma atividade extra e acredita que, se tivesse oportunidade em manter-se somente no comércio, atividade que possui além de babá, teria mais tempo livre:

Eu tenho planos também... tipo, ter meu próprio negócio, né, que, além de babá, eu também sou vendedora, né, como se diz... eu sou “sacoleira” (acha graça). Eu tenho planos também de ter um negócio próprio, né, de vendas, essas coisas de vendas, né, aí sim, se eu conseguisse, eu sairia da minha profissão, eu teria mais um tempo para mim, né (Célia).

Mesmo com planos de mudança na profissão, Célia ainda pensa na possibilidade de conciliar as duas coisas. A queixa maior é relacionada à carga horária dedicada para a mesma função:

Isso, né, é isso que eu gostaria, né (ter o trabalho de babá e sacoleira). Não penso em deixar ela, sei que eu vou deixar, né, lógico, uma hora ou outra vou ter que deixar ela, mas o que eu penso é que a gente poderia entrar em um acordo de eu sair mais cedo para mim estudar, voltar a estudar, fazer um curso, sei lá qual, é isso, mas para eles... assim, eu acho que... não sei, eles não pensam muito em mim na verdade, né (Célia).

As transições na carreira e as experiências em áreas distintas nos trazem à realidade do trabalho desvalorizado das babás. Essa desvalorização vai além de quem contrata, é uma percepção geral, que as afasta da área e as leva a outras experiências. O que as faz retornar parece mais ligado ao afeto e às histórias de boas relações com as crianças. O trabalho do cuidar, precário e desvalorizado, é também um trabalho no qual a relação de quem cuida com quem é cuidado afeta a qualidade de vida das partes (Soares, 2012). Isso pode explicar o fato de as babás retornarem à área, a partir da lembrança de boas relações, pois suas transições são para áreas também pouco remuneradas e precárias.

Apesar de gostar de ser babá, Ivete acredita precisar de seu trabalho como berçarista, além de tempo livre para lazer e estudos.

Eu não sou uma pessoa (acha graça) de uma coisa só, não. Tanto que no berçário eu só trabalho seis horas (Ivete).

Seus planos futuros são, além de continuar trabalhando nas duas áreas, estudar gastronomia, por gostar muito de cozinhar.

O perfil de Ivete, diferente das outras babás entrevistadas, garante a ela opções de escolhas em seu ritmo de vida, carga horária e mudanças no ambiente de trabalho, tendo contato com rotinas e pessoas diferentes. Apesar de ter nível de escolaridade maior que as outras e receber uma remuneração alta na função de babá, Ivete não acredita que sua formação faça diferença no momento da contratação. Tendo inclusive tido uma rejeição por conta disso:

Eu fui fazer entrevista num lugar que a agência disse que era, só que depois ela passou para a agência que ela achou que eu tinha... eu era muito qualificada (Ivete).

O desejo de se manter como babá está presente em algumas das entrevistadas. Outras, desempregadas atualmente ou atuantes como domésticas, gostariam de voltar ao trabalho de babá. Apesar de nunca ter feito curso de formação para a área Denise deseja voltar a ser babá:

Ah, porque... babá é um serviço bem melhor entendeu? Você não tem que se matar tanto e você cuida de criança, que eu gosto (Denise).

Denise deixou seu trabalho de babá por não conseguir entrar em um acordo sobre um melhor salário. Trabalhando como diarista, deseja retornar à área e compara as duas profissões, definindo que não precisa “se matar tanto” sendo babá. As comparações entre as

duas profissões vão além, como a falta de ter um relacionamento com as famílias para quem trabalha como diarista e de estabilidade. Em relação ao salário, Denise acredita ter feito uma boa escolha, pois recebe mais trabalhando com faxina em várias casas, apesar de não ter considerado o registro em carteira como vantagem.

A história de Denise nos chama a atenção para a proximidade da figura da babá com a profissão de doméstica, o que torna-se trivial e óbvio nos relatos. A questão da proximidade ou quase confusão do trabalho da babá com o da doméstica não se relaciona somente a uma questão legal que coloca a babá dentro da categoria de trabalho doméstico, mas distancia a babá do trabalho do *care*, enquanto categoria.

É relativamente fácil para doméstica transformar seu trabalho em trabalho de babá. Qual seria a relação dessa transição com a desvalorização do trabalho e o movimento de saídas e retornos da área?

Também me parece importante refletir em que medida a construção da ocupação de cuidadora implica a produção de distinções sociais e de hierarquia entre as trabalhadoras domésticas que executam tarefas de limpeza, arrumação, etc. Nas casas, por um lado, e as trabalhadoras de cuidado, por outro (Sorj, 2014, p. 126).

A história profissional de Evelyn mudou após seu casamento. O marido preferiu que Evelyn deixasse sua vida profissional e se dedicasse à casa e educação dos filhos. Hoje, com filhos crescidos e separada do marido, ela procura recolocação na área, mas tem dificuldades com registros tão antigos na carteira. Sem trabalho, encontra oportunidades em diversas áreas diferentes, não ficando satisfeita. Trabalhou em *telemarketing* e costura. Desempregada, sabe que não poderá escolher:

Mas, o que vier... eles perguntam se eu tenho problema em cuidar de criança e de casa, eu falo, “não, não tem problema nenhum”. Agora, vamos ver. Mas acho que o que está mesmo dificultando, assim, é o registro recente. Ainda até falei para a moça: “Ah, se ninguém me der outra oportunidade, nunca vou ter um registro recente.” Agora, se não tiver jeito mesmo, eu tiver que ir para a área de telemarketing, eu quero, assim, que seja um de segunda a sexta, mas que não seja negócios de banco. Eu acho muito complicado (Evelyn).

Evelyn não conseguiu ainda se recolocar na profissão e tenta, sem sucesso, encontrar um trabalho que a satisfaça. Com ensino médio e sem formação específica, a entrevistada relata ser o trabalho de babá o que mais gostaria de realizar. Mas Evelyn, na ocasião da

entrevista, estava planejando participar de um curso de cuidador de idoso, mesmo não desejando trabalhar na área.

As babás reclamam da falta de tempo para estudar, algumas pararam temporariamente de trabalhar para concluir o ensino médio (Betina, Helena), enquanto uma delas (Gisele) saiu de um trabalho por decidir estudar aos sábados e não ter permissão:

Na verdade eu estou (sem trabalhar) desde setembro do ano passado, pelo fato que eu estava estudando, tava difícil os horários e eu dei preferência a terminar os estudos (Betina concluiu recentemente o ensino médio).

Betina estava retomando o trabalho e, após nossa entrevista, comentou que não teria mais tempo livre, pois não demoraria a voltar a trabalhar.

Porque... eu queria, na verdade, eu queria estudar. E como eu folgava a cada 15 dias, eu não tinha horário, não tinha horário pra nada. Ai... ela, eu conversei com ela que eu queria estudar, ela falou pra mim que não dava... (Gisele).

Pelo fato de esperarem os pais chegarem em casa para, então, conseguir sair, as babás não conseguem comprometer-se com aulas à noite, o que dificulta seu crescimento profissional.

Gisele deseja fazer um curso superior. Na fase em quem ocorreu a entrevista, ela estudava aos sábados em um curso pré-vestibular para tentar entrar em uma universidade pública. Seu desejo era estudar odontologia ou fisioterapia. A babá que saiu de um emprego no qual não conseguia ter folga todos os fins de semana está há anos trabalhando para uma família, na casa de quem mora, e tendo os fins de semana livres. Nesse tempo, faz cursinho pré-vestibular. Dentre as entrevistadas, Gisele é a única que mora no trabalho. Outras babás já tiveram essa experiência e optaram por alterar essa combinação.

Sorj (2014) aponta como uma das mudanças a partir da formalização do trabalho doméstico uma diminuição entre as trabalhadoras que residem no trabalho. Para a autora, isso acarreta também em uma mudança no estilo de vida e na relação entre patrões e trabalhadora que “hoje buscam ganhar maior controle sobre suas vidas e estabelecer relações menos paternalistas com os patrões” (p. 124).

Com planos de mudar de profissão, mas continuar na área de *care*, Fernanda estuda com o desejo de mais reconhecimento:

Então, assim, eu já fiz auxiliar de enfermagem e eu pretendo agora fazer o meu técnico. Quando eu terminar o meu técnico eu vou trabalhar na área, não vou mais trabalhar como babá. Porque muitos pais não reconhecem o seu serviço, entendeu? (Fernanda).

Paperman (2013 apud Hirata, 2014) insere o termo “círculo vicioso” ao tratar da desvalorização do trabalhador de cuidado e de quem recebe o cuidado (pessoas em situação de dependência, que ela coloca como “vulneráveis”). O círculo vicioso se dá quando pessoas dependentes são cuidadas por profissionais também desvalorizados. O trabalho desses cuidadores não recebe reconhecimento, pois quem é cuidado não tem voz para demonstrar esse valor. Apesar do trabalho das babás ter ainda pouco reconhecimento, no discurso das babás, cuidar de um bebê ou criança traz prazer, por ser a criança um ser que aprende, cresce, interage, o que, talvez seja diferente de outros tipos cuidados.

Uma de nossas entrevistadas relata sua preferência ao cuidado do bebê e refere-se ao “trabalho sujo” com idoso (Molinier, 2012) como penoso e difícil. Apesar de, no início de seu relato, a entrevistada colocar os dois cuidados como sendo o mesmo trabalho, aos poucos vai mudando seu discurso.

Eu não acho que tem muita diferença. Porque a minha vó, quando foi ficando bem com uma idade avançada, ela parecia criança, né? Então, eu acho que não teria diferença. Só que, assim, o idoso mais acamado... Eu tenho uma amiga, essa minha amiga me inscreveu, ela trabalha. Só que, assim, eu falo que eu não tenho estômago pra mexer com pessoas de fralda. Para mim não dá

Entrevistadora: *Mas e o bebê?*

Aí, eu não sei. Criança eu limpo, eu faço o que for. Mas uma pessoa já mais velha, assim, se for trocar de fralda, para mim não dá. Criança, eu não tenho problema nenhum. Não tenho problema nenhum (Evelyn).

A diferença entre o cuidado com o idoso e com a criança parece confirmar nosso pensamento de que a criança não é considerada de pouco valor, pois irá crescer, o idoso traz a dependência já estabelecida.

O desejo de Evelyn de cuidar de criança, suas experiências na área e as tentativas em outros setores nos apresenta um cenário em que a babá vivencia uma realidade de trabalho pouco valorizado, com baixa profissionalização, acarretando em uma série de dinâmicas como, por exemplo, entrada e saída da profissão e desrespeito ao trabalho por parte de contratantes, deixando a babá com poucas chances de melhorar profissionalmente.

Conhecer as escolhas profissionais e os desafios vividos nos permite compreender melhor o caminho de cada babá e as relações neles estabelecidas. O histórico profissional, as oportunidades encontradas, as experiências diversas e as decisões tomadas em relação ao trabalho permitem nosso melhor entendimento das relações e os limites de cada uma das babás.

O que é delas nos foi trazido e nos servirá agora como moldura de cada um dos relatos. Dessa forma, acreditamos ser mais fácil compreender o modo de cada uma delas vivenciar a profissão.

6.2.2 Experiência profissional como babá

Foi meu primeiro emprego registrado (Denise).

Nesta seção, falaremos do cuidado pago das babás e do início da história profissional de cada uma das entrevistadas. As condições de trabalho e a trajetória profissional dessas babás nos trazem a chance de refletir sobre a desvalorização desse tipo de *care*, assim como coloca em questão o (des)preparo das profissionais.

Vindas de outros estados ou nascidas em São Paulo, as entrevistadas permanecem na cidade em condições diversas de trabalho. No início de suas carreiras, algumas dessas mulheres trabalharam fazendo limpeza, cuidando de crianças e das respectivas casas conjuntamente. Algumas delas iniciaram sua vida profissional já como babás, às vezes, por alguma indicação inesperada e, em algumas situações, pelo desejo por trabalhar na área. O baixo salário, as mudanças legais lentamente conquistadas e a dificuldade em fixar um horário para deixar o trabalho são realidades de todas.

Migrantes internas e com pouca escolaridade, algumas contam experiências anteriores em seus estados de origem, sem registro em carteira de trabalho, mas opções viáveis para receber algum salário:

Eu decidi ser babá desde pequena que, lá em Pernambuco a gente já cuidava de criança, então daí a opção foi trabalhar; o trabalho da gente era mais ou

idoso, ou cuidar de criança (Alice, que trabalha desde os 10 anos como cuidadora).

Sem planejamento, o trabalho do *care* surge como uma alternativa possível para Gisele, que vem de Minas para São Paulo com o intuito de trabalhar e estudar. Não conseguindo emprego para se manter, Gisele decide aceitar a única proposta de trabalho em três meses em São Paulo:

Porque eu vim para São Paulo, sou de Minas, vim pra São Paulo pra tentar estudar e trabalhar, e acabei que eu não consegui estudar... Consegui arrumar esse emprego de babá. [...] Eu, na verdade, eu tava pensando em ir embora. Eu já tinha três meses que eu tava aqui, dois meses, três meses, e eu não encontrava trabalho (Gisele).

Duas das babás entrevistadas foram convidadas a vir com famílias para São Paulo para morar e trabalhar nas residências. As duas, que vieram jovens, permaneceram em São Paulo, atuando como babás após saírem do primeiro emprego. Nenhuma delas tinha planos de sair de seu estado natal, mas encontraram na profissão essa oportunidade.

Eu vim de Minas para cá e... para trabalhar como babá, cuidando de criança e assim, trabalhando com a criança, vai desenvolvendo aquela vontade, aí eu falei “saindo daqui, vou procurar um outro lugar que eu seja babá”. E assim aconteceu... (Célia).

Uma vizinha minha arrumou, em 2008. Em 2008 ela arrumou pra mim esse serviço, daí eu vim de lá pra cá, cuidei das crianças... (Alice).

Relatos de baixa remuneração e longas jornadas de trabalho fazem parte das entrevistas que nos revela as dificuldades do início e manutenção do emprego em São Paulo.

Alice, nascida no interior de Pernambuco, não conhecia São Paulo, já havia trabalhado em Recife e relata a postura das famílias de cidades mais desenvolvidas em “buscar alguém para trabalhar”. Na fala de Alice, podemos notar a baixa expectativa de algumas famílias em relação ao preparo profissional, ou seja, pode ser qualquer pessoa que realize o trabalho, permaneça por dias sem folga e receba um baixo salário. Alice, que chegou em São Paulo em 2008, recebia um salário de R\$ 300,00 (valor menor que um salário mínimo para o período, que esteve entre R\$ 380,00 até março de 2008 e passou a R\$ 415,00 a partir desse mês). Nessa experiência, Alice morava com a família, dormia no mesmo quarto que as duas filhas menores, acordava no decorrer da noite para alimentar as bebês e, em seu único dia de folga da semana, o domingo, permanecia com a família:

Trabalhava. Trabalhava de segunda a sábado. No domingo, eu tinha a minha folga. Mas sempre saía com eles, também. Sempre estava junto com eles. Porque, quando eu vim em 2008, eu tinha 17 anos. Eu morava com eles. Ai na época ganhava 300 reais. E eram quatro crianças, era bem puxado. Era bem complicado (Alice).

As conquistas legais de 2006 aos poucos alteraram algumas relações trabalhistas nas histórias relatadas. Alice, ao chegar, não conhecia seus direitos, assim como não tinha opção, o que possibilitava à família abusos e desrespeito ao seu trabalho. O baixo salário e as péssimas condições representavam a possibilidade de permanecer em São Paulo e iniciar uma carreira. Alice permaneceu por um mês nesse trabalho, casando-se com um empregado da casa e vivendo com ele desde então. Esse foi o único trabalho no qual Alice morou.

Mais informada em relação aos seus direitos e com moradia própria, o que a proporciona a opção de sair do emprego sem perder moradia, Alice, com anos de experiência trabalhando em São Paulo, recorre à agência de empregos quando tem dúvidas trabalhistas.

Aí a menina falou para mim assim: “vai acabar, eles não pagam hora extra”. Falei “não, mas a (agência) conversou comigo e tem que pagar hora extra”. Porque é o que a gente tem hoje (Alice).

“A gente tem hoje” representa direitos adquiridos e que precisam ser respeitados. A postura de Alice frente ao desrespeito dos patrões à lei exemplifica uma alteração na postura dessas profissionais em buscar os direitos e mudar o padrão antigo do trabalho doméstico sem limites de horários e salários abaixo do mínimo. A profissão de *care* no ambiente doméstico está submetida ao descaso do contratante e a uma história de abusos ao trabalhador doméstico.

Ela pegou e falou para mim: “eles não pagam hora extra”. Falei assim “só que se não me pagar eu não vou ficar. Porque eu estou ficando muitos dias quase mais de uma hora do meu horário, então não está dando (Alice).

A história de Gisele não é muito diferente do início de carreira de Alice que, apesar de ter vindo sozinha pra São Paulo em busca de trabalho, percebe que não conseguiria manter-se na cidade se não tivesse um trabalho no qual pudesse morar. Em seu primeiro emprego como babá, Gisele tinha folgas apenas a cada 15 dias.

E aí, eu conversando com uma amiga, ela disse assim “não, tem uma, uma... a nora de uma mulher que trabalha no meu prédio que tá precisando de alguém, se você quiser conversar com ela” [...] Ai chegou lá, era pra eu ser babá. Eu aceitei, né? O salário era bem pouquinho, mas eu aceitei porque

eu tava precisando, porque no dia seguinte eu queria ir embora (para Minas Gerais), daí... foi. Eu aceitei o trabalho (Gisele).

Essa experiência narrada por Gisele aconteceu em 2003. A babá não se lembra o valor do salário em questão.

Nem todas as babás tinham experiência em cuidar de crianças. Gisele aprendeu todo o trabalho com a mãe contratante, sendo treinada por três semanas até ficar responsável pelo cuidado do bebê durante todo o dia.

Dentre as dificuldades de início de carreira citadas, algumas relacionam-se com o medo de ficar sozinhas com a criança, com a grande responsabilidade assumida e com a socialização com a família. As histórias variam muito, experiências distantes ou atuais.

O primeiro dia de trabalho é lembrado por Fernanda, que considera importante uma boa relação com os pais e buscou, com o tempo, conquistar seu espaço e ganhar confiança das pessoas:

Foi... foi assim, diferente. O pessoal era... não era muito legal, né. As mães... a mãe das crianças, nem o pai, era um pessoal estranho. Mas eu sempre cheguei, nunca foi difícil para buscar as confianças, né. Cheguei, duas semanas já estava me sentindo de casa (acha graça) (Fernanda).

Gisele não sabia trocar fraldas quando foi contratada. Recebeu da patroa um treinamento e, desde então, está há 13 anos na profissão:

Assim, dava um pouquinho de medo, né? Porque sozinha e... o pai também tinha saído, ela saiu, tudo... aí eu fiquei sozinha com a criança e... mas tinha uma empregada também, a menina vinha todos os dias... E aí ela também meio que me dava dicas, assim, mas meio... “constrangente” (sic), assim, de ficar com uma criança que... né? (Gisele, relatando seu primeiro dia sozinha com a criança).

O início, diferente para cada uma das entrevistadas, engloba não somente fazer bem o trabalho de cuidar, mas se aproximar da criança, da família e de outros profissionais presentes na casa. Essa dinâmica relacional tem grande importância para a permanência da babá no trabalho, seja por uma escolha dela ou da família.

A questão do início da carreira traz às diversas babás a lembrança de terem aprendido a cuidar de outros membros de sua própria família.

6.3 Fronteiras do trabalho de *care* pago e não pago: uma reflexão sobre o *care* realizado por babás

A relação de *care* como já discutimos, conta com elementos que configuram uma relação de troca: há a prestação de serviço e, em contrapartida, recebe-se o montante monetário ou equivalente. Por outro lado, a relação de *care* exige um investimento emocional e a abertura à intimidade, diferente de relação econômica típica. Embora essa ambivalência seja sempre presente, ela não se expressa da mesma forma em todos os contextos. Além disso, é possível identificar formas distintas como as pessoas envolvidas nas relações de *care* (aqui, incluímos também os mediadores) buscam lidar com essa ambivalência. A presente seção busca debater essa questão a partir da questão do trabalho pago e não pago ao cuidado a criança. Para ilustrar as ideias de Zelizer, faremos um recorte do trabalho do *care* no contexto das babás entrevistadas, discutindo, através de seus relatos, abordagens da economia do *care* (Zelizer, 2005, 2012).

Para expormos o problema proposto por Zelizer, é interessante recuperar, nos trabalhos da autora, o caso de Gabina Lopez, a babá da família Rodriguez, em um processo que tornou-se controverso nos anos 1980 nos Estados Unidos. O problema, como relatado anteriormente, era a definição da relação entre Gabina e a família. Se fosse considerada uma relação de amizade e não uma relação empregatícia, seus direitos não poderiam ser equiparados aos direitos garantidos a um prestador de serviço.

Uma das possibilidades nesse litígio era de simplesmente considerar a relação como uma prestação de serviço e, assim, garantir os direitos usuais. No entanto, o que ficou evidente no caso era que a amizade de Gabina para a família Lopez não deveria ser visto como uma justificativa de diminuição do valor do trabalho, mas como elemento constitutivo da relação de trabalho de *care*, sem o qual não haveria condições para a intimidade e confiança necessárias para se desenvolver o trabalho.

Essa mudança de olhar sobre a intimidade como algo que valoriza e constitui a relação de trabalho (em contraste com a perspectiva de algo que era na melhor das hipóteses visto como trivial), traz o problema de valoração. Assim, emerge nos textos de Zelizer (2005, 2012)

a centralidade da questão “como podemos fazer uma avaliação financeira apropriada das contribuições dos provedores de *care*?” (2012, p. 20). Essa questão torna-se pouco trivial justamente quando busca-se monetizar coisas incomensuráveis (ver, por exemplo, Lamont, 2012) ou colocar um preço em objetos, ideias, sentimentos, que a sociedade protege da precificação. Por exemplo, a precificação da vida de uma criança pode ser vista como imoral, mesmo que sua intenção seja estabelecer o preço de um bem de benefício coletivo (Zelizer, 1981).

A introdução de elementos monetários pode levar à deturpação da relação. O ponto de partida de Zelizer (2005) é o desafio de demarcação de relações íntimas de relações mercantis. Definimos “marcadores monetários” como as trocas, doações, efetivadas ou promessas, referentes a dinheiro, que trazem uma carga simbólica que tem o potencial de transformar a natureza de uma relação. Dessa forma, para a autora, no que diz respeito à economia de *care*, existe uma importante questão: “[...] até que ponto, e como, a introdução de acertos monetários nestas relações afeta sua natureza?” (2012, p. 20).

Zelizer (2012) identificou três respostas típicas para esse dilema. A primeira visão é que o “mundo do *care*” e o “mundo da prestação de serviços” são hostis um a outro. Sob essa perspectiva (mundos hostis), os envolvidos são levados a separar o máximo possível os dois mundos. Quando fala-se de dinheiro, não se fala de afeto e todos acreditam que misturar esses dois mundos provavelmente levará a problemas. Porém, ainda que esta posição contenha a questão moral, muitas vezes torna-se o ponto de partida para justamente diminuir o valor do trabalho do *care*. Isso ocorre quando encontra-se afirmações como “se há amizade, então não há necessidade de dinheiro”. Esse dilema fica ainda mais claro quando o provedor do *care* é uma irmã ou avó, ou quando discute-se o valor do trabalho doméstico de uma esposa ou esposo. Ou seja: justamente pelo temor de evocar a questão monetária – e assim evita-se colocar em risco a autenticidade da relação de afeto –, o trabalho associado ao afeto não é pago. Assim, “hipóteses dos *mundos hostis*, que consideram o amor e o *care* como degradados pela monetarização, pode, na realidade, fundamentar políticas injustas [...]” (Zelizer, 2012, p. 25).

Em reação a essa separação, existe a perspectiva de tentar precificar todos os elementos da relação. Defensores dessa perspectiva (“comércio em toda a parte”) acreditam que ao fim e ao cabo os mecanismos de oferta e procura do mercado serão capazes de gerar a precificação justa do serviço do *care*, dando conta de seu elemento afetivo. O problema é que muitos bens ao serem precificados perdem seu elemento de autenticidade.

Em contraste com as duas possibilidades anteriores, Zelizer (2012) defende uma terceira perspectiva, que ela chama de “relações bem ajustadas”. Sob esse ponto de vista, há um ajuste viável a partir das necessidades, garantindo a manutenção da relação:

[...] há uma interação permanente entre o *care* e as considerações econômicas, e que o conjunto só funciona quando os dois estão bem afinados. Por ‘bem ajustadas’ não quero dizer que você e eu aprovaríamos a negociação ou que o acerto seja adequado e justo. Quero dizer que o ajuste é viável: o aspecto econômico da relação é aceito e assegura sua continuidade (Zelizer, 2012, p. 20).

Tendo como objeto de discussão as entrevistas realizadas, esta seção traz a economia do *care* em diversas situações:

- O início de suas carreiras sendo considerados em alguns relatos como o cuidado não pago oferecido aos parentes;
- O *care* não pago realizado pelas babás no contexto de suas próprias famílias. Fazemos aqui um pequeno paralelo entre o *care* pago oferecido para as crianças das famílias contratantes e o *care* não pago oferecido para os próprios filhos destas babás, no que diz respeito as atividades realizadas (atividades lúdicas e socialização);
- O *care* pago para as crianças das famílias contratantes: Aqui abordaremos rapidamente as questões do afeto entre criança e babá e buscaremos na discussão da economia do *care* o “pagamento” realizado pela criança no cuidado;
- O *care* não pago realizado pelas entrevistadas com crianças de famílias para quem já trabalhou, buscando explicações sobre essa escolha.

Os temas aqui em debate, trazidos à luz da economia do *care* nos levarão a compreender melhor as diversas formas de transações movimentadas no contexto do *care* da criança.

6.3.1 O trabalho não pago das babás: percepções do início do cuidar

Mais acima, abordamos o início da profissão demonstrando situações profissionais nos primeiros momentos de trabalho com a família contratante. Nesta sessão, falaremos da percepção de algumas babás entrevistadas sobre início de sua “atividade como babá”.

Sendo babá a profissão de cuidado à criança, minhas entrevistas se iniciaram com a solicitação de que me contassem sobre o início de trabalho como babás. Algumas das entrevistadas consideram que começaram o trabalho de babás cuidando de membros de sua própria família. Nos relatos abaixo, notamos então que, para algumas babás, o “início do trabalho de babá” associou-se ao cuidar e não ao trabalho remunerado do cuidar:

A minha primeira experiência como babá foi com os meus filhos, né, aí depois me fizeram uma proposta para mim ir cuidar de uma criança...
(Célia).

O relato acima traz a primeira experiência de Célia como o cuidado aos seus filhos. Célia, enquanto mãe que cuida de seus filhos e, anos depois, sendo babá (o *care* pago), lembra que também trabalhou, oferecendo esse cuidado (não pago) aos membros de sua família.

O trabalho reprodutivo, como já discutimos nessa pesquisa é realizado pelas mulheres, de forma gratuita. Nesse sentido, devemos citar Boris, sobre a discussão de *care* e trabalho reprodutivo: “O *care*, dessa forma, é um componente do trabalho reprodutivo que não equivale ao trabalho doméstico, mas é, em muitos dos casos, executado junto com outras atividades domésticas – razão pela qual a linha que separa o *care* e o trabalho doméstico não é tão clara” (Boris, 2014 p. 103).

Sobre a fala de Célia, podemos nos indagar a respeito da percepção sobre o trabalho de babá. Ele seria uma extensão do trabalho realizado para os próprios filhos? Veremos o mesmo discurso sendo feito por outras entrevistadas. Se é verdade, qual seria a função da formação profissional? E quais as dinâmicas que se apresentariam em relação aos pais? Sobretudo nos aspectos de cuidado onde a babá discorda das práticas parentais? Seria essa uma pista sobre a desvalorização do *care* das babás e a constante mistura dos papéis de *care* com os deveres domésticos?

Esse obscurecimento do cuidador como um trabalhador é, assim, particularmente prejudicial, não apenas porque oferece uma racionalização para as baixas remunerações, mas também porque coloca barreiras contra direitos e a sindicalização desses trabalhadores (Boris, 2014, p. 111).

[...] e daí comecei a cuidar de crianças. E também sendo que já venho cuidando de primos e de irmãos, né, que o mais velho, sobra para o mais velho (Alice).

A relação baseada no modelo de *mundus hostis* é apresentada nestes relatos, ou seja, o *care*, sem envolvimento financeiro.

Eu acho que foi quando eu cuidava dos meus irmãos. Porque minha mãe deixava eles novinhos, para poder estar indo trabalhar. Na época, meu pai bebia, essas coisas, então, ela falou, “eu vou trabalhar”. Aí, ela foi trabalhar e eu e meu irmão mais velho, a gente cuidava, a gente dava banho, a gente dava comida, cuidava (Evelyn).

Apesar da experiência de ser mãe ou irmã mais velha não ter sido introduzida no discurso das babás enquanto facilitadores na busca de empregos, a experiência provinda do cuidado aos parentes parece ter contribuído para o desempenho na função.

Foi muito diferente. Diferente não porque eu já sabia como cuidava de uma criança porque eu já tinha os meus, né, então... (Denise).

É, na realidade eu comecei assim, muito nova, né. Porque como eu sempre fui a irmã mais velha, eu sempre acabei cuidando dos meus irmãos. Aí, né, a experiência já vem de casa. Mas eu comecei mesmo quando tinha 18 anos (Fernanda).

Com seu olhar voltado a partir do século XIX para mulheres da Europa e Estados Unidos, Boris analisa que “O *care* encontrava-se entrelaçado com o tecido da vida cotidiana das mulheres, quer elas saíssem de casa para trabalhar, ou não” (2014, p. 102). Essa ainda é uma realidade dentre as mulheres no Brasil, as práticas do cuidado foram citadas por algumas babás bem antes do início da vida profissional.

A discussão sobre *care* e gênero vem de longa data, e, no que se trata do trabalho de babás no Brasil, podemos ver que ainda é predominantemente feminino. Para a entrevistada Denise, a comparação entre cuidado com os próprios filhos também ocorreu, mas ela considera uma diferença entre esses cuidados, a responsabilidade:

[...] só que o cuidado com os filhos dos outros é bem maior. Bem maior que com os nossos. Você não pode piscar o olho, né

[...] a responsabilidade é melhor (sic), é coisas novas que a gente aprende, entendeu? (Denise).

O trabalho das babás relaciona-se com o cuidado oferecido aos seus próprios familiares, não havendo nos relatos distinção de cuidado, sendo lembrado somente por Denise enquanto diferente por precisar, segundo ela, de mais responsabilidade ao cuidar de alguém que não pertence à sua própria família. Nas entrevistas, percebemos que o cuidado com familiares serviu como experiência anterior ao cuidado pago realizado pelas babás.

6.3.2 O trabalho das babás e a questão do gênero: reflexões sobre as práticas no cuidado

Discutir o trabalho de *care* das babás, nos traz a obrigatoriedade de refletir sobre gênero e *care*, que, segundo Sorj “permanece até certo ponto, ausente das discussões, de tal forma que a questão do *care* aparece como um problema de e para as mulheres” (2014, p. 125).

O cuidado com as crianças, realizado no ambiente doméstico, traz a questão de gênero naturalizada e tem, no Brasil, quase somente mulheres realizando esse tipo de trabalho, o que difere de outros tipos de cuidado, como realizados com idosos, doentes ou mesmo crianças no âmbito escolar. Em países que recebem estrangeiros para o programa de *au pair*, existe uma diferença importante, pois, jovens de ambos os sexos podem receber a responsabilidade de cuidar das crianças da casa. Macdonald (2010) relata um caso em que a família americana decide receber em casa um jovem que pudesse brincar, trazendo o modelo masculino de atividades para um filho, que, quando bebê era cuidado por uma mulher.

Em São Paulo, o curso profissionalizante da área, que poderia ser uma possibilidade da entrada masculina neste ramo profissional, parece ser direcionado somente ao público feminino. Verificamos a apresentação de cursos para babás em sites de algumas escolas.

O curso tem como objetivo formar **meninas e mulheres** para a área de cuidados infantis, tornando-as mais carinhosas com os filhos dos outros e tratando essas crianças como se fossem seus próprios filhos, pois nenhuma mãe dará seu filho para uma pessoa sem carinho e sem uma certificação no mercado de trabalho [grifo nosso]¹.

1 Obtido a partir do site do Senac: www.cursosgratuitosnainternet.com/curso-de-baba-do-senac-online (Acesso em 07/03/2016).

O Curso de Babá e Baby-sitter promove a capacitação técnica através de uma imersão nos conhecimentos da área. Nossa abordagem teórica e prática coloca a profissional em constante execução das técnicas aprendidas de um modo dinâmico e acessível [grifo nosso]².

As alunas recebem apostila e certificado ao término de ambos os cursos [grifo nosso]³.

A presença feminina no trabalho doméstico assim como no trabalho de *care* (pago e não pago) fazem parte da trajetória feminina ao mercado de trabalho. Sorj (2014, p. 124) discute o tema, sugerindo que “é uma ocupação responsável, direta e indiretamente, pela inserção de expressiva parcela de mulheres no mercado de trabalho”. A autora explica que mulheres realizam atividades domésticas não remuneradas e saem para o mercado de trabalho, deixando outras mulheres encarregadas destas funções.

O emprego doméstico ocupa tradicionalmente em nosso país parcela significativa da força de trabalho feminina. Essa saída foi possível em grande escala pela extrema desregulação e precariedade do trabalho, em geral, e do trabalho doméstico, em particular, que viabiliza o amortecimento dos conflitos dos casais através da superexploração das mulheres das camadas médias (Bilac, 2014, p. 131).

Mulheres com baixa escolaridade, vindas muitas vezes de estados mais pobres, buscando oportunidade de emprego, encontram na profissão de babá o acesso a um trabalho melhor remunerado que o trabalho de limpeza doméstica. Sorj argumenta que “o emprego doméstico continua a ser a maior ocupação de mulheres no país: 17% das mulheres ocupadas são trabalhadoras domésticas, e, em termos absolutos, o Brasil possui o maior número de trabalhadoras domésticas no mundo” (OIT, 2010 apud Sorj, 2014, p. 125).

Como vimos, dentre as entrevistadas, as mulheres vindas de outros estados relatam o cuidado (pago ou não pago) desde a infância. A falta de oportunidade em conhecer outras profissões em suas cidades de origem, aliadas à baixa escolaridade, trazem as mulheres ao trabalho doméstico ou de cuidado:

Então, daí, a opção foi, trabalhar, o trabalho da gente era mais ou idoso ou então cuidar de criança (Alice).

O relato abaixo traz a identificação com o cuidado a partir de uma realidade de contato com bebês durante a infância.

2 Obtido a partir do site Fundamenthal Cursos: www.fundamenthalcursos.com.br (Acesso em 07/03/2016).

3 Obtido a partir do site Espaço Nascer: www.espaconascer.com.br/curso-para-baba.php (Acesso em 07/03/2016).

Olha, eh... de eu nova, meus 12, 13 anos, eu... eu sou do Norte, e aquelas amigas da minha mãe em casa, eu e a minha irmã, a gente brigava para pegar os bebês... um “ah, eu quero” o outro “eu quero”... aí muitas vezes a minha mãe brigava com a gente, era uma disputa com aquelas crianças. Daí eu fui crescendo, foi passando o tempo, passando o tempo, e sempre eu tive assim, aquela afinidade com criança (Betina).

Lembrando de sua pré-adolescência, Betina relata momentos de disputa com a irmã para cuidar dos bebês que encontrava. Essa disputa pode ser entendida como um desejo de treinar o cuidado ou de demonstrar habilidade, considerando a realidade com menos privilégios da entrevistada e a possibilidade de trabalhar ainda bem jovem.

A afinidade relatada na entrevista traz um questionamento sobre a possível falta de oportunidades em conhecer e ser inserida em outras áreas de atuação.

A discussão sobre gênero e classe se faz presente nas entrevistas, colocando em questão a divisão de trabalho dentro do contexto familiar das babás. As mulheres que trabalham neste setor, de classes mais baixas, muitas vezes contam com as redes de amigos e parentes para auxiliar com o cuidado da casa e dos filhos enquanto trabalham fora (Sorj, 2014; Bilac, 2014).

[...] quem está cuidando é a minha irmã, que eu estou esperando sair a vaga para ele (na creche). Aí minha irmã cuida (Helena).

[...] os bebês tinham nascido, eu voltei com três meses, e aí eles, os meus bebês, ficavam com a minha irmã e eu voltei ao meu trabalho e foi tudo normal (Célia).

A respeito do trabalho doméstico não pago, Sorj (2014) relata que mulheres de classe mais alta que trabalham fora, contribuem menos com as atividades realizadas em casa, sejam elas de cuidado ou de limpeza do que mulheres de classe mais baixa. Contudo, relata Sorj, homens contribuem igualmente pouco nessas atividades, independentemente da classe social.

A baixa participação masculina em trabalhos doméstico e de cuidado aos filhos reflete-se na inserção ao mercado de trabalho. Além da desigual divisão de tarefas, percebemos nas entrevistas, que, dentre as mulheres casadas (independentemente de filhos), algumas tomadas de decisões profissionais, tinham direta relação com o cônjuge.

Depois eu tinha conseguido um serviço, aí meu marido falou assim, “não. Aí você vai trabalhar com filho pequeno... Aí fica muito cansativo, você não vai dar atenção para a criança, nem para mim”, aí eu fui na conversa dele (Evelyn).

Na entrevista de Evelyn, o relato de estar fora da área profissional que deseja tem relação direta às escolhas do marido e seu insistente pedido de que ela permanecesse em casa, cuidando dele e do filho (seu primeiro filho). O cuidado não pago oferecido à família afastou a entrevistada no mercado de trabalho resultando em sua atual dificuldade financeira, pois, separada e sem trabalho, solicita ajuda dos filhos para arcar com suas despesas.

Célia, como já discutimos em outro item desta pesquisa, sofreu o abandono do cônjuge, que, descontente com os horários de trabalho da esposa, decide pela separação.

[...] um dia cheguei em casa ele (marido) falou, “ou você sai do serviço, ou você larga ela, ou eu estou indo embora” (Célia).

O cuidado oferecido pelo marido para a filha mais velha do casal é entendido por Célia como “ajuda”, mesmo sendo em dias em que somente ele tinha condições de permanecer em casa.

Ele, na verdade, ele me ajudou bastante porque ele ficava... a mais velha ele cuidou bastante, ele trabalhava um dia sim, um dia não, ele cuidava dela, a segunda, né, que eu tenho uma de 20 e uma de 18, e aí os outros foi sempre a minha irmã, né, que me ajudava, que me ajudou (Célia).

[...] apesar das mudanças nas relações de gênero e do aumento da participação masculina nos afazeres domésticos, estes permanecem majoritariamente “trabalho de mulher”. Homens responsáveis pela família e que não são economicamente ativos, apresentam as maiores médias de horas de participação em afazeres domésticos, mas esse tempo corresponde a menos da metade das horas dedicadas aos mesmos afazeres por mulheres em condição semelhante familiar e de atividade – isto é, que não são economicamente ativas e que são responsáveis pelo domicílio, com ou sem parceiro ou cônjuge do responsável (Bilac, 2014, p. 141).

Betina decide permanecer em casa cuidando do marido adoentado. Essa parece ter sido uma decisão dela, o que nos faz refletir sobre o entendimento do cuidar enquanto prática feminina e a naturalização disso como uma obrigação no contexto da família.

[...] aí depois sai dele, tive um... meu marido teve um probleminha de saúde, aí eu fiquei afastada também (Betina).

A realidade de nossas entrevistadas nos confirma a desvalorização do trabalho doméstico, pago ou não pago, com poucos direitos, baixo reconhecimento e sendo entendido e vivenciado como trabalho para mulheres.

6.3.3 O cuidado aos próprios filhos e o cuidado aos filhos da família contratante: conquistas e privações

Quando a babá cuida de uma criança, pode estar no mesmo período de vida cuidando também de seus filhos ou tendo lembranças da infância destes. Nos relatos abaixo conheceremos um pouco das diferenças encontradas na relação construída entre crianças e babás.

Já sabemos, por meio dos estudos sobre trabalhadores de *care*, que o afeto é parte da realidade dessas profissões (Molinier, 2012; Soares, 2012). Sendo ele incentivado ou não (Molinier, 2012), a relação entre o cuidador e quem é cuidado está permeada de afetos em muitos casos.

Importante colocar em discussão o afeto aqui, pois em alguns relatos o afeto e a preocupação pelo bem-estar da criança cuidada é trazida enquanto explicação para a continuidade no trabalho de cuidado a determinada criança, mesmo com algumas dificuldades na relação com os pais contratantes, regras ou horários.

Lembranças da infância dos próprios filhos misturadas às antigas experiências profissionais ocorreram no decorrer das entrevistas. Comparações entre o que foi oferecido aos próprios filhos enquanto cuidava de outras crianças pareceu ser inevitável para as entrevistadas. As comparações feitas dizem respeito principalmente à educação e ao tempo oferecido.

O retorno para casa em horários possíveis de acompanhar os filhos em tarefas escolares ou brincadeiras, além de poder socorrê-los em momentos de adoecimento, nem sempre ocorre. Reconhecer seu trabalho como bom possivelmente permite a elas maior aceitação em deixar os seus e cuidar do outro. O reconhecimento da criança cuidada parece reforçar o papel de provedora de cuidado como importante e talvez insubstituível.

As entrevistadas relatam histórias antigas, mas de grande importância em suas vidas. Célia, como já citamos anteriormente, cuidava de uma criança com diagnóstico de depressão. Sua permanência no trabalho se dava pelo desejo de ajudar a criança, porém seus horários de saída não permitiam muito cuidado aos filhos.

Às vezes eu chegava em casa 11 e meia, meia-noite, e meu marido... ele não aceitava, e aí eu me vi numa situação super difícil, porque eu queria ajudar a Elisa, precisava trabalhar, não sabia o que fazer, foi difícil para mim, né... Assim, ela era... tão difícil... ela se cortava, né, era muito difícil cuidar dela... aí, cheguei um dia em casa ele tinha ido embora e até hoje... (acha graça) foi embora, nunca mais... né, e aí eu... por isso que eu falo que é uma história... eu perdi o meu marido até mesmo... assim, por causa dela, né, e eu não a abandonei, abandonei depois porque começou a ficar difícil, por exemplo, eu fui morar longe, né, morava longe... (Célia).

O abandono aparece na fala de Célia em dois sentidos, sendo ela abandonada pelo marido e questionando-se sobre a saída do trabalho, que se deu após a separação, quando precisou mudar de cidade e cuidar sozinha dos quatro filhos. Mesmo nessa fase de mudanças pessoais, Célia preocupou-se em esperar maior aceitação da criança cuidada:

Foi difícil, porque... assim, ela era muito apegada a mim e aí eu tive que explicar para ela, conversar, mas fiquei ainda mais ou menos uns 40 dias para conseguir sair de lá, né. Aí eu tentei convencer ela que eu ia deixar uma outra pessoa no meu lugar, que ia ser a mesma coisa, e é... assim, eu saía com ela o tempo inteiro, né, era terapia, se ela quisesse ir passear eu tinha que levar, e ela começou a... ela me chamava de 'mãezinha'. 'Não, mãezinha, não me deixa'. Aí, eu fui tentando convencer que os meus filhos precisavam de mim, que eu precisava de um horário tranquilo para chegar em casa, até que deu certo, né, mas foi difícil, foi difícil para sair dela, viu? (sorri) (Célia).

O afeto pela criança de quem cuida parece ajudar a organizar as emoções relacionadas à ausência em casa. O salário recebido e a possibilidade de melhorar a qualidade de vida de seus próprios filhos estão no mesmo discurso que a preocupação com a criança, o afeto e a forte relação de dependência. Enquanto a relação de dependência parece ter intensidade, a sensação de independência dos filhos pode trazer maiores condições para a babá que os deixa com terceiros. Denise cuidava de duas crianças, sendo a mais velha da mesma idade de seu filho mais novo. Os arranjos para o cuidado de seus filhos durante os anos de trabalho como babá foram mudando de acordo com suas possibilidades:

Meu pai ficava, depois paguei uma pessoa para cuidar deles e assim, depois eles foram crescendo e eu falei 'já está na hora de ficar sozinho, já'. Tinha 10, 11 anos, já sabia se virar. Aí, depois também iam para escola, só chegavam à noitezinha (Denise).

Evelyn, que após o casamento deixou de trabalhar a pedido do marido, arrepende-se de ter permanecido somente no cuidado de sua casa e dos filhos e assume suas dificuldades na recolocação profissional atual.

É onde eu falo para as minhas filhas, hoje: ‘Vocês trabalhem. Se o marido falar que não quer, vocês trabalhem do mesmo jeito. Aí, não fica na situação que eu me encontro hoje’, né? (Evelyn, relatando conversa com o marido após o casamento e nascimento do primeiro filho, quando deixou temporariamente de trabalhar como babá).

No olhar de Evelyn, o trabalho não tiraria de seus filhos o cuidado, proporcionando a ela estabilidade financeira, o que não ocorreu. Para ela, todos os anos sem trabalhar na área trazem grandes dificuldades na recolocação, já que não possui registros atuais em carteira de trabalho. O cuidado não pago oferecido à família não traz a ela a retribuição esperada e ela reclama da falta de apoio financeiro dos filhos após sua separação com o marido.

Helena, babá há mais de 20 anos, decide planejar sozinha uma gravidez e diminuir a carga de trabalho após o nascimento do filho de quem cuida sem a ajuda do pai:

[...] daí com o tempo que eu falei assim ‘acho que agora vai chegar o momento da minha vez’. Você cuida dos filhos dos outros e fala ‘eu quero uma coisa para mim’ para quando eu tiver meus 50 anos, que vai ficar impossível, eu falei ‘eu quero ter o meu’, para não ficar sozinha, aí foi quando eu entrei em casa e falei assim ‘ah pai, é agora, vou trabalhar minha parte agora’ (Helena).

Para Helena, os arranjos em relação à escola e aos horários parecem funcionar e, sempre que tem oportunidade, leva o filho ao contato com a criança de quem cuida.

Célia, ao dar a luz a gêmeos, passou, inicialmente, a contar com a ajuda de sua irmã para substituí-la no cuidado à criança da família para a qual trabalhava e, três meses depois, ao retornar ao trabalho, deixou seus filhos aos cuidados da mesma irmã:

Foi assim, eu saí, né, para... ficou a minha irmã no meu lugar e quando eu voltei, eu voltei com três meses, né, que os bebês tinham nascido, eu voltei com três meses, e aí eles, os meus bebês, ficavam com a minha irmã e eu voltei ao meu trabalho e foi tudo normal (Célia).

Hochschild apresenta em seu trabalho entrevistas com mulheres que migram para países mais ricos como babás, deixando em seu país de origem seus próprios filhos. Em seu texto, apresenta o exemplo de uma das entrevistadas: “Ela priva seus próprios filhos do cuidado materno e acrescenta uma segunda camada de cuidado amoroso a uma criança norte-americana” (2012, p. 188).

Assim como esta babá, as entrevistadas trazem a preocupação em deixar os filhos para cuidar de outras crianças, mesmo morando com a própria família. O “cuidado amoroso”

mencionado por Hochschild (2012) também pôde ser notado no decorrer das entrevistas, e será apresentado a seguir.

Em nossa próxima seção, exemplificamos situações diversas narradas pelas entrevistadas, quando o cuidado e afeto são possíveis para a criança cuidada enquanto os próprios filhos vivenciam outra realidade.

6.3.4 Estímulos, brincadeiras e atividades gerais

O *care* das babás com as crianças, como já dissemos, varia de acordo com as solicitações dos pais. Algumas babás têm liberdade para combinar com as crianças que tipo de atividade farão. A experiência de cada uma, originária das lembranças de cuidados oferecidos pelos filhos na infância ou de outras crianças de quem cuidaram, são trazidas ao trabalho e apresentadas para as crianças.

No que diz respeito aos estímulos e às brincadeiras, as babás repercutem para as crianças cuidadas as suas experiências de casa, mas nem sempre conseguem levar aos filhos as atividades feitas com as crianças cuidadas no trabalho.

Esta discussão nos revela as oportunidades e possibilidades a serem apresentadas às crianças cuidadas e as diferenças nas práticas do *care* pago e não pago das babás entrevistadas.

Evelyn compara as brincadeiras atuais com sua própria infância:

É que, naquela época, a gente fazia mais brinquedo, assim, de... que nem eu falo para a minha filha, brinquedo de latinha de sardinha, esses negócios, a gente fazia. E hoje, já tinha os brinquedos, né? (Evelyn).

Mas as músicas que utilizava em seus trabalhos enquanto babá eram da época da infância de seus filhos:

Mas, assim, cantava algumas musiquinhas – apesar que hoje eu não já não sei nem mais cantar música. Daí, eu cantava umas músicas para essa que é minha vizinha, aí minha filha falava assim, “nossa, mãe, está tudo errado, não é assim”. Aí, elas me ensinavam de novo, eu falei, “ah, eu troco tudo as bolas”. Mas... brincava, contava história... do meu jeito, né, porque eu já não sabia mais (acha graça) (Evelyn).

Betina conta ter montado um caderno de anotações com as atividades e a rotina do dia a dia da criança de quem cuidou na época em que seu filho também era criança. Ao comparar suas interações com as duas crianças, Betina assume não ter tido condições de fazer o mesmo nas duas situações de cuidado.

[...] eu quero um caderninho para mim... como você [mãe da criança] está fora, para mim marcar as atividades dela, o que é que está acontecendo' e aí foi. O primeiro passo... eu colocava 'olha, hoje ela deu o primeiro passo' foi muito boa a minha experiência com ela foi muito boa... (Betina).

Em relação às atividades com seu filho:

Olha, por incrível que pareça não teve, porque meu filho praticamente foi criado na escola.... Eu... hoje assim, eu pensei "tanto que gos... que eu cuidei... que eu cuidei dos outros, meu filho eu cuidei muito pouco" (Betina).

Betina, no decorrer da entrevista, lembra-se de diversas situações vivenciadas com a criança cuidada. Seu filho, que frequentava a escola nos horários em que a mãe trabalhava, não deixou tantas recordações das atividades cotidianas. “*Eu cuidei muito pouco*”, resume a babá ao lembrar da infância de seu filho, hoje adolescente.

Em sua fala, Betina inicia a palavra gostar e substitui por cuidar “*tanto que gos... que eu cuidei...*”, nos trazendo pistas de que gostar de cuidar de outra criança é possível, mas pode deixar um sentimento de culpa para ela, que, enquanto mãe, deixou os cuidados de seu filho para ser realizado pela escola, enquanto oferecia o cuidado a uma outra criança.

Célia, que tem quatro filhos, percebe-se tendo oportunidade de relembrar as atividades feitas com uma de suas filhas na infância quando é solicitada pela criança de quem cuida a brincar.

[Criança pergunta] “Ce, que é que você brincava com a Carla?”, “do que é que a Carla mais gosta?”. Eu falava “brincar de pular corda” [...] Pergunta aí “vamos fazer também” [...] desenhar, a Carla adora desenhar, ela também.

“Vamos desenhar”, e é sempre assim, né, aí é da... da cabecinha dela, que perguntava e a gente fazia, e as mesmas brincadeiras [acha graça] (Célia).

As relações entre a babá e as crianças de quem cuida (filhos ou não) são construídas e algumas vezes questionadas pelas crianças. No caso de a babá ter filhos, a criança da família contratante pode desejar entender as dinâmicas relacionais e seu lugar neste espaço.

“De quem você gosta mais?” Helena é questionada, após o nascimento de seu filho, pela criança de quem cuida, e responde:

Se eu estou aqui, eu gosto de você, aí quando eu chego em casa eu gosto do Maurício, porquê você está com a sua mãe, então lá eu tenho que estar com o Maurício (Helena).

Helena cuida de uma criança há sete anos e tem um filho de três. Desde que seu filho nasceu, Helena tenta assegurar à criança de quem cuida que esta continuará recebendo carinho.

Na resposta dada pela babá, podemos notar que sua presença parece ter que suprir a ausência da mãe da criança. Uma vez que a mãe retorna para casa, Helena tem a chance de cuidar do próprio filho, pois não é mais necessária no trabalho.

Ela utiliza o termo “*tenho que estar*” para explicar à criança que precisa cuidar do próprio filho, deixando, ao utilizar essas palavras, parecer um dever, e não sua vida de mãe. Não podemos deixar de pensar no trabalho emocional de Helena para cuidar de uma criança enquanto seu filho está sob cuidado de outra pessoa:

[...] quem está cuidando é a minha irmã, que eu estou esperando sair a vaga para ele (na creche). Aí minha irmã cuida (Helena).

O trabalho emocional de Helena nos remete a um trecho do trabalho de Parreñas (2001, p. 87 apud Hoschschild, 2012): “A única coisa que você pode fazer é dar todo o seu amor para (a criança norte-americana de dois anos de idade). Na ausência dos meus filhos, o máximo que eu poderia fazer na minha situação é dar todo o amor a essa criança”.

A babá da citação acima é Vick, uma mãe Filipina que deixa a família em seu país para trabalhar nos Estados Unidos. Helena, diferentemente de Vick, mora com seu filho e o vê todos os dias, mas, ainda assim, o trabalho emocional é necessário, para cuidar durante o dia todo, de outra criança.

Helena tenta organizar seus horários – trabalha menos atualmente – e a atenção dada aos dois, assegurando à criança de quem cuida que continuará sendo querida e cuidada por ela. A criança, que sempre foi cuidada por alguém que não tinha filhos, passa a ter o tempo de companhia da babá diminuído, demonstrando ciúmes e se intitulando “irmã postiça”.

Relatando o igual tratamento para as duas crianças, Helena conta que permite que a criança de quem cuida leve, às vezes, um brinquedo para a escola, solicitando que ela o deixe

na bolsa durante a aula, e permite, também, que o filho leve seu brinquedo no ônibus ou em passeios. Explica que, para ela, é difícil falar “não” quando não tem um bom argumento. Ela conta se lembrar da própria infância e entender o desejo dos dois.

[...] mas porque eu vou falar que não pode? É criança. Então eu acho que esse lado teria que mudar. E às vezes eu não consigo, às vezes eu até consigo, às vezes não (risos) (Helena).

Helena demonstra satisfação em manter as crianças com alguma proximidade, tentando fortalecer o contato quando possível:

[Criança cuidada pela babá solicita] “traz o Mauricio” e eu falei “não posso trazer ele aqui hoje porque ele está na escola” aí ela falou “então traz ele aqui amanhã” e eu falei “mas não dá para trazer amanhã. Vamos fazer o seguinte? Quer ir para minha casa?” e ela falou “quero” (Helena, relatando uma conversa com a criança de quem cuida solicitando a companhia de seu filho).

No decorrer da relação com a criança da família contratante, o pagamento e as regras são dos pais, mas a criança pode desejar retribuir à babá por seu trabalho, realizando o que Zelizer, (2005, p. 181) chama de “marcadores monetários”, que seriam, nessa situação, as promessas de retribuições futuras.

6.3.5 Entre as promessas infantis e a amizade: as relações pessoais após o término do contrato de trabalho

Discutimos até o momento a relação de cuidar da babá com a criança da família contratante. Em nossas entrevistas, diversos relatos trouxeram às babás a lembrança de crianças de quem já cuidaram e de quem não são mais babás há anos. Nessas histórias percebemos em diversos casos a continuidade de contato e em algumas situações do cuidado também. Manter contato seria uma forma de cuidar?

De acordo com os relatos obtidos, percebemos que as relações entre a babá e a família, muitas vezes permanece após sua saída do trabalho. A criança pode manter o vínculo por anos e algumas famílias incentivam esse contato.

O relato abaixo se relaciona ao aniversário da ex-babá que recebe a visita da família com a qual trabalhou por sete anos:

“Titi, é seu aniversário e eu vou aí te ver” (criança de quem cuidou) e eu falei “tá bom”. Aí eu fiz um jantar, fiz um bolo, que ela gostava de bolo. “Nossa!” você não imagina a cena quando ela saiu do carro. Ela olhou e falou “Titi, é você?” eu acho que a gente ficou assim, uns cinco minutos abraçadas (Betina, recebendo a família para quem trabalhou para um jantar em sua casa em seu aniversário).

Algumas babás procuram manter contato ou buscam reencontrar as pessoas cuidadas. Por telefone, internet ou encontrando-as ao retornar à sua cidade de origem, o contato é visto como positivo por elas que comentam ser recíproco esse prazer:

Tenho, eu tenho. Eu ligo. Na verdade, ela me chama de “mãe”, né, eu ligo, falo com ela (Célia, que conversa por telefone com a menina que cuidou há sete anos).

Ó! Eu tendo contato com esse último, que eu trabalhei, eu tenho contato com outro também, que eu trabalhei com outra... eu tenho contato com quase todos (Fernanda, mantendo contatos com as crianças de quem cuidou).

Evelyn, que atualmente está sem trabalho, encontra no contato não somente a lembrança da criança, mas de uma fase importante de sua vida:

Ah, por telefone, e agora, com esse negócio do Facebook, né? Achei bastante, das pessoas que eu ajudei, que eu trabalhei (Evelyn, buscando manter contatos mesmo de quem cuidou há mais de vinte anos).

Alice ainda se lembra do primeiro bebê de quem cuidou, quando a babá ainda era criança. Ela mantém contato com quase todas as crianças de quem foi babá:

Sempre estou indo lá na casa da mãe e até hoje tem um contato. Os de Pernambuco também, quando eu viajo para lá, sempre tenho o contato também de ver (Alice).

Enquanto em algumas relações os contatos se mantêm, em outras vai além de notícias sobre a criança ou encontros casuais. Situações nas quais a babá continua cuidando da criança, mas em posição de “amiga”, apareceram em algumas entrevistas, contadas de forma casual e com orgulho pelas entrevistadas:

Alice cuida “por amizade” de duas crianças de quem foi babá e hoje frequentam sua casa aos fins de semana e nas férias, sem contrato ou salário:

Sempre vejo... final de semana passada elas estavam comigo, aqui, na minha casa. Todas as duas (Alice).

Elas dormem comigo, ficam na minha casa, meu marido busca elas para mim e depois eu vou lá para... às vezes até pela amizade mesmo, acabo ficando com elas (Alice, que cuida das filhas da antiga patroa, as vezes recebendo e outras por amizade, sem cobrar nada).

É possível pensar que essa “amizade” conquistada com o decorrer da relação de trabalho pode ser entendida como uma manutenção da intimidade já conhecida daquela família. Um estranho que conviveu na família pode parecer hostil, enquanto uma amiga que cuidou da criança pode ser percebida como mais “familiar” no sentido de ser alguém que viu momentos importantes da vida da criança e tem lembranças únicas que, em muitos casos, os pais não tem.

O cuidado, agora não pago, continua pela criança, mas dessa vez é a babá quem pode escolher quando e de que modo.

Nesta situação, o “marcador monetário” (Zelizer, 2005) diz respeito à ex-babá, que agora coloca-se enquanto quem define como a relação acontece, oferecendo o cuidado e convidando a criança para viajar:

Eu falei assim, “eu vou viajar. Pode levar?”. A mãe dela ainda trabalhava, falou, “pode”. Até hoje, se eu for viajar, eu falo, “vou viajar. Dá para levar a Bela?”, aí ela autoriza, dá o documento, a gente leva, sem problema nenhum (Evelyn, convidando a criança de quem cuidou para viajar com a família).

Evelyn mantém em sua casa brinquedos dessa criança, pois a mãe não tem espaço para guardar em casa, deixando há anos na casa da babá alguns pertences. Essa relação mantida também pela proximidade das casas da babá e da criança estende-se para a mãe que compartilha com a ex-babá a responsabilidade pela criança:

Não, não. Como amiga. Hoje nós somos amigas, e temos uma filha, né? Tanto é que uma vez nós fomos viajar, eu, ela e a mãe dela. Nós fomos para Araçariguama, e ela ficou, assim, “ô mãe – e falava comigo – ô mãe...”, aí, o moço, na hora de entrar no ônibus, falou, assim, “quem é a mãe da criança?”, eu falei assim, “ela” (risos). Ainda, ela brincou com o moço, “não, nós temos uma filha junto. Algum problema?”. Ele, “Não, não. Só o documento da criança”, “ah, está aqui”, (risos) (Evelyn, relatando a amizade que fez com a mãe da menina de quem cuidou, e hoje passeiam e viajam juntas, brincando compartilhar da mesma filha. Elas moram no mesmo bairro e pertencem à mesma classe social).

Para Zelizer, “O *care* pago, deve, portanto, enfrentar as mesmas dificuldades e problemas que aparecem a cada vez que se tenta pensar nas relações entre atividade mercantil e as obrigações sociais” (2012, p. 20). A relação então agora de “amizade” coloca uma nova dinâmica entre as partes, na qual a ex-babá decide quando poderá cuidar da criança, ficando para ela a decisão do que poderá ser realizado e em que momento.

A relação, para se manter, deve ter ajustes de acordo com as possibilidades e necessidades de cada um, lembrando que os “marcadores monetários” tornarão claro o lugar de cada membro no decorrer das relações. Seja a partir de uma promessa de férias feita pela mãe, seja por um favor realizado pela babá ou uma solicitação da criança. O trabalho do *care* é, então, não somente tomado por afeto, mas por transações monetárias, sendo estas intencionais ou não.

6.4 Experiências no contexto da família contratante

Como já mencionado, o trabalho de *care* das babás é mediado pelos pais ou familiares, pois se trata de um cuidado específico a um menor. Então, apesar do trabalho a ser realizado ter como objetivo a atenção e cuidado à criança, são os pais que darão suporte e mediação, desde o início a esse relacionamento.

Abusos de carga horária, férias negadas, gritos e acusações marcam algumas relações. Boas parcerias, direitos reconhecidos e respeitados e alguns benefícios são citados também, em algumas histórias. Todas as entrevistadas trazem questões importantes de relacionamento com os pais, algumas saem do emprego por não concordarem com posturas dos pais frente às crianças ou a elas próprias.

Nesta seção, nos debruçamos nas questões relacionadas às possíveis expectativas das babás quanto às relações com os pais, assim como também discutimos posturas dos pais que poderiam tornar a relação entre as partes mais ou menos satisfatória para a babá.

As babás entrevistadas falam do desconforto em participar de situações nas quais “não estão ajudando”, mas estão presentes. Em momentos em que não existem atividades a serem realizadas, as babás, em geral, preferem distanciar-se da família e acreditam também que a proximidade da criança com os pais fica mais fácil quando isso acontece.

Esse distanciamento é revelador no sentido de preservar uma boa relação com os pais da criança, pois, dada a intimidade com a criança, a presença da babá, pode, em alguns momentos, manter a criança próxima a ela e, se a babá se afasta, permitir que a criança

mantenha seu interesse nos pais, o que poderia levá-los a sentirem-se mais satisfeitos com uma cuidadora que, mesmo presente, não compromete as relações parentais.

Para as entrevistadas, a proximidade, principalmente com a mãe, é vista como positiva para a tranquilidade da babá ao realizar tarefas com a criança. Mesmo quando não estão realizando atividades com as crianças, a proximidade com os pais se mostra importante para algumas babás.

Eles eram pessoas legais, até então a minha patroa, de cara, assim, já me dei super bem com ela. Muito... companheira assim, de conversar. Tem patrão que não conversa, ela conversava bastante, entendeu? (Alice).

Ter a mãe da criança como “companheira” no trabalho pode significar que terá apoio e treinamento, que receberá corretamente pelo trabalho e que será bem tratada. Alice parece ter expectativas de conseguir bons relacionamentos com pais e crianças. Essa proximidade conquistada por Alice trouxe-lhe dificuldades para lidar com uma acusação feita por essa mesma patroa, que a demitiu revistando sua bolsa e falando em voz alta na frente de outras pessoas no local, situação que descreveremos mais adiante. Para Alice, a demissão não pareceu tão importante quanto a maneira como foi feita. A demissão honesta e a comunicação tranquila deveriam ter feito parte de sua saída deste trabalho:

Era chegar, falar “Alice, não precisa mais, eu arrumei uma outra pessoa” e eu quero – que no feriado tinha ido uma moça lá fazer entrevista – então eu acho assim, que se não queria mais o meu serviço, ela poderia ter feito isso, né (Alice).

As expectativas de Alice são de respeito e dignidade, independentemente da continuidade ou não no trabalho.

Todo mundo tem o direito de cobrar, se tiver serviço, todo mundo tem que falar. Mas gritar não, que ninguém é surdo. Você tem que chegar na pessoa e sentar e conversar. Porque nas minhas entrevistas eu sempre fui muito clara. Se tem algum problema chega em mim, senta e fala. “Tem isso que eu não estou gostando”, você me paga para eu trabalhar, eu vou lá mudar o jeito de eu fazer, faço tudo do jeito que você quer (Fernanda).

O desrespeito das duas patroas com as babás nos casos acima são grandes. Fernanda e Alice passaram por um tipo de abuso, os maus-tratos, com gritos e acusações, que as fazem repensar a profissão.

A decepção maior desde a época que eu fui babá até agora, foi essa, foi a única decepção que eu tive, entendeu? (Alice).

Não é o cuidar que diminui o desejo de se manter no trabalho, mas os maus-tratos vindos dos familiares, um jogo de poder no qual todos perdem, inclusive a criança, se resultar em trocas constantes de babás.

Para Fernanda, uma forma de abuso é apresentada quando os pais colocam na babá a responsabilidade de preencher o espaço dos pais:

Então assim, eu acho que a pessoa acaba achando que o funcionário é responsável e acaba jogando a obrigação dele para você (Fernanda).

Falar onde e como melhorar não é, de maneira alguma, trazido nas entrevistas como sendo um problema:

Na verdade, eu gosto. Se eu estou errada, para me corrigir, até mesmo para mim aprender, né, mas nunca, então eu trabalho, eu faço meu serviço, nunca eles chamaram atenção, sempre tudo em ordem, nunca deixei ser chamada atenção, então isso aí acho que vai te... faz você ficar mais tempo, né, não tem aborrecimento, né, eles nunca me aborreceram com nada assim (Célia).

Mas, nem sempre essa assimetria de poder é demonstrada aos gritos. Célia comenta não ter tido problemas com os patrões, porém, também sofre com a relação, pois é por eles impedida de ter férias de 30 dias e horários adequados de trabalho:

Era esse horário, 12 horas. Mas aí eu já vi que não tem como negociar, né, sobre horário e tem que aceitar, quando a gente precisa, né, trabalhar... (Célia).

“Não tem como negociar”, relata a babá e, logo em seguida, comenta “ter que aceitar”. Célia, que é responsável financeira por sua família de quatro filhos, não questionou seus direitos com medo de não ter mais o trabalho. Aceitou a carga horária imposta e, como sempre é tratada sem gritos e com um bom diálogo, diz não ter grandes problemas com a família em questão.

Betina apresenta em sua história a tentativa de receber um salário mais justo, de acordo com suas funções de doméstica e babá, realizadas na casa:

Porém o que eu ganhava era pouco para as duas profissões. Um dia que eu fui falar com a senhora, eh... “eu trabalho, eu não estou reclamando, meu trabalho eu faço com muito amor e carinho, mas se você for pesquisar por aí, eu estou ganhando muito pouco com duas profissões” aí ela falou assim “ô Bê, eu não posso te aumentar porque a gente tem despesa” aí naquilo, eu me senti chateada (Betina).

Interessante percebermos como Betina coloca em seu discurso uma espécie de explicação, afirmando que realiza o trabalho com amor, como se o pedido de aumento fosse

ofensivo e abusivo. Betina, que “*deixava para lavar o banheiro na hora que (a criança) tivesse dormindo*”, teve sua solicitação negada, e continuou por mais de um ano nesse emprego, vindo a receber um aumento pouco tempo antes de se demitir. Sua saída se deu para, como já contamos, realizar um trabalho com a irmã no ramo de alimentos.

Porque... a partir do momento que eu... eu estou cuidando da sua filha, eu acho que você tem... eu acho assim que você tem que pensar “nossa” porque nem todo mundo hoje... trabalha, assim, pelo trabalho, trabalha pelo dinheiro. E eu nunca fiz isso, só que no meu caso, naquela época, eu ganhava muito pouco. Aí eu falei e ele falou “não, daqui para frente, a gente vai ver” mas mesmo assim, também eu fiquei chateada e no outro dia eu toquei minha vida para frente (Betina).

No relato de Betina, “*tocar a vida para frente*” parece somente diminuir as expectativas em torno desses pais e de possibilidades de receber um salário justo. O que nos chama a atenção é que, durante a entrevista, toda e qualquer informação a respeito da criança cuidada parece carregada de uma relação perfeita e desconectada com baixo salário ou dificuldade qualquer com os pais. A relação com a criança é separada das questões relacionadas à mediação dos pais ou, ao menos, parece existir uma tentativa da babá para que isso aconteça.

Ivete é reprovada em uma entrevista e não conseguia entender o motivo. Dias depois, recebe da agência o *feedback*:

O... ouve só. Que ela... que eu ia bater de frente com ela, que ela queria uma pessoa mais submissa. Entendeu? Acho que por causa do meu jeito, de pôr as coisas, de colocar as coisas, ela me entrevistou, eu fui falando, eu fui eu mesma, só que talvez isso incomodou ela... (Ivete).

A agência de babás tranquilizou Ivete, informando que ela seria indicada para outras oportunidades e Ivete, rindo, ao contar, tenta imaginar como seria a experiência de trabalhar para alguém que pense assim. Ser “submissa” parece dialogar com um trabalho desvalorizado, onde o trabalhador, sem voz, não deveria argumentar ou questionar, apenas realizar a partir do que é solicitado. Essa ainda é uma triste realidade em trabalhos de baixa valorização social.

A mãe que eu peguei assim, que... era difícil, é aquela que a criança, quando é bem rebelde, lógico, é mãe e vai proteger seu filho, né. Ninguém vai querer que fale, está pagando, assim, está pagando, você tem que suportar aquela situação, que a criança está fazendo (Alice).

No relato de Alice, podemos entender que mães que permitem que o filho trate a babá de qualquer forma também agredem, pois a babá, para manter-se no trabalho, pode vir a submeter-se a ser tratada pela criança, de qualquer maneira. Essa é uma outra forma de abuso.

Alguns patrões habituam-se a maltratar seus funcionários, levando ao limite do adoecimento, como vimos acontecer com Alice, por exemplo.

Dentre as boas experiências, temos o relato de Ivete, que se refere à boa relação com os patrões a uma “sorte ótima”:

Eu acho que tive uma sorte (acha graça) ótima, né, que ela é muito... assim, tudo o que ela pede é “por favor”, “você faz uma mamadeira agora, por favor”, eles são um casal muito... gente fina, vamos dizer assim, né (Ivete).

Denise também relata um clima agradável de trabalho:

Porque “tipo assim”, a gente sentava de manhã quando chegava, ia tomar café, quando ela estava, a gente almoçava, era assim. Eu ia para o shopping com ela... a gente passeava, era assim...

Então assim, deles você não tem o que reclamar. Eram muito bons mesmo, mesmo, mesmo, tanto para mim quanto para os meus filhos. Final de ano, eles compravam presente para mim, para os meninos, entendeu? Aniversário, tudo, tudo, ela era muito boa mesmo, muito, muito, muito, não tem o que reclamar (Denise).

As duas babás, se surpreendem em serem bem tratadas. No relato de Denise, o fato de não trabalhar nas festas infantis, para as quais era convidada, é um exemplo de que as expectativas das babás frente ao tratamento a ser recebido no trabalho é baixa.

o momento bom que a gente foi, foi nas festinhas deles, quando eles faziam aniversário, a gente ia para os buffets... Né, chegava lá, era tratado normal, entendeu? Ela não me colocava para trabalhar nem nada, era muito bom (Denise).

Não ser “colocada para trabalhar” fora do horário de trabalha, em uma festa, é tido para Denise como um momento bom a ser lembrado. O trabalho da babá, com tantos desrespeitos de horários e atividades traz à Denise a surpresa ao ter seu horário de descanso respeitado e ter o convite à festa tratado como tal.

Apesar de um bom relacionamento com a família das crianças de quem cuidava, Denise decide deixar o emprego pois não consegue o aumento que desejava:

A pessoa ficou muito magoada comigo. A mãe ficou, porque ela falava que era o braço direito dela, entendeu? E aí o marido dela até tentou, entendeu? Me chamou, conversou, falou “ah, se a questão é ganhar mais 100 reais, eu

aumento, era só ter falado” e eu falei “ganhar 100 reais? Eu lavo, eu passo, eu cozinho, eu faxino, eu vou em banco, eu vou em correio, eu faço tudo para ganhar mais 100 reais? Para mim não compensa” (Denise).

Quando o salário é colocado em questão, as relações se transformam. Assim como vimos no decorrer da seção, a tentativa de Betina em receber um salário justo de acordo com suas tarefas de babá e doméstica, Denise também se coloca frente a essa questão. Não conseguindo o desejado, a babá pede demissão e com isso acredita “ter magoado a patroa”.

A relação com os pais, no olhar de Fernanda, parece estar baseada em valores financeiros e em confiança. Ela cuida da criança de acordo com as necessidades por ela percebidas, independentemente de ter uma relação boa com os pais. Experiências como as abaixo citadas trazem a ela o desejo de sair da carreira:

[...] a mulher falou para mim que se eu pedisse as contas, que ela não me dava boa referência. Você acha que você trabalha dois anos na casa da pessoa, dedica a vida ao filho dos outros, você acha que é necessário você ouvir isso na hora de sair? Não é? “Se você pedir as contas, não te dou boa referência”, então vai falar mal de mim, mesmo que eu não fiz nada, porque eu quero sair da casa dela porque eu não estou satisfeita com o serviço? Como assim, é por umas e outras, entendeu? [...] Aí ela todo dia ligava para mim voltar, eu falei que não voltava, não. “E se a gente comesse no valor?”, não, não é isso, não é o valor do salário de lá que deixou de... que fez com que eu trabalhasse, até porque o salário que eu ganhava lá era razoável. É pela situação. Eu não gostava de trabalhar lá porque... o clima era muito pesado, sabe? Tinha coisa que... eu não concordava. (Fernanda).

Dentre as “coisas que Fernanda não concordava”, estão brigas constantes dos pais na frente dela e das crianças, falta de rotina e descuido com uma das crianças cuidadas.

Célia, ao decidir mudar de emprego tem como resposta o choro do patrão:

Aí, eu fui morar longe, aí tinha condução, essas coisas, aí eu conversei com o pai dela, ele falou “Ah”, ele ficou triste, chorou também, falou “ah, Célia é por causa de salário? Eu te aumento o quanto você quiser”. “não, não é isso.” Mas também não deixei ela só, né (Célia).

Ao sair desse emprego, Célia indicou e treinou uma amiga sua para a vaga, que permanecia no trabalho na época da entrevista.

O que percebemos, em nossas entrevistas, é que as babás têm contato com diversas maneiras de viver de cada família. As babás estão presentes em situações de intimidade da família e muitas vezes em horários diversos, nos quais observa rotinas e atividades variadas com outros membros da família ou amigos dos pais.

A relação da babá com os familiares é carregada de uma série de expectativas dos pais, que querem o cuidado, mas não desejam que a babá se torne mais importante para a criança do que eles próprios. O desrespeito, ora mascarado com sorrisos, não permite que a babá tenha direito a férias, ao descanso ou à remuneração justa. Quando bem tratadas, as babás se surpreendem, tornando clara para nós, a baixa expectativa delas em relação aos patrões.

6.5 Atividades propostas e rotinas escolhidas

Perguntamos às babás sobre as atividades propostas para interagirem com as crianças. Quem propõe as atividades? Quais são elas? Como as tarefas são organizadas?

Esse questionamento é importante para entendermos não somente a rotina do trabalho da babá como também as nuances das relações e o que não foi dito diretamente sobre isso. Ao nos explicar sobre atividades e organização de tarefas, temos pistas a respeito das dinâmicas interpessoais.

Tem patrão que pega a criança, fala para você: 'cuida'. Tem patrão que deixa tudo anotado na geladeira: 'você faz assim, assim. Assim, assim...'
(Alice).

Em cada residência, a postura dos pais é diferente quanto às atividades e a babá é responsável por adequar-se às solicitações dos pais. Seja a de seguir algo já programado ou de, com a própria criança, criar uma rotina.

Sozinha, eu e ela, né. E era uma responsabilidade muito grande, eu fazia o papel tipo... além de ser babá, de mãe, né, porque ela não tinha a mãe dela, né. E levava ela, marcava as consultas, era... a semana inteira, aí, se ela quisesse sair, aí ela falava "me leva para sair", eu trazia ela, passeava com ela, aí ela gostava de ir no Fran's Café, a gente ia, tranquilo, né, o pai dela autorizava e tudo (Célia).

Célia tinha, em seu emprego anterior, tarefas que, em geral, são de responsabilidade dos pais (segundo ela, da mãe). Ela precisava ter autonomia para resolver questões da vida da criança, pois o pai não possuía horários livres e a mãe não morava com a família. O pai que "autorizava tudo" pouco participava da rotina diária, permitindo escolhas da criança e da babá.

Algumas entrevistadas contam se incomodar com o fato de existirem pais que “não se importam”, que não questionam acontecimentos ao chegar em casa e deixam sob encargo da babá as atividades e novidades da vida da criança.

Mas na maioria das vezes eu que fazia o horário e a mãe... não ligava muito, sabe? Nem queria muito saber (Gisele).

Eu prefiro sempre ter aquele companheirismo, a mãe, da mãe chegar do trabalho e poder me perguntar “o que é que aconteceu hoje?” e eu poder dizer “aconteceu assim e assim”, eu prefiro assim. Porque tem mãe que não liga, tem mãe que chega, chegou do serviço, “foi tudo bem hoje?”, “foi”. Entendeu? (Alice).

Betina organizou toda a rotina da bebê e solicitou um caderno à patroa para anotar os acontecimentos diários. Ela seguiu um próprio caminho que a permitia demonstrar seu trabalho, mesmo se não fosse questionada. Sua rotina com a criança era detalhada:

Olha, a gente tinha horário para brincar, tinha um horário... eu não deixava de descer para o parquinho com ela, todo dia às 9:00 a gente tinha aquela rotinha de descer, a gente ficava das 9:00 às 9:40. Eu tinha um caderninho, tudo que fazia tinha um caderninho anotado. A gente ficava das 9:00 às 9:40. A gente subia, dava um banho nela, dava um suco quando fazia a papinha dela, aí 11:30-11:40 ela almoçava, aí dormia um sono assim de mais ou menos de 12:00 até 13:30. Aí eu fazia as minhas atividades, eu deixava para fazer assim, lavar o banheiro na hora que ela tivesse dormindo para não atrapalhar. Enfim, o apartamento era pequeno e não me atrapalhava. E aí ela acordava, a gente pegava, o quarto dela era grande, colocava os brinquedos e colocava ali na sala, a gente tinha mais ou menos uma hora e meia, duas horas para brincar... e a minha rotina era assim. Aí os pais chegavam às 18:00, entregava para os pais, então eu não dormia, eu vinha para casa. Aí durante o dia, minha rotina era essa com ela (Betina).

Em todos os trabalhos de Betina, a rotina era bastante definida, sendo montada por ela, ou seguindo alguma já estabelecida pela mãe. A babá assume que prefere cuidar de bebês para pode colocar tudo sem seu próprio ritmo.

Sim, é, a mãe também, né, a mãe saía de manhã e voltava à noite. O pai também saía de manhã e voltava à noite, então ele chegava da escola, aí ele já estava... eh... aí já era rotina dele, já era da mãe, como ela falava assim “quando o ele chegar, ele já sabe o que é que ele tem que fazer, você só lembra” e ele era um menino muito bonzinho, eu falava “tem lição?” e ele “tem”. Então vamos fazer a lição, aí ela falava “deixa o banho dele que ele toma com a gente” (Betina).

A organização da rotina parece permitir à babá autonomia, não somente para definir o que e quando fazer, mas para ter maior participação própria nas decisões da criança:

pela primeira, que eu já trabalhava lá, então o ritmo, ela falou “Be, continua fazendo o que você estava acostumada a fazer antes” então para mim não teve muito problema. Esse das duas crianças também, ela falou “olha Be, o que você fizer está bom” porém, eh... quando era alguma coisa das crianças, eu falava “olha, patroa” eh... se acontecer alguma coisa, eu falava “olha Patroa, é assim, assim...” mas eu... em termos assim, de organização, eu nunca tive problema não (Betina).

Ao cuidar de um bebê “já” com quatro meses, Betina passa a seguir a solicitação da mãe:

[...] então eu já peguei o menino já com quatro meses e ela só falou “Olha Be, a rotina é essa, é só você seguir” e eu segui a rotina dela (Betina).

Em algumas situações, pais e babá não inserem rotina no trabalho:

Eles não davam trabalho, entendeu? Eles sentavam, ficando assistindo, estando um como o outro, então no intervalo eu ia... Fazendo um serviço. Quando eles queriam alguma coisa, comida, alguma coisa, eles falavam, entendeu? E eu preparava (Denise).

Denise prefere esperar as solicitações das crianças a propor uma rotina. Na experiência de Evelyn, a falta de rotina na casa trazia a ela dificuldades, e tentava avisar a mãe sobre os horários da criança desde seu início no trabalho. Evelyn não fala para a mãe, mas decide reclamar para a colega, empregada doméstica na casa:

Só que, assim, ela deixava a menina dormir até as onze, onze e pouca... a menina acordava, ela já queria dar comida, a menina não estava aceitando. Era onde ele ficava dando a comida, mas, assim, brincando mais com a menina, “não, deixa que eu dou”. Ai, ela ia fazendo a vontade da menina. Ai, eu ainda ficava de olho no relógio... teve uma vez que eu falei assim... a última vez, no meu último dia, eu falei assim... falei para ela assim, “a menina ainda vai para a escola? Ela ainda vai para a escola? A menina?” Ela falou assim, “vai”. Eu falei, “ah, tá. Pensei que ela não ia”. Ela olhou no relógio, falou, “meu Deus, já estou atrasada.”. Ainda falei para a minha amiga, qualquer pessoa que trabalhar lá, se ela for nesse ritmo com a menina, o ritmo dela, a menina não vai para a escola. E ela acorda muito em cima da hora para dar comida para a menina. Sendo que a menina acorda, acho que umas sete horas da manhã, ou sete e pouco, e ela dá mamadeira para a menina. Então, quando a menina acordar nesse horário, não vai estar com muita fome para comer (Evelyn).

Ivete compara as situações de rotina em seus dois trabalhos: A escola infantil onde atua como berçarista e a residência em que trabalha como babá aos fins de semana:

Todas, né... (riso) é a rotina, né. Apesar de os pais, esses pais que eu estou agora no momento terem uma rotina, a rotina é bem diferente de escola, né. Então, eh... e você cuida demais do que... que nem, no caso eu estou com duas crianças agora, fazendo folguista de duas crianças. No berçário eu tenho seis. Não sou sozinha, alimentação quem prepara é uma cozinheira, no caso, lá quando precisa de uma mamadeira é eu que tenho que fazer, ou se vai comer eu tenho que verificar o que tem lá para ela comer, a escola mesmo, já vem tudo para a gente, né (Ivete).

Ivete, que na escola conta com outras professoras e equipe, tem, na residência, assistência de cozinheira e dos pais. Em relação aos pais, Ivete tenta habituar-se a entrar na rotina da casa e dar o espaço aos pais quando desejam participar:

Então. O banho, eles querem dar banho. Então, eu só auxilio o banho. Então assim, ela, como ela quer dar banho nos dois e ela não consegue ainda, que ele tome banho no banheiro do quarto dele, ele quer tomar banho no mesmo banheiro junto com a irmã. Então eles tomam banho no balde. Então a gente... eu preparo o banho, tudo, roupa, já ponho lá, aqueço a água e tudo, e aí ela sempre dá banho nele e eu dou banho nela. Mas sempre juntos, é sempre juntos. Sempre juntos com ela, ou o pai, ou Ivete.

Célia é responsável pela agenda da criança, informando aos pais quando é ou não possível realizar as atividades:

Aí, por exemplo, ela pôs a (criança) no inglês, que a (criança) tinha 20 minutos para chegar em casa e almoçar. Eu falei 'não dá tempo, não tem como', né, ela 'então vê um horário que você acha que dá'. Eu falei 'olha, dá esse horário assim'. Aí eles concordaram, e sempre eu estou falando também, quando eu posso eu falo, mas é... na verdade, é corrido, mas eu gosto (acha graça) (Célia).

As atividades realizadas no trabalho das babás não estão somente relacionadas às necessidades da criança e às expectativas dos pais, mas também à rotina estabelecida da casa e às relações entre pais e filhos. A relação com as crianças então se estabelece a partir destes espaços.

6.6 Bem me *care*: o amor e o cuidado à criança

A gente fica... parece que... por isso que eu gosto de preencher o meu tempo, sabe? Porque senão a gente fica só pensando(acha graça) nos bebês, aí não dá. Eles não são meus, não é? (acha graça)
(Ivete).

“‘Titi, eu estou linda?’, eu falei ‘você está linda’ e ela veio e me deu um abraço, aquilo ali me marcou para sempre”. Cumplicidade, companheirismo e intimidade fazem parte de relações entre babá e a criança de quem cuida. A criança torna-se receptiva à babá, pois é alguém, aprovada pelos pais, que irá cuidar dela e terá tempo livre e dedicação plena para ela.

Essa relação certamente foi o tema mais discutido nas entrevistas e é colocada por diversas babás como o principal motivo da permanência no emprego, mesmo em situações em que há problemas relacionais com os pais da criança de quem cuidam. Criança e a babá possuem seu próprio tempo, regras e sentimentos diversos.

O apego, a saudade depois de finalizada a relação contratual e as lembranças guardadas de crianças cuidadas são pontos em comum nos discursos trazidos nas entrevistas.

O “amor” volta regularmente e se destaca sobre um pano de fundo mais indefinido. Mas, para entrar no mundo das cuidadoras, é preciso renunciar ao que seria um sentido literal da palavra “amor” e se ater à compreensão daquilo que ela quer dizer nesse contexto. Proceder, em relação a essa palavra, quase como se ela fosse de uma língua estrangeira. Essa abordagem radicalmente contextualista fornece a chave de uma ética científica: o que conta é o que elas dizem” (Molinier, 2012). Em sua pesquisa em uma casa de repouso na França, Molinier destaca a maneira como sua escuta percebe “o amor pelas pessoas idosas” (título que dá ao capítulo de seu texto), referindo-se às cuidadoras e as relações com os idosos internos. A exemplo de Molinier, nos ateremos em aceitar aqui o que “elas dizem” sobre afeto, apego e vínculo.

O início da relação entre babás e crianças não pareceu, ao menos com as babás entrevistadas, de grande estranhamento ou recusa por parte da criança. Porém, dentre diversas

histórias trazidas, uma delas tem o relato de curto prazo de relação e, ao olhar da entrevistada, ocorreu pelo fato da criança não se acostumar com o tom negro de sua pele:

Aí eu falei para a minha amiga: “a menina, acho que ela não está acostumada com pessoas de cor, pessoas negras”. Então, ela estava com uma rejeição à minha pele, né? (Evelyn).

Para Evelyn, a experiência da rejeição foi difícil em vários aspectos. A questão da raça, que a fez refletir sobre o possível fato da criança não estar habituada a ver pessoas negras e não sentir-se a vontade em sua companhia. O fato de estar desempregada e precisar trabalhar para retomar sua vida com independência financeira do ex-marido. E o desejo de retornar à área que abandonou ao nascer seu primeiro filho, tendo oportunidades nessa indicação, já que não tinha, em registro, experiência recente como babá.

Ainda, a minha amiga falou assim, “nossa, mas ela vem comigo. Se fosse para eu tomar conta dela, ela ficaria”. Eu falei assim, “sim, porque você é mais clara que eu” (Evelyn).

Em um diálogo com sua amiga, empregada doméstica da casa, Evelyn compara o tom de suas peles, reforçando seu sentimento de rejeição. Não podemos afirmar aqui que a dificuldade de adaptação da criança se deve à cor negra de Evelyn, mas essa é uma percepção importante da entrevistada. Importante sabermos que a criança estava prestes a ganhar uma irmã e talvez quisesse ficar próxima à mãe. Essa foi a única experiência ruim que Evelyn passou enquanto babá, e ela conta o quanto foi difícil:

Ah, eu fiquei bem chateada, viu? Eu vim embora, assim, bem chateada, mesmo. Fiquei bem magoada (Evelyn).

A adaptação de uma criança com a babá pode ou não ocorrer, por diversos motivos não trabalhados neste estudo.

Só que, assim, na hora que ia pegar a menina, ou para dar banho, alguma coisa, ela ficava meio assim... ela grudava na mãe dela, não queria vir comigo (Evelyn).

Evelyn foi demitida com menos de um mês de trabalho, recebendo a explicação de que iriam contratar uma babá enfermeira, para auxiliar também com a chegada da bebê.

As outras histórias relatadas por Evelyn e pelas outras babás trouxeram, em geral, relações harmônicas, sem dificuldades com as respectivas crianças desde o início. Essa harmonia diz respeito somente à relação com as crianças. Tudo o que acontece além dessa

relação, é tratado pela babá com esforço, trabalho emocional (Hochschild, 2012) e diálogos em alguns casos.

E é assim, eu... eu não tenho esforço para conquistar o carinho das crianças. Eu chego, assim, eu... às vezes eu demoro mais para... gostar da criança, do que a criança gostar de mim. Então quando eu chego, as crianças já... sabe? Já me apelidam, já quer brincar, já me leva para ver o brinquedo (Fernanda).

Fernanda assume que o carinho com a criança, surge, para ela, com o progresso da relação. As crianças, ao que parece em seu relato, esperam por companhia, investem desde o início para mantê-la.

A experiência de Ivete como folguista quinzenal superou suas expectativas e relação à adaptação das crianças:

Eu gostei, principalmente que eu falei “ah, de 15 em 15? A criança estranha, a criança não vai nem querer – não sei – criar vínculo”, eu achei que não ia conseguir criar um vínculo. Mas criou. Em pouco tempo criou esse vínculo (Ivete).

O vínculo, do qual Ivete comenta, foi formado pelas crianças e pela babá, que, comenta ocupar o tempo para não pensar tanto nas crianças.

Apelidos, promessas de carinho, pedidos e histórias contadas somente as babás as tornam cúmplices das crianças, que, um dia não encontrarão mais. No início, os pais podem apresentar os hábitos e preferências da criança:

Sempre “Verinha, vamos acordar? Vamos brincar lá no parquinho? Olha o sol, como está bonito”. Sempre brincando com ela, assim, aí ela acabava acordando tranquilo, que a mãe dela já me explicou como é que acordava ela, então para mim era fácil (Alice).

De alguma forma, com a convivência, as crianças e babás constroem um mundo delas próprias, independente da rotina e da relação entre criança e pais ou babás e pais. Essa relação recebe mediação dos pais, porém, muitas escolhas da criança são feitas a partir do modelo apresentado pela babá, e não são sempre com a aprovação dos pais:

aí eu comprei os... o ingresso para mais tarde, daí ficamos lá assistindo um filme, depois foram os avós também, jantaram no shopping enquanto a gente ficava no cinema. Aí assistiu o filme, terminou o filme, eles brincaram um pouquinho e ela não queria ir embora, ela queria ir para minha casa. Ela queria ir para minha casa e foi preciso do pai dar uma bronca, foi quando ele ficou bravo e chegou em casa comentando. Comentando para

outra (empregada doméstica da casa) que eu não deveria ter posto pilha (Helena).

Helena convidou a criança de quem cuida para um passeio no fim de semana. O convite, feito sem a aprovação prévia dos pais, causa uma situação de conflito entre pai, babá e criança. A princípio Helena comentou que iria ao *shopping* com o filho e convidou a criança para passear. Por conta do convite, a programação do fim de semana foi alterada e o pai, preocupado em deixar a criança sozinha com a babá, decide ir, com toda a família para o mesmo *shopping*, mas reclama para a colega de Helena. No relato, o pai não traz à própria babá nenhuma queixa.

A situação descrita nos traz um fato importante. Mesmo descontente com o convite feito pela babá à criança e toda a alteração dos planos da família para satisfazer o desejo da filha, os pais não se colocaram negativamente frente à babá. O pai briga com a criança e reclama para a empregada, mas a babá mantém-se livre de reclamações, protegida de qualquer verbalização negativa de sua atitude. A postura dos pais reforça o arranjo feito pela babá e criança:

É como se fosse mãe e filha, ela fala que eu sou a mãe postiça dela e ela é minha filha (Helena).

A babá não é a mãe, mas possui poderes que movimentam a família em torno do que as duas combinam e desejam.

“você é minha mãe postiça, né?” ou “Posso te chamar de mãe?” Aí ela falava, “ah o dia que a minha mãe não estiver aqui, eu posso te chamar de mãe” e eu “pode, não tem problema” aí ela falava “é, porque minha mãe fala que se ela não estiver aqui eu tenho que te obedecer, então eu posso te chamar de mãe se você quiser” (Helena).

O que significa ser “mãe postiça” de alguém no trabalho? Percebamos como Helena, ao falar da relação com a criança, não menciona o trabalho, a relação profissional com os pais ou a questão do tempo dessa relação. Ser “mãe postiça” nos parece uma combinação entre as duas para driblar as questões relacionadas ao tipo de vínculo. Não se fala de rompimento. A recíproca de Helena parece aprovar essa combinação, como uma promessa de manutenção da relação.

A babá pode oferecer aos pais informações sobre a criança, que os auxilie em sua ausência:

e em final de semana, eu... antes de eu sair eu falava para a mãe “olha, a Cris tem os brinquedos de descer, tem dias que ela quer descer com o baldinho, tem dia que ela quer descer com as bonecas, tem dia que ela quer descer com as panelinhas” então, eh... se contrariasse, ela ficava muito chateada (Betina).

O exemplo de Betina, explicando à mãe as preferências da filha, evidencia a proximidade que babá e criança construíram e, ao que parece, traz também a informação de que, nesse caso, a babá representa a figura de maior conhecimento sobre a criança na casa.

No trabalho de Helena, a babá precisa chamar atenção dos pais para as necessidades da criança. Com a agenda repleta de atividades, não teria tempo para almoçar. A infância, tomada por compromissos e pais que pouco conhecem a rotina da criança, é a realidade percebida por Helena:

Já aconteceu... ‘tipo assim’, é que... assim, lá, eles, na verdade, eles deixam tudo para mim resolver, né, tipo... é horário dela de natação, de balé, de inglês, aí eles... por exemplo, eles não pensam que ela tem que almoçar 11 e meia para o transporte pegar ela 10 para o meio-dia, então, eles não pensam no horário, no tempo que ela tem que almoçar, então isso tudo eu tenho que estar falando para eles, né, eu tenho que deixar anotado, “olha, tem que ser esse horário...”. Aí ele fala... ‘tipo assim’, dando opinião, né, ajudando eles também (Helena).

Célia assume em seu trabalho a responsabilidade também de programações lúdicas e passeios com a criança:

Ele deixava por minha conta. Assim, ‘tipo assim’... “Célia, você vê o que ela quer fazer e você vê se deve poder levar” (Célia).

A ausência de alguns pais é mal vista pelas babás, que não querem (e não devem) ser responsáveis por suprir as necessidades emocionais da criança.

o menino não tomava a mamadeira com a mãe dele. Isso aí não é coisa que uma criança, um pai... então tem que ter um funcionário, mas você tem que participar mais da vida da criança, né. Daí, não comia, sabe? Final de semana, todo mundo chorava para dar comida para uma criança, sabe? Eu acho quê... uma vergonha. Ficar... uma vergonha. Que nem assim, nós fomos na pediatria, a mãe não sabia se o catarro estava amarelo ou se estava branco, né, então assim, ele me chamava de “mãe”, ele pedia para ir embora comigo. Então assim, era diferente. Sabe? (Fernanda).

Fernanda conta sobre sua relação com um menino de quem cuidou, e como se apegou a ele. Mas é crítica ao se referir aos pais, acreditando que a figura da babá não deve representar a mãe e a postura da criança reflete falta de atenção e carinho dos pais:

Eu se apeguei muito, com ele, que ele tinha 4 meses, então assim, ele me chamava de “mãe”, ele pedia para ir embora comigo. Então assim, era diferente. Sabe? Eu viajei de férias, eu tive que voltar porque ele não comia com ninguém (Fernanda).

Quando começou a cuidar dessa criança, o bebê, que no início tinha apenas quatro meses, acostuma-se com a presença da babá. Fernanda, assume seu apego e abre mão de sua viagem para cuidar da criança.

Os limites do trabalho de babá são aqui misturados com o desejo de sanar as necessidades da criança, mesmo em um momento onde não deveria trabalhar. Retornar das férias para resolver a situação da família parece abusivo e nos faz pensar no lugar em que essa família coloca a babá, que se torna insubstituível, naquela fase da criança.

Para Fernanda, sendo babá, ela precisa cuidar e oferecer à criança o que falta, como carinho e atenção:

Porque assim, na realidade, quando você começa o trabalho de babá, o pessoal confunde, porque se você pega para cuidar. Mas o pessoal quer lhe contratar como mãe, porque o pessoal não dá mais atenção para as crianças. Então assim, sai cedo, não liga para saber como é que está. Muitos pais são assim, você... é muita responsabilidade. Então, assim, você acaba se sentindo como se fosse a mãe, porque a criança sente falta de carinho. Que não é só o cuidado (Fernanda).

“Não é só o cuidado”, desabafa Fernanda ao falar sobre seu trabalho. O *care* como trabalho inestimável traz a presença da babá e um carinho que ela percebe fazer diferença para a criança, “a consciência de ser indispensável” (Molinier, 2012), pois, apesar de não se referir aqui somente ao trabalho sujo, Fernanda também fala de algo que ninguém está disponível para oferecer à criança, o carinho, a atenção que Fernanda insere no cuidado, assim como tantas outras babás. Nesse caso, sua presença, no entender de Fernanda, é essencial.

Além de Fernanda e Helena, outras babás relataram terem sido chamadas de “mãe” por alguma criança de quem cuidaram:

Aí, tem a da menina, que foi a última que eu cuidei, é essa que me chama de mãe (Evelyn).

[...] ela me chamava de ‘mãezinha’. “Não, ‘mãezinha’, não me deixa” (Célia).

A frase relatada por Célia faz referência ao período em que decidiu sair do emprego, deixando em seu lugar uma outra babá. A criança, que havia sido abandonada pela mãe quando bebê e sofria de depressão, pede, chamando a babá de mãe, que ela também não a abandone.

A babá, nesta situação, sofre uma pressão grande de pai e filha, mas mantém sua decisão. Seu vínculo de trabalho acabou, mas ela decide manter contato, com visitas e telefonemas, mesmo anos após sua saída.

O contato diário com a criança permite que a rotina aos poucos se construa. Brincadeiras, tarefas e horários de aula passam a fazer parte do trabalho da babá de acordo com as necessidades da família. A relação entre babá e criança também é diferente em cada situação profissional, trazendo às babás memórias de algumas crianças que cuidaram de forma especial:

Dela eu guardei bem mais lembranças, inclusive eu tenho foto dela de todos os tamanhos... [...] Muitas vezes ela ia para escola, aí ela falava assim para mim “hoje eu chorei na escola” aí eu falava assim “por quê?”, “Porque eu estava com muita saudade de você” aí eu falava assim “não, mas a Titi está aqui, quando você quiser falar com a Titi, eh... na escola, você fala para tia que a Titi vai lhe buscar mais cedo se puder” aí ela falava “eu posso? Eu não me... era uma menina muito especial” aí eu trabalhei três anos, eh... sofreu eu e sofreu ela quando eu saí (Betina).

Betina fala da criança de quem cuidou sete anos atrás. Seus relatos trazem brincadeiras e lembranças de primeiras experiências da criança (primeiro passo e primeiro dia de aula, por exemplo).

Olha, eh... eu acho que tem bastante coisa boa, mas o primeiro dia que eu arrumei ela para levar para escola... que ela estava assim, bonitinha, sentadinha assim na cama, com uniforme, que ela olhou... que ela me cha... que meu nome, ela... todo mundo me chama de Betina, e ela me chamava de Titi. Até hoje ela me chama de Titi. Aí ela olhou para mim e falou assim “Titi, eu estou linda?” eu falei “você está linda” e ela veio e me deu um abraço, aquilo ali me marcou para sempre.

A primeira foto que ela tirou da escola, ela me deu, eu tenho essa foto até hoje.

Eu penso assim “Nossa! Eh... você tem que cuidar com carinho”, para você ter lembrança boa e dela, eu tenho lembrança muito boa.

“Nossa!” É coisa assim, que eu não consigo esquecer, como ela queria que eu arrumasse o cabelo dela. Se ela falasse assim “hoje eu quero cachinhos”, aí eu fazia os cachinhos. Hoje ela fala assim “Titi, hoje eu

Abaixo, vemos um pouco da experiência de Fernanda com uma das crianças de quem cuidou:

Alice ainda cuida esporadicamente das crianças de quem comenta em seu relato abaixo, mas lembra com carinho de quando trabalhava com elas diariamente:

Alice, ao contar sobre esta experiência profissional, comenta “eu não fazia nada”, revelando que o cuidado com essas crianças dava a ela gratificação.

Durante o período em que a babá cuida de uma criança, atividades diversas e o tempo juntos permitem que a relação se torne mais próxima. Cada babá tem seu modo de colocar os limites e tarefas à criança, podendo haver ou não um entendimento.

97

Retomando um diálogo de Helena com a criança, citado no início desta seção, percebemos que a criança está disposta a obedecer, colocando Helena como principal figura na ausência da mãe. Helena porém, prefere atribuir a função de impor limites a outras pessoas, procurando a mãe quando possível.

“minha mãe fala que se ela não estiver aqui eu tenho que te obedecer, então eu posso te chamar de mãe se você quiser.”

Eu sou um pouco mole assim, mas ela obedece. Quando eu falo firme mesmo “é hora da gente tomar banho” e ela fala “não, só mais um pouquinho”. “Não, não é só mais um pouquinho, é hora de tomar banho, o chuveiro está ligado e tem que tomar banho” e ela vai. Escovar dentes, esse problema não tem com ela tipo higiene de jeito nenhum, mas é negócio de brincadeira, coisas de ir pra escola que eu tenho que ser mais... ter mais pulso firme e eu não consigo (riso) às vezes (Helena).

Helena deixa claro que, se for algo fácil a ser negociado, ela resolve, mas escolhe manter tranquila a relação e permanecer sendo mais quem participa das atividades divertidas. A relação entre as duas é uma relação de amizade e, quando a criança decide chamá-la de mãe, talvez procure ver, em Helena, um companheirismo e não uma mãe que coloca limites e regras. Fica assim com “duas mães”, com funções distintas. A babá, aqui, parece receber um lugar de bastante privilégio.

Denise também preferia ligar para a mãe quando não conseguia colocar regras:

[...] aí o menino dava trabalho porque não queria escovar os dentes, e eu ligava... tinha que ligar pra mãe dele, reclamando: “Um não quer escovar os dentes, o outro não quer tomar banho, vai pra escola todo sujo” (Denise).

Na fala de Denise, o fato de não conseguir se fazer escutada pelas crianças gera uma “reclamação”, a babá prefere então pedir ajuda e deixar a responsabilidade com a mãe.

Betina relata ter uma experiência diferente:

[...] nunca teve situação assim de eu... não conseguir resolver (Betina).

A maneira com que Betina resolvia situações diversas com a criança, chamava a atenção dos pais que, segundo a babá, já chegaram a ligar para sua casa no fim de semana pedindo ajuda para lidar com a criança:

Chegou um dia de ela (mãe da criança) me ligar e falar “Bê, a Cris (criança cuidada) fica... chega final de semana, a Cris fica... não quer brincar com a gente” e eu falei “pergunte do que é que ela gosta” (Betina).

Neste caso, a babá conhecia a criança, suas preferências e brincadeiras mais do que os pais. Seu conselho à mãe ao telefone, sugeria que pais e iniciassem um diálogo com a filha, “*Pergunte do que é que ela gosta*”.

A relação, muitas vezes tida como tranquila, também pode passar por dificuldades. Algumas babás, quando questionadas em relação ao comportamento das crianças, não comentam sobre episódios difíceis.

Betina acredita que a paciência ajuda a resolver qualquer situação. Ela não se lembra de ter tido algum problema que não conseguisse resolver:

Olha... (silêncio) acho que no segundo não, de folguista também não, que foi muito tempo, acho que o do... da... do primeiro, eu... eu cheguei um dia a ficar chateada... assim (Betina).

Mas, para Betina, o fato de começar a cuidar da criança ainda bebê auxilia bastante nesse sentido:

Por isso que eu te falo que eu gosto de pegar de bebezinho que com o bebezinho, você trabalha com ele naquele seu ritmo... [...] você já tem um ritmo dele tomar banho, de brincar, de passear... (Betina).

Para Alice, a identificação com a criança é importante para o trabalho. Ela relata preferir trabalhar com meninas, independentemente da idade:

“eu gosto mais de trabalhar com menina (explica para a dona da Agência de babás)”. Porque eu acho que menina... não sei, porque eu cuidei só do Cláudio que era menino. Então eu me identifico mais com meninas. Então, que seja menina, a (agência) até me acabou até me mandando para uma entrevista que era com menino, e eu fiquei meio assim... aí eu falava (Agência) “menino... não é que eu não goste. É que eu acho que eu me identifico mais com menina”. Mas não tem o que falar, não, assim... entendeu? (Alice).

Estando sempre com a criança, é possível perceber seu comportamento com outras pessoas do convívio e, muitas vezes, notar alterações quando os pais estão presentes:

[...] mas eu percebo assim, o menino como fica mais bebezão... ele chora o tempo todo pelos pais... E ele chora o tempo todo. E esse fim de semana que passou, a avó estava junto também, e com a avó também chora, né. E comigo não tem choradeira, né, eles já se comportam normalmente (Ivete).

Ivete trabalha somente a cada 15 dias, aos fins de semana, com essa família. Para ela, mesmo estando pouco tempo, consegue manter uma boa relação com as crianças. Os pais que

aos fins de semana estão mais presentes facilitam a percepção de Helena, quando repara a criança chorando mais do que está sozinha com a criança.

Dificuldades com birras e manhas foram trazidas pelas babás somente quando questionadas. Duas delas relatam situações que saem do discurso bonito e de perfeição na relação:

Nunca bati. Para dizer que não, só uma vez que...acho que eu estava arrumando a cama dela (patroa)...não sei o quê é que o menino (12 anos na época, segundo a babá) falou, aí eu falei... eu dei a resposta pra ele e ele me deu um tapa na cara. Aí eu devolvi, eu falei: Você não faça isso, porquê nem meus filhos fazem isso. E o pai dele estava na sala. Ele falou: Vou contar para o meu pai, e eu falei: Você vai contar? Espera aí. Chamei e falei: "olha eu bati na mão dele porque ele bateu no meu rosto e isso não se faz..." (Denise).

É, ela (criança com 4 anos na época, segundo a entrevistada) não gostava de comer, e, na hora... eu amava tudo com ela, mas na hora de comer, ela não comia. E aí me deixava meio... irritada, assim. E aí um belo dia eu fui dar comida pra ela e daí ela jogou o prato no chão. Aí eu peguei...aí eu peguei a mão dela e dei um tapa, assim, nela. Aí eu comecei a chorar e aí contei pra minha patroa, pra mãe dela, tudo...aí ela entendeu e ... porque ela sabe que ela era difícil de comer. E aí como ela jogou o prato, assim, no chão, e eu dei um tapa nela, ela falou que tudo bem, não sei o que, mas eu me arrependi, sabe? Não faria isso de novo... (Gisele).

Nas duas situações, os pais das crianças parecem ter aceito o ocorrido, as duas babás assumem que o tapa está diretamente relacionado como resposta ao comportamento das crianças.

No relato de Gisele, a criança tenta reconciliar-se com a babá:

Não, depois ela veio me...me abraçar, pediu desculpas, tudo (Gisele).

Ser chamada de mãe, estar presente quando a mãe se ausenta, saber detalhes da saúde e comportamento da criança para informar ao pediatra revelam uma proximidade com a criança que os pais não poderiam mensurar.

Se esses elementos trazem aos pais sentimentos ambíguos em relação à presença da babá, não podemos nessa pesquisa, conhecer. Mas, temos aqui, algumas pistas, como, por exemplo, a casa onde muitas babás se sucederam enquanto a empregada doméstica permanecia a mesma.

Nessa situação, podemos pensar que ou todas as babás contratadas eram inadequadas para o trabalho, ou a presença de uma babá cuidando das crianças, trazia algum desconforto, ainda que pequeno, aos pais.

A babá muitas vezes oferece algo que a mãe não consegue preencher, como o tempo disponível, para total atenção à criança. As broncas, os limites, são, muitas vezes, solicitadas pela babá aos pais, permanecendo ela como figura que acompanha, e não a figura que educa.

Na relação entre babás e crianças, os desejos das crianças são muitas vezes divididos com as babás, as brincadeiras e preferências fazem parte de uma relação entre as duas, e os pais não compartilham desta dinâmica.

A criança de quem Helena cuida gostaria de ter irmãos. A babá engravidou e a criança passou a participar e se envolver com a gravidez:

[...] ela pede (irmãos) mas eu acho que não vai chegar a esse ponto não. Não pela... pelos pais mesmo, a menina sempre pede um irmãozinho, viaja com os irmãozinhos (acha graça) tem nome a irmãzinha, por ela tem mais dois, porque ela quer ser em três mas eu acho que não vai chegar a esse ponto (Helena).

Quando a babá engravidou:

Que na minha barriga tinha um bebezinho e ela falou “ah, mas ele vai ser meu irmão, vou pegar no colo, vou dar banho, vou trocar cocô, vou fazer isso, vou fazer aquilo” (Célia).

O rompimento, muitas vezes complicado, em geral não é realizado com despedidas entre a babá e as crianças cuidadas. As babás entrevistadas, com a maturidade e o conhecimento do motivo do rompimento, sofrem, em grande parte dos casos, com o distanciamento da criança. Importante pensar nesse rompimento sendo vivenciado pela criança, que, na maior parte dos casos, não entende ou não conhece o motivo da separação.

É meio complicado, né, porque, querendo ou não, a gente se apeg. De uma forma ou de outra, não tem como. Você cuidou de criança, você se apeg. (Alice).

Porque a gente se apeg. muito, sabe? E é muito difícil. Quando eu saí de lá mesmo, nossa, pra mim era o fim, entendeu? (Gisele).

Gisele lembra de seu sofrimento em lidar com o apego às crianças de quem cuidou e não pôde se despedir.

Betina decide deixar de trabalhar na casa de Cris para iniciar um novo negócio com a irmã, como já comentado anteriormente. A babá relata seu sofrimento e o sofrimento da criança, a partir de seu desejo em mudar de profissão:

Nossa! foi uma... foi um clima assim, difícil. Aí no começo tudo bem, aí ela arrumou alguém, ficou, eu saí... mas dali uma semana, duas, cada vez que eu ligava para eles, que eles falam “Ah, a Cris está triste, a Cris está difícil” eh... aí ficou um tempo sem a gente... sem eu poder ligar para ela... (Betina).

Tendo em vista a relação que se constrói entre babá e criança, a saída do trabalho traz a decepção de não poder se despedir ou o peso de sentir falta da criança. Helena, que saiu do emprego por não entrar em acordo com a mãe da criança, sofreu com a distância e pediu um trabalho, mesmo que não remunerado, à patroa de sua irmã, que tem um filho da mesma idade para poder, com o contato, esquecer o outro de quem cuidava:

Assim, eu sofri bastante pelo menino, porque todos os dias ele dormia comigo, não dormia na mesma cama, mas ele dormia comigo segurando a minha orelha, eu até achei que eu não fosse superar. Daí minha irmã trabalhava no mesmo bairro, trabalhava como babá. Foi quando eu pedi para patroa dela... eu lembro até hoje que eu pedi para patroa dela que deixasse eu trabalhar lá que era para ver se eu esquecia... em contato com o menino dela que se chamava Igor e o outro Henrique, que eu ia esquecer o Henrique. [risos]... Nossa! eu sofri. Foi também o último que eu sofri para caramba foi com ele. As outras não, as outras já estavam grandinhas... É, porque ele era bebezinho ainda, era o ‘xodozinho’ (risos) (Helena).

Ao contar a história acima, ocorrida há mais de 15 anos, a entrevistada emociona-se, tendo lágrimas nos olhos. Helena, durante o relato, imita o gesto da criança, segurando a ponta da orelha, como fazia o menino, com quem não teve mais contato desde sua saída desse trabalho.

Gisele também tem nos olhos um brilho quando relata o reencontro com a criança de quem cuidou e de quem não se despediu ao sair do emprego:

Nesses dias, eu vi o Marcio. E ele não me reconheceu. Aí eu falei ‘eu sou a Gi’. Nossa, fiquei mó triste, porque ele nem um abraço me deu. Falei ‘nossa, meu, você se apega com a pessoa’... porque eu sofri muito, muito mesmo quando saí de lá. Nossa, eu ficava 24 horas com aqueles meninos, aí quando eu saí, assim... nossa, cuidei deles, fiquei com ele um ano e meio, quase dois anos, acho... e aí, do nada, vejo ele e ele não me reconhece. Falo que sou eu, a Gi, mas ele... Não reconheceu e nem abraço me deu (olhos lacrimejam) (Gisele).

A despedida não é trazida pelas babás como algo trivial, o momento de sair do trabalho traz o peso de não rever a criança, que em alguns casos não recebe, a pedido da mãe, nenhuma explicação ou aviso sobre sua saída.

Não. Ela... na hora ela trancou as meninas lá na sala. Daí falou para as meninas que eu não ia mais trabalhar com elas e colocou as meninas lá, não tive... não deu (Alice).

Ah, então... quando eu quis sair de lá, do meu antigo trabalho, é... um dia antes de sair eu fui colocar o Marcio pra dormir, né? O outro menino, né? Daí parece que ele percebia, né, que eu ia embora. E aí ele não soltava meu dedo, assim. Isso pra mim marcou muito. E ele falava assim, nesse dia ele falava assim 'me chama de meu gatinho lindo'. O tempo inteiro ele me falava assim, mas ele não sabia que eu ia embora, porque a patroa pediu pra eu não falar, né? Aí... nossa, isso pra mim... (Gisele).

Para Gisele, a saída ocorre após uma tentativa de ter os fins de semana livres. Sem negociação, a babá viu-se sem o trabalho e sem a chance de despedir-se das crianças de quem cuidou desde bebês. A entrevistada conta não saber o que foi dito às crianças sobre sua saída e ainda comenta ter recebido de outra babá o comentário de que a mãe teria se arrependido da ruptura, pois o menino teria sofrido com a perda da babá.

Alice, de forma bem-humorada, conta sobre uma despedida tranquila, da criança de quem cuidou durante o período de licença maternidade de uma babá:

Graças a Deus até no último dia mesmo que eu fui sair, ela chorou (acha graça) quando a mãe dela falou que eu ia ter que sair e tal, mas aí ela viu que a babá antiga chegou, e chegou com uma novidade que era o bebê. Então já perdi, né. (riso) Aí ela ficou (Alice).

Para Alice, o fato da criança chorar, demonstra a boa relação que tiveram, mesmo tendo sido por um curto período. Ela reconhece também o vínculo da criança com a babá mais antiga e, ao brincar, dizendo que perdeu, demonstra que a babá trazia o bebê, mas também toda a história já construída com essa criança.

Apesar do sofrimento relatado com o término da relação, as babás, ao desejarem procurar outras opções profissionais, deixam o trabalho e lidam com a distância como podem. A relação é, acima de tudo, uma relação profissional.

6.7 Experiências com colegas de trabalho

Janete, posso usar a cozinha? ”. ela falou assim: “não, que hoje não é dia de fazer bolo” (Célia, relatando o diálogo com a doméstica da casa onde trabalha).

Parceria e disputa podem fazer parte da relação entre empregadas domésticas e a babá. A presença da babá na casa é, em geral, marcada por maior contato com os pais, maior vigilância e de mais proximidade com a criança (o que a deixa em uma posição privilegiada quando os pais pedem opinião da criança sobre suas preferências). As profissionais que trabalham somente na função de babás convivem muitas vezes com uma empregada doméstica na casa. Nas entrevistas, a presença da empregada doméstica e sua relação com a babá nos permite uma reflexão sobre o papel da babá na residência e o que ele representa para outros profissionais, a família e para a própria babá contratada.

Então, eu não tenho do que reclamar do meu, assim. É mais da empregada. A gente comenta essas coisas assim. Que sempre tem... a babá tem uma rivalidade, ou a empregada sempre tem rivalidade com a babá, sempre tem. Sempre. A maioria das vezes... Então, a maioria das vezes a gente comenta é da empregada. Às vezes não é o patrão. É sempre a empregada... Que fica pegando no pé, assim. Que fica querendo... jogar contra o próprio patrão (Gisele).

O comentário de Gisele é a resposta a uma questão realizada na entrevista sobre os assuntos que surgiam entre as babás ao se encontrarem no hall do prédio enquanto as crianças brincavam.

Não sei, acha que, acha que é mais protegida, mas não é porque na verdade, você cuida do filho do patrão, né? Então eles... meio que tá ali, já incluso assim (Gisele).

Cuidar do “filho do patrão” faz com que a relação entre babá e patrões seja mais próxima que a relação da empregada. Aos olhos da babá, essa proximidade deve representar à empregada uma certa proteção.

Aí criou um ciúme, uma besteira, porque... assim, a babá está mais próxima dos patrões por quê? Porque tem que falar sobre a criança, tem que passar tudo que aconteceu durante o dia, e eu ligava sempre. Quando a menina era recém-nascida, né, eles ligavam sempre e não falavam com ela, “quero falar com a Célia”, e tudo, e aí foi criando – sabe? – tipo uma birra, um atrito, né, e aí chegou uma situação... a criança foi crescendo, né, a criança foi crescendo e eu fui só suportando, aguentando tudo ali para... até mesmo para não ter que ou ela sair do emprego ou eu, né. E ela trabalhava super bem, né, uma pessoa super... profissional mesmo (Célia).

No caso entre Gisele e a empregada da casa em que trabalha não existe uma relação de parceria. Isso ocorreu após Gisele agendar as férias antes de conversar com a empregada, que já teria comentado com ela o desejo de realizar uma cirurgia plástica. Gisele, que pretendia viajar com uma amiga para Fortaleza, agenda as férias no período possível para a realização da cirurgia da empregada:

E eu achei que ela tinha o mês todinho pra fazer, né, a cirurgia. Não era... no começo. E ela ficou brava comigo, ela veio falar um monte. Falou que já tinha comentado comigo que ela queria tirar férias, e ela foi falar com a patroa, a patroa falou que ia me dar porque eu tinha pedido primeiro (Gisele).

O fato de conversar com a patroa e ter o pedido negado pode ter alimentado, para a doméstica, a ideia de que a babá teria preferências. Gisele após o relato assume que foi “um pouco” sua “culpa”. A relação entre as duas, que, a princípio era de colaboração, passou a ser de pouca tolerância. Provoações por parte da doméstica fazem parte do convívio entre as duas:

Aí ela acha que eu sou madame, ela pega o telefone e fica conversando já dando indiretinhas, assim... (Gisele).

Gisele tem licença para usar o carro da família, tem seu próprio quarto na casa e, aos fins de semana, faz curso pré-vestibular. Talvez aqui seja possível pensar nesses “privilégios” de Gisele sendo usada como referência para o termo “madame” utilizado pela doméstica.

Para Gisele, a grande perda nesse rompimento de relação está no clima de trabalho. Em relação às atividades, a babá sabe que a empregada doméstica teve maior perda, já que recebia certa ajuda nas tarefas diárias:

Mas depois disso eu ajudava ela... não, ela não me ajudava, eu ajudava ela. E aí depois disso ela parou totalmente de falar comigo, aí eu fiquei na minha. Porque na maioria das vezes que, que eu tentava aproximar, falar, porque é ruim trabalhar num ambiente assim, ela, tipo, não respondia as coisas. E a gente mal se fala. É “bom dia, tchau” (Gisele).

Para algumas babás entrevistadas, a dificuldade na relação entre babá e doméstica pode ocorrer por ter, a babá, maior contato com a família, sendo que deve comunicar ocorrências diárias à família. A proximidade maior com os pais e, muitas vezes a participação da babá em situações nas quais a doméstica não participa pode resultar em disputa.

Em uma situação em que a babá pede algo para a empregada doméstica e tem seu pedido negado, Gisele relata ter sido chamada de folgada, e isso em frente a criança de quem cuida:

Eu pedi pra pegar por favor, super educada. Aí a criança percebeu e aí desse dia pra cá ela não gosta (da empregada) (Gisele).

Eu cheguei uma vez e falei pra eles. contei a situação, e aí ela falou assim pra mim:

“Gi, eu não vou mandar ela embora porque ela é uma, uma boa profissional. Ela não falta, ela é pontual, ela faz as coisas certas... Eu não vou mandar embora. Então vocês têm que se entender aí. “Então tá bom”. Foi isso que ela me falou (Gisele).

O reconhecimento de um bom trabalho da empregada doméstica talvez fosse o melhor caminho para a mudança dessa situação. A empregada não participou da conversa com a patroa, e possivelmente não tenha recebido o mesmo *feedback* dado a Gisele ao reclamar da colega.

Essa situação entre as duas já durava dois anos, na época da realização da entrevista. A patroa tem a postura de nenhum envolvimento, considerando ser de responsabilidade somente das duas um melhor entendimento, mesmo tendo a criança como observadora da situação.

O mesmo não acontece com Célia, que passou por uma situação parecida quando pediu, na presença da criança, para utilizar a cozinha e fazer um bolo (trecho citado no início da seção):

“Janete, posso usar a cozinha?”, ela falou assim: “não, que hoje não é dia de fazer bolo” (Célia).

O caso citado acima sugere uma disputa de espaço no contexto doméstico, entre babá e doméstica, e, nesta situação, a criança se colocou a favor da babá.

Ele chegou, entreguei a Julia, falei tudo, né. Aí a Julia falou... “papai, eu estou muito triste”, falou para ele à noite, né, os dois, né. “por que, filha, que você está triste?”, “ah, eu queria fazer um bolo com a Ce e a Janete não deixou”, né, “Mas por que é que a Janete não deixou?”, “ah, porque não era dia de fazer bolo ela falou para a Ce e ela bateu a porta”, né (Célia).

A queixa da criança, feita ao pai, traz a responsabilidade para a babá, que, além de não ter resolvido a situação com a doméstica a ponto de satisfazer o desejo da criança, foi para casa sem relatar o ocorrido aos pais:

Para mim, aquilo... não foi, não deixou, “não era dia de fazer bolo”, tudo bem, né, e foi o meu erro. Fui para casa, não falei nada com eles (Célia).

No dia seguinte, Célia recebe do pai uma reclamação e mais informações sobre o ocorrido:

“Célia, quando for assim você tem que me contar, a Janete não pode fazer isso, aqui a prioridade é a Beatriz, não é ela, né, está acontecendo mais alguma coisa?”. Eu falei, “olha, Eduardo, então vamos conversar. Então, está acontecendo isso, isso, isso, se você preferir a gente conversa junto, né, eu e ela, para não ter uma falar uma coisa, outra diz que não falou, né. Ai nessa história toda... ela, uma ótima profissional, eu também, né, eles adoravam o meu trabalho, aí que é que aconteceu... ele falou “Célia, você vai para casa, que eu vou conversar com a minha esposa” (Célia).

Célia voltou para casa e não dormiu naquela noite, preocupada com o próprio emprego e, segundo ela, com o da doméstica. Célia não encontrou mais Janete na casa, que havia sido demitida após o ocorrido.

Não dormi à noite, mas aí quando eu cheguei... aí quando eu cheguei que ele falou “olha, não tem mais a Janete”, eu falei “ah, Eduardo, vocês conversaram direitinho? O que aconteceu?”, ele falou assim, “não, a prioridade aqui a é criança”, e eu falei “mas eu falei para que vocês vissem o que fosse melhor para vocês”, né, que na hora ele ficou nervoso, “você tem que me contar, Célia você tem que me falar desde o início. Está acontecendo isso você não fala”, né. Fui para casa, eu falei “ai, meu Deus, amanhã vou voltar não vou estar mais... vou ter que procurar outro emprego”, né, já pensava nisso. Aí, eu cheguei, ele falou “Célia, tudo resolvido. A gente despediu a... conversou com a Janete, não estava certo o que estava acontecendo e a gente achou melhor ficar com você” (Célia).

Nos dois casos citados, os pais da criança tomam posturas bastante diferentes, mesmo quando a criança presencia alguma cena que a incomoda. No caso de Gisele, o fato dela comentar sobre o ocorrido não parece algo importante para a patroa, que, ao dizer “*vocês têm que se entender*” parece não ter o desejo de receber queixas sobre relacionamento das duas no trabalho. A criança aqui não é colocada como alguém que pode ser afetado por esse problema. Já Célia é repreendida, na mesma situação, por não ter contada o ocorrido. As babás, então, recebem a responsabilidade de resolver as situações, seja no sentido de melhorar a relação, ou de relatar o caso a um responsável.

Célia, após esse fato, indicou uma colega para a função. Tempos depois, por questões econômicas, e com a aprovação das leis trabalhistas e o encarecimento do trabalho doméstico ao empregador, a babá passou a acumular as funções de babá e doméstica, recebendo reclamação da criança, que queria mais atenção.

Relações de parceria também foram trazidas nas entrevistas:

Aí a menina que trabalhava lá falou “ela não te falou? Ele é especial”
(Fernanda).

No caso já tão tratado em nosso trabalho, da patroa, mãe da criança portadora de deficiência que, ao contratar Fernanda, omite o fato, a empregada doméstica é, para Fernanda, uma “aliada”. Ela conta inicialmente do estado da criança e, no decorrer da relação, auxilia Fernanda com questões diversas, como, por exemplo, cuidar da criança para Fernanda poder se alimentar e até mesmo pegar a carteira profissional da babá para verificar se estava registrada:

[...] a menina que trabalhava lá, ela ia lá e tomava conta do menino para mim para eu poder tomar café, “eu olho ele, vai tomar café senão você passa mal”, entendeu?

A menina pegou.. A carteira, a bolsa dela, jogou. E a menina que trabalhava lá pegou, “olha, a sua carteira...” Falou “a carteira sua está aqui, mas está sem registro” (Fernanda).

Trabalhando sob um clima difícil, sem horários para se alimentar e com relacionamento difícil com os pais, Fernanda parece encontrar, na empregada doméstica, algum reconhecimento de seu bom trabalho:

às vezes a menina falava “‘Nossa!’, mas por que é que você dá banho duas vezes no menino?” (Fernanda).

O comentário da empregada doméstica é feito no sentido de elogiar a babá pela preocupação com a criança, mesmo sem ninguém estar presente para ver.

No decorrer das entrevistas, pudemos notar que as profissionais escolhidas para cuidar das crianças, como domésticas da casa, “recebiam” a condição de cuidar também de uma criança, o que elas consideravam uma “promoção”. O inverso, ter a chance de passar a cuidar também da casa, mesmo tendo o salário dobrado, não parece ser bem-visto entre as babás, que, em diversos casos, recusam a proposta ou deixam o emprego. O registro de babá-doméstica não parece ser visto como algo positivo para a babá. E, apesar de não ter qualquer

implicação legal, já que, o trabalho de babá é classificado como trabalho doméstico, uma delas relata ter a “carteira suja” por ter sido registrada desta forma.

Alice sentiu-se prejudicada ao perceber que o registro em sua carteira a colocava qualificada como babá-doméstica, mesmo fazendo somente a função de babá:

[...] porque na minha carteira era para estar ‘babá’ e ele colocou ‘doméstica babá’, que a intenção deles já era colocar a moça que fazia as coisas da casa para fora... Porque eu já não gostei desse negócio da carteira, de ter sujado a minha carteira sem primeiro ter falado comigo que ia colocar ‘doméstica babá’, eu não gostei. Então o que é que acontece? Talvez eu não fique (Alice).

Alice se incomoda por não ter sido avisada ou consultada sobre o nome de sua função em registro. No entanto, durante seu tempo livre no trabalho, realizava funções da doméstica, em caráter de cooperação:

Ela até falava para mim “‘Nossa!’ De todas as que entraram aqui, você é a que mais me ajuda” (Alice).

Mesmo com o desconforto de ter seu registro como doméstica-babá, Alice não tinha problemas em realizar o serviço de casa, sem remuneração adicional para isso. A “ajuda” oferecida à empregada doméstica da casa não fazia parte de seus afazeres contratuais:

Então o tempo que eu não estava com elas, eu tinha que cuidar das coisas delas, daí eu cuidava da casa, ajudava outra moça lá, né, que fazia todo o serviço, embora até conversei com a Bruna, embora não fosse meu serviço, mas eu não me sentia bem delas não estarem em casa, de eu já ter feito o serviço delas, ver a moça trabalhando e ficar deitada olhando a moça fazendo (Alice).

Ao receber da patroa uma proposta em ter seu salário aumentado para realizar as duas funções, Alice nega, tendo como principal argumento uma incapacidade em realizar as duas funções:

Porque a idade, além da idade ser muito próxima, o apartamento é muito grande e eu falei para ela “eu não sei passar roupa social, então daí eu não consigo. Não adianta eu pegar o serviço e não conseguir fazer, tirar uma pessoa fora, para mim” [...] o salário era bom? Era. Só que eu não ia conseguir fazer o serviço (Alice).

Alice não foi a única babá a recusar o trabalho doméstico, mantendo também a função de babá:

falei “não, eu estou para ser babá, não para cuidar da casa. Eu quero cuidar da criança, não criança e casa”. Aí foi onde a gente se desentendeu e eu acabei saindo... acabei saindo não, ela falou “não, se você não for assim

eu vou contratar uma pessoa que cuida das crianças e cuida da casa”. Aí a gente se desentendeu e ela acabou me mandando embora (Helena).

A experiência de Betina foi diferente. A oportunidade de trabalhar como babá surgiu da relação como doméstica:

primeiro o meu trabalho foi de doméstica, onde lá também exercia a profissão de babá. Geralmente as crianças ficavam sem babá, acabava eu tendo que cuidar. Aí passou algum tempo, comecei a trabalhar em outra casa, de... como se fosse diarista assim, duas vezes na semana. E lá nasceu uma bebê. E aí eu comecei a cuidar dessa bebê (Betina).

Nos casos de Alice e Helena, cuidar da casa e da criança não eram opções desejadas por elas. Ainda na situação de Alice, vimos um fato novo. A empregada doméstica é mantida por anos, e muitas babás são trocadas com frequência.

Essa posição em que a babá se mantém é importante para nós. Enquanto, a doméstica pode ser trocada ou colocada para ser também a babá, quando na casa já existe uma babá essa oportunidade pode não existir, e se houver algum interesse da doméstica em ser convidada a ser babá, pode ocorrer certa dificuldade no convívio.

Algumas delas já trabalharam nas duas funções ao mesmo tempo, organizavam suas atividades para conseguir finalizar as tarefas da casa e cuidar das crianças diariamente. Os cuidados, em situações como essas, reduzem as possibilidades de brincadeiras com as crianças em alguns momentos, pois os afazeres domésticos diminuíam o tempo das cuidadoras.

Muitas vezes, por questões financeiras, a família não pode manter duas profissionais e a babá da casa é mantida.

Nas entrevistas, percebemos dois movimentos: a empregada doméstica que, após um tempo de convívio, é colocada para cuidar de uma criança, que geralmente nasce enquanto a empregada trabalha na casa; e, se já existe na casa babá e empregada doméstica, a babá é muitas vezes mantida e o trabalho de casa é solicitado a ela também, havendo um acordo financeiro entre as partes.

Assim, eles chegaram para mim e falaram “Célia, a gente não quer perder você, mas vai ser difícil contratar uma outra pessoa, porque está ficando difícil ter duas com essas novas leis que saíram agora, né, é difícil ficar com duas pessoas, e vamos fazer uma experiência para ver se você vai se adaptar, se vai dar conta”, e aí tem uma pessoa que faz a limpeza uma vez

por semana e o resto eu vou mantendo. A gente negociou assim. Ela falou “Eu vou te pagar além do seu salário, a gente vai te dar um dinheiro a mais, tudo bem para você?”. Aí, eu fiz minhas... falei “deixa eu ver”... falei “espera aí, vou ver se eu vou dar conta. Se eu der conta eu te falo”. Eu vi que estava dando tudo certo, né, e a única coisa chata mesmo é o horário, mas já vi que não tem como negociar com eles (Célia).

Célia decide aceitar a dupla função, tendo um aumento em seu salário, os patrões que não querem ou não podem manter duas profissionais pagando os direitos garantidos pela lei, mudam a rotina da casa, não tendo mais duas funcionárias. A babá é então mantida, pois já conhece as rotinas da criança e sabe como lidar com ela. Os afazeres da casa ficaram para serem realizados no período de aula da criança na escola.

Os horários de trabalho das domésticas e babás são diferentes: enquanto as babás precisam esperar a chegada de algum responsável para deixar a residência, as domésticas possuem horários mais fixos e em geral, saem mais cedo do trabalho.

por exemplo, tem a moça, né, que fazia a limpeza, ela tinha o horário dela, eu tinha o meu. O dela... ela entrava às 11 e saía às 6... às 7, né, e o meu era das 7 da manhã às 7 da noite (Célia).

já tinha dado o horário da outra funcionária e só estava eu e ela em casa (Alice).

Então, tinha horário, né, porque eu era registrada e tudo, né. Então eu entrava às 8:30... depende, às vezes saía 15:30, conforme ela... conforme ela chegava, às vezes 17:00, entendeu? (Denise).

6.8 A confiança no *care* de crianças

A decisão entre o tipo de cuidado a ser oferecido às crianças tem grande importância para os pais (Lehrer, 1983; Rapoport & Piccinini, 2004) e optar pelo cuidado pago dentro da residência tem, entre os pais, perspectivas econômicas (Lehrer, 1983).

Escolher uma pessoa para cuidar, dentro da residência, de um ou mais filhos requer confiança. No caso da contratação profissional, não seria possível deixar alguém sem conhecimento na área, referências ou boas indicações para esta função. Por outro lado, a pessoa contratada também deve ter a segurança de que receberá seus honorários, assim como a de que irá trabalhar dentro de normas e leis que a protegem.

Portanto, a necessidade de existir uma relação de confiança entre famílias e babás, sob a mediação de um vínculo formal de trabalho (e sem a mediação de outros tipos de vínculos, como parentesco, amizade ou vizinhança, mesmo que sob remuneração), parece iniciar-se antes mesmo da contratação. A escolha da forma como contratar, o que exigir do perfil, a ação de pedir indicações e a agência escolhida (quando é o caso) para a seleção de babás podem auxiliar as partes nesse sentido.

Pelo olhar de Macdonald (2010), a confiança, por parte dos pais em relação à babá, pode ser aos poucos alcançada no decorrer do treinamento, na utilização de câmeras de segurança e parece ser reforçada com monitoramento, através de visitas no decorrer do dia. Embora devamos considerar que câmeras e monitoramento sejam mais indícios de “desconfiança” do que o contrário.

A procura por um profissional “confiável” pode ser relacionada às expectativas de cada família e às condições de cada indivíduo cuidado. Soares (2012) explica que a função de cuidar é diferente a partir de cada pessoa a ser cuidada e de suas necessidades. Coloca ainda que “assumir o cuidado de uma criança, de uma pessoa idosa ou de uma pessoa com alguma limitação, por exemplo, não são, em absoluto, tarefas idênticas” (p. 186). Portanto, um profissional pode ter ótimas referências e não conseguir suprir as necessidades do contratante.

Pensando nesse sentido, mesmo no cuidado de uma criança, assumir esse trabalho em casa ou na escola certamente traz tarefas e responsabilidades diferentes. No caso da babá, o trabalho de cuidar acontece dentro da residência e não é sempre acompanhado de perto pela família. A decisão de manter uma babá em casa pode ser tomada para complementar o período em que fica na escola ou para evitar tirar a criança de sua rotina em casa.

A profissão de babá também traz outras especificidades importantes para a discussão do tema confiança:

- A babá é responsável por cuidar de criança (algumas cuidam de bebês que não podem relatar aos pais como foram cuidados);
- Ela trabalha dentro da residência e tem contato com a família, outros empregados e a rotina da casa. No item a seguir, falaremos um pouco sobre conhecer a intimidade do outro;

- Em alguns casos, a babá acompanha as idas ao pediatra ou frequenta a reunião escolar, sendo muitas vezes solicitada para informações específicas sobre a saúde e os hábitos da criança que a mãe eventualmente não sabe.

O cuidado realizado por parentes como tios e avós, por exemplo, conta com história de vida familiar (Brannen, Moss, & Mooney, 2004). A escola, por sua vez, tem profissionais de áreas diversas de conhecimento (pedagogo, cuidador, cozinheiro, segurança, por exemplo), havendo maior divisão de tarefas. A babá irá aos poucos conhecer a família e, em alguns casos, outros profissionais para trabalhar com ela e terá que adaptar-se à cultura de uma família, rotinas, expectativas e novas parcerias.

Falar de confiança é essencial no que se refere ao trabalho de cuidar, pois, para Soares (2012), o fato de alguém estar aos cuidados de outro, envolve riscos. Para o autor, o risco está associado à possível falta de competência, atenção ou honestidade de quem cuida. Como se consegue obter confiança em uma relação de trabalho mercantil? Essa é uma questão dilemática nesse tipo de configuração de trabalho de cuidar.

Em nosso trabalho, vemos que a confiança está relacionada também à responsabilidade da família em manter o cuidador a par de todo e qualquer tipo de informação sobre a criança. Além de garantir os direitos legais.

6.8.1 Indicação: confiando em quem confia

Nas entrevistas realizadas, percebemos que a babá é, muitas vezes, alguém indicada por antigos empregados, amigos ou pessoas que já trabalharam para a família. Agências especializadas são outro foco na busca de contratação confiável, contando com a possível substituição, caso não goste da pessoa contratada em um prazo pré-estabelecido (em geral de três meses). Apesar de não ter havido muitos comentários sobre o tema nas entrevistas, outra vantagem da agência é possuir advogados para cálculos trabalhistas e suporte de dúvidas para as partes⁴. Algumas indicações, ainda, podem ser feitas por ex-funcionários da casa, e sempre

⁴ Informação fornecida verbalmente por Frade, em São Paulo, em 2012.

surtem de uma relação de trabalho, sendo feita pela crença de que a pessoa é confiável como profissional por ser alguém confiável enquanto amigo.

Sobre esse tema as babás nos apresentam experiências diversas. Uma das babás entrevistada não acredita ser possível indicar uma outra babá, pela questão dos riscos assumidos ao cuidar de uma criança. Seus próprios vínculos de trabalhos, muitas vezes, foram concretizados através de agências. Para ela, cuidar da casa e de uma criança são tarefas diferentes e exigem um nível de confiança diferente também.

Você sabe que, na área de babá, é muito difícil você indicar uma babá. É mais fácil você indicar uma doméstica, mas babá é difícil, como eu sempre falo nas minhas entrevistas. É difícil o casal deixar um bebê com uma desconhecida se ele não sabe quem é. A casa não, você entregou sua casa para alguém, você chegou e viu que não estava muito bem limpo, você fala “não serve”, mas e o bebê? (Betina).

O relato de Betina nos traz duas importantes colocações. A primeira, é a tentativa feita por ela de tranquilizar os pais nas entrevistas, citando a eles a importância em confiar. Dessa forma, a babá parece deixar claro aos pais contratantes que desconfiar é permitido. Outra importante fala de Betina salienta a vulnerabilidade de um bebê. A vida que fica ao cuidado de outro, quando nem sempre é possível corrigir um erro.

Diferentemente do exemplo acima, vimos, em algumas outras entrevistas, relatos de indicação de babás para a função feitas por amigos, parentes ou funcionários da casa. A indicação de babás parece ser comum e ao mesmo tempo nos faz pensar que a confiança na pessoa que indica leva à confiança direta no indicado, mesmo sem experiências ou conhecimento na área.

Veremos a seguir, exemplos de babás, fora da área há anos, ou sem experiência anterior que são indicadas para cuidar de uma criança por conhecidos da família contratante e passam a ter a responsabilidade de cuidar.

A outra (babá) não ficou porque... parece que ela... eu acho que eles têm câmera, parece que ela andou perguntando muito sobre as câmeras que tinha lá... onde tinha, onde não tinha... aí, essa minha amiga, como já trabalha com eles há muito tempo, chegou neles e falou, aí, eles acharam melhor dispensar a menina. Foi quando ela falou que estava precisando, aí eu encontrei um dia com a minha amiga no mercado, eu falei para ela, assim... ela falou, “você está trabalhando?”, eu disse “não, estou procurando. Vou numa entrevista de telemarketing, agora”. Ela falou assim,

“ah, porque a minha patroa está precisando”. Aí, ela explicou, eu falei, “eu vou”. Aí fui lá, fiz a entrevista (Evelyn).

O relato de Evelyn nos revela aspectos da confiança em diferentes dimensões. Primeiramente a empregada da casa traz aos patrões o comportamento da babá atuante na casa inicialmente. A confiança na empregada faz, segundo o relato, com que os patrões demitam a babá em questão. A questão relacionada às câmeras de segurança será por nós discutida no decorrer da seção.

Essa confiança também permitiu a contratação de Evelyn que, sem atuar como babá há anos, conseguiu o trabalho. Evelyn, como já apresentado no item anterior, foi contratada, mas permaneceu por menos de um mês neste emprego por decisão da família contratante. Evelyn acredita que a demissão ocorreu porque a criança não se acostumou com o tom negro de sua pele, enquanto que a explicação dada a ela em relação à demissão foi a de que os pais decidiram contratar uma babá com curso de enfermagem, o que Evelyn não possuía.

Célia nos traz em sua história um exemplo de indicação feita com sucesso. A babá permaneceu por cinco anos no trabalho em questão.

Foi assim, eu trabalhava numa gráfica e nessa gráfica trabalhava um parente da Elisa. Entendeu? Foi indicação também. Aí, ela falou, “olha, o Mário – que é o pai da Elisa – está precisando urgentemente, você é uma pessoa calma, vejo que você vai dar conta da Elisa”, porque a Elisa é difícil, né. Eu falei, “ah, vou tentar, como eu gosto de crianças, né, vou tentar, e realmente deu certo (Célia).

No exemplo acima, o parente da família contratante acredita que a colega de trabalho possui a habilidade da “calma” necessária para cuidar daquela criança. A calma então, superou, nessa situação a necessidade da formação. O conhecimento técnico aqui, não foi solicitado, e também não foi preocupação para Célia que, por “gostar de criança”, decidiu aceitar a proposta.

Sobre a entrevista para a vaga de emprego com o pai da criança, Célia relata uma frase dita por ele: *“olha, já passou cinco babás, se não der certo com você eu não contrato mais nenhuma”*.

Nos parece, então, que a maior preocupação do pai era alguma garantia de que desta vez faria uma escolha correta ao contratar Célia, e talvez a indicação realizada por um parente certifique a boa contratação. As informações sobre a dificuldade em lidar com a criança e a

urgência em contratar parecem ter preparado Célia para um desafio. Agora, vejamos o exemplo de Denise. Ela também permaneceu por anos em uma mesma família:

Olha, eu arrumei através de uma amiga minha, uma vizinha, que trabalhava para a pessoa, entendeu? E como a gente tinha muito contato, eu e essa vizinha, ela me recomendou, me indicou.

Entrevistadora: E você já tinha trabalhado como babá, antes disso?

Não, nunca (Denise).

Célia e Denise decidem aceitar as indicações e iniciaram então uma nova carreira. As duas, que já tinham filhos, trazem na bagagem o conhecimento de cuidar de seus próprios, mas começam a experiência de trabalhar em uma residência, cuidando de crianças que irão aos poucos conhecer. Se pudermos pensar em motivação para aceitar o trabalho, talvez o fato de Célia deixar um trabalho para aceitar esse novo seja um fator de demonstração de seu desejo em mudar de área enquanto Denise, estava desempregada, e não tinha opções a escolher.

As práticas de trabalho das duas babás acima eram, segundo os relatos de Célia e Denise, muito diferentes. As necessidades de cada criança, os cuidados oferecidos por cada babá e as expectativas dos pais contratantes eram bastante particulares. As duas, porém, tinham muita autonomia em escolher, com a criança como vivenciar os dias. Citando Solomon (2004 apud Soares, 2014), “a confiança estabelece um quadro e expectativas e de acordos (explícitos ou não) dentro do qual as ações se conformam ou não”.

O negócio deles era nuggets, batata frita... Então... o pequenininho não era de muito de comer essas coisas, ele comia mais, assim, chocolate, tomava mamadeira... Aí, ele já estava arrumadinho, tomado o banhozinho, aí ele falava “vamos, Dê, assistir” ficava sentada assistindo até a mãe chegar... o pai chegar. Só... assim eu gostava tanto de assistir aquele...sabe aquele...é... backyardigans... (Denise).

Ela gostava muito de ir só no shopping. Só no shopping, Fran's Café, e não levava ela na escola, que ela não ficava muito na escola, né, o máximo que ela estudava era um mês. É várias escolas aqui desse bairro eu conheci, matriculava ela e ela não ficava, inclusive ela não estuda até hoje, né (Célia).

Denise e Célia realizavam as atividades que pareciam suprir as necessidades e expectativas – diferentes – dos pais contratantes. As escolhas, em ambos os casos, de como agir, atividades e alimentação são, de acordo com os relatos, definidas e mantidas pelas babás. Se optarmos em comparar rotinas das histórias citadas nessa pesquisa, perceberemos

diferenças importantes no papel da babá em cada uma das situações e, então, poderemos notar a questão das expectativas e a conquista de uma certa confiança no trabalho e na babá.

Uma reflexão que nos cabe aqui relaciona-se à formação técnica e a confiança. A babá deve ser melhor tecnicamente ou garantir segurança à criança? Claro que a segurança da criança é essencial, mas a forma sobre a qual ela dever ser garantida está relacionada às expectativas de cada família contratante.

Ainda no caso de Denise, outras situações colocaram à prova a confiança, tendo uma diferente resposta da patroa. Denise cortou o próprio dedo com uma faca durante o horário de trabalho e, ao não conseguir avisar a patroa, decide ir com a criança para o hospital:

E eu não sei nesse dia, deu “zica”, que o telefone dela estava desligado. E eu não conseguia falar nem na escola e nem no celular, aí eu liguei para uma amiga que era também babá, a Maria. “Má do céu, eu cortei meu dedo, meu dedo abriu”. Meu dedo abriu, sabe, dava para ver o branco lá dentro. “Má, o que é que eu vou fazer?” Fiquei desesperada e o menino... aí a Má veio com a patroa dela, levaram para o pronto-socorro para costurar o dedo e o menino foi junto. Aí a Maria ficou no carro com a bebezinha da patroa e com a criança de quem cuida. Aí, a patroa chega, a porta trancada e a janela toda aberta. E ela me sentou na escada desesperada, chorando: “Denise do céu, o que é que aconteceu? Eu estou te... como que...” não tem nem como te ligar, meu celular está sem crédito, o que é que eu... “Eu já ia chamar a polícia” e eu falei “para que tanto desespero? Eu só fui no pronto-socorro”, “o que é que aconteceu?” e eu falei “eu cortei o dedo”, “aí meu Deus” Foi a única vez, eu falei: “calma (patroa), calma que eu não vou raptar seu filho não, eu gosto muito dele, eu tenho muito carinho por ele, fica sossegada” (acha graça) (Denise).

Após o episódio inesperado, vendo a preocupação da mãe, Denise brinca, usando a confiança como piada. Denise assume que existiu na mãe a desconfiança e não apenas preocupação. Ainda falando de confiança de maneira cômica, Denise conta o fato de seu marido ter brincado com a mãe das crianças e acha engraçado o medo da mãe ao escutar a brincadeira:

Às vezes ela tinha... ela tinha um pouco de medo do meu marido, porque ele brincava muito, e o menino era bem branquinho dos olhinhos bem azuis, não, ele era branco e tinha os olhinhos bem pretos, sabe? Aí ele falava assim “Dona (patroa), o que é que você acha de pegar esse seu menininho aí ó, bonitinho, e vender?” (riso). “Dá um dinheiro bom” (risos), aí ela falava: “Denise do céu, você não vai vender meu filho não”, aí eu falei, “menina, meu marido fala isso brincando, ele não é louco não”, aí ela... nesse dia ela achou que eu tinha raptado ele, e eu falei “pelo amor de Deus, você é doida, Deus me livre”, foi a única vez assim... (Denise).

Denise permaneceu nessa casa por cinco anos, decidiu sair por razões financeiras, mas, apesar de inscrita em uma agência especializada, não se recolocou como babá em nenhuma outra casa desde então. Seu trabalho como babá pareceu ter sido satisfatório na residência onde trabalhou, a partir das expectativas daquela família contratante, mas essa experiência não a ajudou a encontrar novas oportunidades na área. Denise não manteve uma boa relação com a família após sua saída, o que, possivelmente limitou a chance de ter recomendações.

6.8.2 Câmeras de segurança na residência: invasiva e aliada

Para mim é tranquilo, porque, graças a Deus, eu nunca tive problema... eh... de... desse negócio aí, porque “não, porque tem câmera”. Não, nunca tive problema. E lá, na casa dela também tinha, nessa última casa que eu trabalhei agora tinha também. Na das gêmeas também tem, e tinha também na época que eu trabalhei. Foi... tranquilo. Para mim não... não teve problema. Entendeu? (Alice).

A existência de câmeras de segurança em residência parece ser um item que revela um desejo de tranquilidade, mas demonstra a desconfiança que vai desde o reconhecimento de que a figura da babá pode ser percebida como perigosa ao medo da babá em receber acusações injustas.

“E eu acho até uma segurança, né. Porque, igual às vezes uma criança se machuca na escola, acontece, igual muitas vezes eu cheguei, lá nessa casa que eu trabalhei agora, eu vi assim, roxinho, aí eu “dona (patroa), a criança está roxinha. O que é que aconteceu?”, “não, não, não. É que ela é muito branquinha, às vezes machuca na escola”. Alguma coisa. E elas também contavam muito para mãe, tudo o que acontecia na escola. E então isso é uma segurança para a gente mesmo, né, que às vezes se não tem, você vai falar o quê?, “Não, não fui eu”? Né. Não tem como. Então, é até uma segurança para a gente. E eu até prefiro (Alice).

Segundo as entrevistadas, a câmera de segurança permite que os pais tenham acesso ao trabalho da babá mesmo estando longe de casa. As imagens podem ser resgatadas em caso de dúvida em relação ao cuidado. Em uma queda da criança, por exemplo, é possível entender se a criança estava sendo adequadamente cuidada. Se para os pais é mais seguro, para as babás representa menor chance de desconfiança.

Achei bem legal o que ela fez, tipo assim, eu estava arrumando o quarto dela, ela gostava de ir lá, “ah, eu quero arrumar a minha cama”, aí ela ia lá e forrava do jeito dela. Aí a mãe dela via tudo, mas eu sempre gostava de chegar e contar, para não pensar (acha graça) também que eu estava pegando a menina e colocando ela para fazer o meu serviço. Então a mãe dela falava “não, Alice, que ela é assim mesmo” (Alice).

Na situação trazida por Alice, a brincadeira da criança ao ajudá-la trouxe a preocupação em explicar para a mãe. A criança estava com Alice há pouco tempo, pois era um emprego temporário. Quando Alice comenta “a mãe dela via tudo”, está nos contando sobre a vigilância constante que a câmera representa no trabalho. Mesmo nos relatando em outra situação que “é até uma segurança para a gente”, Alice tem que lidar com o constrangimento de estar sendo vigiada todo o tempo.

Para mim não fez diferença. Nunca fez diferença, porque com a câmera ali ou não, eu sempre tive paciência, que eu sempre fiz.... tudo o que estava ao meu alcance (Fernanda).

Mais uma vez, na fala de Fernanda percebemos a sensação de vigilância constante, mas a certeza de “provar” realizar um bom trabalho.

No olhar de Betina, as câmeras parecem ter como única função a de vigiar. A babá, que nunca trabalhou diante de câmeras, tem como primeira referência babás que maltratam crianças e são surpreendidas nas notícias da mídia. O trabalho da babá é, sem dúvida, assombrado pelo medo de violência contra a criança. Agências, câmeras, indicações são mecanismos que surgem para os pais como auxiliares na busca de confiança, e as babás buscam, na adaptação por cada um deles, encontrar benefícios próprios nesse “ritual” de desconfiança.

Olha, eh... no meu caso, eu não tenho problema, porque... nunca... graças a Deus onde eu trabalho, eu nunca judiei de um bebê, eu nunca fiz nada, mas eu acho que a câmera é uma boa pelo fato de você ver muitas notícias por aí. Mas aonde eu trabalho nunca teve câmera não, primeiro que... a primeira que eu te falei eu já conhecia os pais há muito tempo, eh... já trabalhava com eles antes do bebê; segundo, eu vim de uma agência, né, e quando você passa por uma agência, eles têm todo o seu currículo, né, tem suas referências, então... (Betina).

Na fala de Betina, a confiança possível de se estabelecer pelo tempo de trabalho com a família e por ter as referências de uma agência dispensariam a utilização de câmeras. Mas não deixa de ser uma confiança tênue.

Olha, por eu ver algumas reportagens que você olha e fala assim, “meu Deus, eu não acredito que uma babá tenha coragem de fazer isso”, então, para os pais saírem... que quando é um... bebê grande, que já sabe falar “olha aconteceu isso, isso”, tudo bem, mas e o recém-nascido, né? Então, eu acho que para os pais é uma segurança para ele saber como que aquela babá está cuidando dos filhos deles, como que é o dia a dia delas em casa, eu acho... para mim sem problemas, eu trabalharia numa casa com câmera sem problema nenhum (Betina).

Dentre as entrevistas, essa foi a única citação feita, por uma das babás, sobre a realidade de maus-tratos. O que não quer dizer que não seja uma questão importante. Quem gostaria de se assemelhar a essas pessoas cruéis? O que uma babá poderia pensar sobre o que se passa pelas cabeças dos pais que tomam contato com notícias e reportagens com esse teor apavorante?

Situações de maus-tratos são – ainda que se possa contar com o auxílio da contratação por agências, indicações, câmeras de segurança – um triste fato no trabalho de cuidar, pois o indivíduo que recebe o cuidado é frágil (como um bebê e a criança pequena) e não tem condições de defesa. Sabemos que existem, em todas as áreas, profissionais com todo tipo de preparo e conduta. No caso das babás, não é diferente. Ao que se notícia, existem babás que maltratam, machucam e desrespeitam a criança que deveria ser cuidada. Assim, a questão que se coloca para esta pesquisa é refletir sobre os efeitos que a consciência sobre a existência desses fatos terríveis provoca sobre as relações de trabalho nas atividades de cuidado.

E assim, todas as casas que eu trabalhei, também sempre que eu estava indo embora, chamava a minha patroa, sempre estava mostrando “ó! Minha bolsa”. Lá mesmo, nessa casa que eu trabalhei, lá tem o Pão de Açúcar perto. Eu fazia compra para ela. Daí eu ia fazer compra para ela, achava promoção de alguma coisa de casa, eu comprava, “Dona (patroa), eu comprei, está aqui a notinha. Comprei separado das suas coisas, está aqui as minhas coisas, estou levando”. Então sempre fazia isso. Entendeu? Ai... aconteceu isso (Alice).

Alice sugere a desconfiança com objetos e pertences da casa, preferindo expor-se e mostrar sua bolsa antes de sair.

Uma questão importante a ser colocada aqui em relação a presença de câmeras é a comparação com os outros tipos de cuidado, a qual nos referimos no início da seção. Se, como já dissemos, a opção realizada pelos pais ao cuidado pago dentro da residência tem

perspectivas econômicas (Lehrer, 1983), não poderemos pensar que a economia pode explicar a presença de câmeras nas residências onde tem babás e não familiares cuidando?

Enquanto nas escolas, ao se colocar câmeras, a explicação pode ser simplesmente o fato de que os pais querem acompanhar o dia a dia das crianças enquanto estão trabalhando e, ainda, um grupo trabalhado pode vigiar uns aos outros evitando os temidos maus tratos à criança, ou ao menos, diminuindo muito as chances deles ocorrerem. Na residência, a babá trabalha muitas vezes sozinha, sem alguém para acompanhar suas atividades.

O relato de Evelyn nos traz então uma série de questões a serem discutidas:

A outra (babá) não ficou porque... parece que ela... eu acho que eles têm câmera, parece que ela andou perguntando muito sobre as câmeras que tinha lá... onde tinha, onde não tinha... aí, essa minha amiga, como já trabalha com eles há muito tempo, chegou neles e falou, aí, eles acharam melhor dispensar a menina (Evelyn).

Perguntar sobre a existência das câmeras de segurança deveria ser um fator de desconfiança? A esse respeito temos algumas considerações: A questão sobre a existência de câmeras pode ser considerada pela família sim como algo preocupante, já que não sabemos a intenção em perguntar. A questão sobre as câmeras também é bastante plausível dado que trabalhar com a presença de câmeras pode ser considerado humilhante, constrangedor ou no mínimo desconfortável.

Apesar de nenhuma das entrevistadas ter, após ser questionada, mencionado desconforto em relação à presença de câmeras é importante colocarmos em questão esse posicionamento delas.

A presença de câmeras de segurança é comum em diversos setores profissionais, incluindo escolas infantis. A intenção dessa presença pode variar, tendo a segurança como principal argumento. No caso do ambiente doméstico, talvez seja importante considerar a diferença entre o trabalho da babá e dos outros trabalhadores domésticos, já que a babá tem como principal tarefa o cuidado à criança.

O trabalho de *care* da babá então está associado ao risco e à responsabilidade de cuidar de um menor. Quando trata-se de uma criança que, em muitos casos, não sabe se colocar e informar aos pais o que aconteceu em seu dia, a câmera pode ser um importante auxiliar para a família e para as babás.

O desconforto em trabalhar sob a câmera e o controle por ela representado possivelmente são diminuídos ao perceber que a câmera pode ser também aliada em situações novas ou de risco. O que nos parece é que a câmera pode representar à babá mais do que um mecanismo de controle. Pode ser uma aliada em qualquer momento, quando sua própria voz não é escutada. Quando, por algum motivo, a babá se percebe como um motivo de desconfiança e falta de credibilidade, a câmera é o que possibilita a ela ter voz, que mostra como estava realizando seu trabalho. A crueldade, então, não parece estar na presença de câmeras, mas sim, no fato de que a babá deverá ser a primeira a ser acusada no caso de algo sair diferente do planejado.

Em relação a amigos e familiares cuidadores, a questão da economia do *care* parece adequada para nossa discussão. Enquanto é “permitido” desconfiar de um profissional pago, assim como repreendê-lo frente a algo não agradável aos pais, nos parece difícil colocar câmeras em um ambiente onde um familiar ou amigo cuida, muitas vezes gratuitamente de uma criança. É aceito desconfiar de um familiar?

Como já dissemos, o cuidado oferecido por um parente traz a história da família e sua cultura (Brannen, Moss, & Mooney, 2004), além dos vínculos e uma hierarquia estabelecida. As relações, neste caso, não são contratuais ou temporárias. O cuidado então viria acompanhado dessas questões, podendo dificultar aos pais solicitações específicas ou desconfiança.

Zelizer (2012), como já discutimos, define as *relações bem ajustadas*, na economia do *care*, lembrando que “as transações econômicas distinguem a relação de outras relações com as quais poderíamos confundi-la, e assim, estragar a própria relação”. E ainda: “são como uma demonstração e uma promulgação dos acordos entre os parceiros da relação, como, por exemplo, uma visão partilhada pelos pais e pela *baby sitter*, relativa ao trabalho que a *baby sitter* deve prestar em troca do pagamento que recebe”. O pagamento da babá permitiria então o questionamento sobre o trabalho, de forma a diferenciar da relação parental.

Resta aqui a dúvida se a desconfiança surge somente frente ao trabalho da babá ou se apenas se permite desconfiar de quem recebe por esse trabalho.

6.8.3 Quando a babá não confia: conflitos e separações na relação de trabalho

A relação de confiança entre as partes é frágil e complicada. A família busca uma babá que, acima de tudo, irá oferecer segurança à criança, existindo, então, um risco e um medo de algo de ruim acontecer com a criança tendo a babá como a responsável.

Esse medo é vivenciado também pela babá que sabe que, mesmo tendo uma relação estável com a família, sempre será frágil e qualquer acontecimento inesperado relacionado à criança poderá trazer à tona a desconfiança em seu trabalho.

Além do medo de uma acusação injusta, as babás também se preocupam com a segurança própria, desejando eliminar a chance de não terem seus direitos trabalhistas desrespeitados. Pagamento adequado, registro em carteira feito corretamente, informações relevantes sobre a criança são pontos relatados pelas babás como essenciais para a confiança e manutenção da relação.

já pensou que ele passa mal e acontece alguma coisa com ele, sem eu saber de nada? (Fernanda).

O comentário acima ilustra uma frase dita pela babá à mãe da criança que Fernanda começou a cuidar. A mãe, que não havia contado para Fernanda da deficiência do menino, recebe de Fernanda uma reclamação. Nesse caso, a relação de cuidado permanece após a mãe da criança dar maiores explicações para a babá.

O caso foi assim: Fernanda foi contratada e já estava dando banho no bebê, quando notou uma mudança em seu comportamento. Assustada, a babá pede ajuda à empregada da casa, que lhe conta sobre a deficiência da criança. Para Fernanda, as informações garantiriam seu maior preparo para cuidar adequadamente, evitando acidentes. A mãe, ao ser questionada, replica: “Ah, mas ele já vai ficar bem”.

A expectativa da mãe em relação à melhora do filho e a omissão da informação para a babá na contratação conduziram as duas ao primeiro desentendimento, seguido de outros, relacionados também a pagamento, registro e comportamento dos patrões frente aos filhos.

Você já imaginou, assim? A pessoa assim, é mentiroso. Não pode trabalhar com um ser humano desses. Esses... independente de ser patrão, você é ser

humano, independente de você ter condição financeira ou não, a necessidade não vem do dinheiro, vem do caráter da pessoa, e isso eles não tinham.

[...] e também, assim, porque eles nunca me pagavam certo, nunca eram honestos comigo. Entendeu? Sempre sabia que estavam tramando alguma coisa. Então, assim, eu me sentia uma pessoa correta trabalhando para uma pessoa incorreta. E isso eu não admito, porque assim, eu sou uma pessoa que assim, sempre trabalhei certo... (Fernanda).

Fernanda fala de honestidade e do seu desejo de receber dos membros da família o mesmo tratamento que lhes oferece. A relação assimétrica a deixa descontente. Assimetria de poder que fica muito clara no caso abaixo.

Alice teve em sua última experiência profissional uma acusação de roubo. A babá, que solicitou à dona da casa que chamasse a polícia para revistá-la, decidiu, após o episódio, deixar esse tipo de trabalho temporariamente, assumindo ser necessário acompanhamento psicológico para preparar-se para um retorno:

Revistou. Ela viu a minha bolsa, na minha bolsa... eu abri toda minha bolsa, mostrei tudo para ela. Não tinha nada dela.

[...] acho que eu preciso ficar ainda um pouquinho em casa (ri nervosamente) [...] É porquê... (riso) eu acho que mexeu um pouquinho assim, de... foi meio complicado você ser acusado de uma coisa que você não fez. Então, acho que para poder eu voltar e trabalhar vai... vai um tempinho ainda, vou precisar de um preparo (ri nervosamente) (Alice).

6.8.4 É possível confiar?

Para as babás, a confiança em relação aos pais é aos poucos construída pelo comportamento destes e pelas promessas cumpridas, como receber salário na data correta, férias, informações completas sobre as necessidades da criança, por exemplo.

Em relação aos pais, sabemos que existem leis gerais sobre trabalho doméstico, cursos com conteúdo e carga horária diversos e ainda, como já tratamos em outro item desta pesquisa, atividades e tarefas inespecíficas, transformando o trabalho difícil de ser avaliado.

eu não tomo iniciativa se a mãe não me der autorização, então eu já vou perguntando “você gosta de dar banho?” porque tem mãe que prefere que dá banho no bebê. “Não”, ela falou “não, a partir do momento em que você estiver pode dar banho” aí no primeiro dia, eu dei banho nele, aí no segundo dia, eu... falei para ela assim “você quer vim ver eu dar banho?” e ela falou “quero” e eu falei “pode entrar” e ela olhou eu dar banho nele, tranquilo, e aí a rotina dele, aí depois ela foi trabalhar, aí eu só falei para ela assim “olha eu sei que você está há 4 meses aqui com ele, é difícil sair, deixar, mas você pode ter certeza que... que eu vou cuidar muito bem do seu filho como eu cuidei dos outros” e, graças a Deus, nunca teve problema nenhum (Betina).

A relação pode tornar-se com menos desconfiança com o passar do tempo:

De hoje sim, aí assim, bem tranquila mesmo, assim. Também, sete anos, eles já me conhecem, eu já conheço um pouco eles também (Helena).

Com sete anos de relação de trabalho, conhecer “um pouco” o outro pode trazer certa tranquilidade, mas a desconfiança deverá surgir caso algo novo aconteça. A fragilidade de quem é cuidado pode tornar frágil a relação. Contudo, a confiança parece se fortalecer através da boa relação entre a babá e a criança.

Apesar de ser inquestionável a necessidade de tentar-se construir alguma confiança por parte dos pais em relação à babá, Fernanda, em seu relato, também trata desse importante ponto dessas relações. O cuidado pode passar a ser responsabilidade total da babá, havendo, por parte dos pais, maior demanda dos cuidados da babá, sem se responsabilizar tanto pelos filhos:

Assim, quando contrata uma pessoa, que eles pegam confiança, ninguém está nem aí, entendeu?

Quando eu entrei, todo mundo era muito ligado. Tinha câmara na casa toda, não podia entrar num quarto de sapato, era uma frescura quando eu cheguei. Eles eram bebês quando eu cheguei. Então, ‘tipo assim’, ninguém podia entrar na casa, ninguém... no quarto deles com chinelo, sabe? Era assim, uma frescura. Comida, era tudo direitinho. Tinha uma menina que fazia comida, que era a menina que trabalhava na casa que fazia a comida deles. Né. Tinha que descer, tinha que fazer isso. Aí, depois que se acostumou, que pegou confiança, relaxou (Fernanda).

6.9 Limites e reconhecimento

Aí, quando chegava no dia das mães, o menino dava o presente do dia das mães para mim (Fernanda).

Já sabemos, por meio de nossas discussões, que o espaço do trabalho da babá, dentro do contexto familiar, abrange horários variáveis, regras que se alteram com a rotina da casa, com a intimidade gerada pela convivência familiar e com o afeto já mencionado. Nesse sentido, é importante a reflexão sobre o trabalho a ser realizado e o que não está especificado dentre as atividades da babá.

Desde cuidar de um dos membros da família que adoece, levar o cachorro para passear ou auxiliar a empregada doméstica nos seus afazeres, até esperar pelos pais em caso de atraso, buscar a criança na escola fora de horário e entregar roupas na lavanderia, estes são encargos confiados à babá e citados em nossas entrevistas.

Essa “mistura de tarefas” nos parece um resultado da confusão de seu papel com o da empregada doméstica, pois recebe tarefas gerais relacionadas à casa. A babá aceita e realiza as atividades solicitadas. Nas entrevistas realizadas não houve nenhum relato de recusa, mesmo sendo atividade totalmente desligada da função, como passear com o cachorro, por exemplo. Os relatos das babás se deram em torno da falta de reconhecimento.

A mudança de horário de saída do trabalho, mesmo sendo compensada financeiramente, é o maior desconforto das babás, pois lhes retira qualquer possibilidade de programar suas próprias vidas.

Dentro do horário de trabalho, outras situações colocam a babá em atividades que vão além de sua função. Célia recebeu em um feriado a ligação da casa na qual trabalha solicitando sua ajuda para cuidar da mãe que havia sofrido um acidente. Meses depois, cuidando da criança e da mãe, relata não ter recebido da mãe agradecimento ou qualquer pagamento adicional pela tarefa:

Ela caiu de uma escada. Eles foram para a chácara e lá ela subiu para tirar uma teia de aranha não sei de onde e caiu e aconteceu tudo isso, né. E eu convivi, ela ficou em casa uns oito meses, eu cuidando dela (Célia).

O cuidado de Célia com a mãe foi o mesmo que a babá estava acostumada a oferecer à criança. Ela dividia seu tempo entre as duas. O pai garante que ela é o “braço direito”, e dessa forma direciona a responsabilidade daquele cuidado à babá:

Ele pediu, né. Ele falou ‘Ce, eu conto com você, eu sei que você está aqui, você é o braço direito da gente, e mais do que nunca eu estou precisando da sua ajuda’, né, aí eu fiz tudo, né. E ele sim, ele agradeceu, também não me falou assim ‘vou te pagar a mais por isso’. Também eu não... também eu não cobre nada, eu fiz de coração, entendeu? E ele e a menina sim, mas ela (mãe) não, ela não fez (Célia).

Sem receber nenhum bônus pelo trabalho adicional, Célia prefere reconhecer o agradecimento de pai e filha, decidindo lamentar somente a falta de agradecimento da mãe. “Fazer de coração” nos parece um esforço para aceitar o trabalho adicional, sem lamentar a falta de pagamento. Percebemos aqui o trabalho emocional realizado por Célia para lidar com a situação de trabalhar muito a mais do que sua atividade, sem remuneração e sem reconhecimento da pessoa objeto do cuidado extra. O agradecimento da criança ganha um espaço de grande importância para a babá:

‘obrigada, Ce, por tudo que você fez pela minha mãe’, né, enquanto a mãe dela, que teria que ter agradecido, né, e não fez. Isso também me marcou muito, não consigo esquecer. É isso aí (Célia).

O trabalho inestimável não é mensurável, especialmente através dos métodos de gestão: como medir um sorriso, uma presença? Seu valor não tem preço, o que torna altamente complexa a questão de sua remuneração: por que aquilo que mais valor tem é o que menos se remunera? Isto que equivale a dizer-se, igualmente, que no caso da cuidadora domiciliar, o do trabalho poderia preponderar não somente sobre o reconhecimento social mas também sobre a gratidão... (Molinier, 2012, p. 36).

As atividades realizadas por Célia eram muitas, pois a mãe permaneceu por meses em cadeira de rodas, não conseguindo se locomover:

Eu cuidei da mãe dela também, né, então você vê a cabecinha dela, né, “eu não quero mais o seu tempo para mim, cuida da minha mãe para mim”, que ela via, eu cuidava, penteava o cabelo da mãe dela, levava no banheiro, dava banho, tudo, né. Aí, depois, quando terminou tudo, que a mãe dela começou a fazer as coisas sozinha, ela falou assim “Ce, agora vou te agradecer”. Aí, ela me agradeceu, me deu um abraço e falou “obrigado por tudo que você fez pela minha mãe”, e o que a mãe dela não fez... daí falou assim, “obrigada, Cê. Você vê né, a criança, né... (Célia).

A ausência de agradecimento da mãe foi marcante para Célia, assim como o reconhecimento da criança, que foi citado por ela diversas vezes. As crianças trazem às babás o reconhecimento de diversas formas:

Assim, é eu arrumar ela no primeiro dia de aula, né, ela agradecer por tudo o que eu faço... e o primeiro dentinho dela... e ela fala... ela fala sempre... assim, que eu vou ser a babá dos filhos dela (Célia).

O relato acima de Célia é a resposta à questão realizada na entrevista sobre suas melhores lembranças da relação com a criança. Importante notar em sua fala que os momentos importantes intercalam com o reconhecimento constante da criança. Citando Molinier (2012, p. 36), “No nível interpessoal, é a admiração e o respeito recíprocos que selam a dimensão ética do reconhecimento”. Nesse sentido, vamos retomar o relato de Fernanda, citado no início desta seção:

Aí, quando chegava no dia das mães, o menino dava o presente do dia das mães para mim (Fernanda).

A história a qual Fernanda se refere, já discutida por nós, traz um histórico de descaso da família e dependência da criança em relação à babá. Fernanda, como já citamos, chegou a retornar de férias para alimentar a criança, e recebe dessa criança um reconhecimento, O presente, não é um presente qualquer, mas o do dia das mães. O menino não somente demonstra seu reconhecimento pelo trabalho de Fernanda, como a coloca como sua principal cuidadora.

Em outra experiência, Fernanda dedicava tempo de seu trabalho estimulando a criança com necessidades especiais, percebendo a criança mais feliz. A família, segundo Fernanda, não dava à criança o suporte adequado para suas necessidades.

E a cabeça dele já era toda chata. Então, quando eu cheguei, comecei a assentar ele, trocar ele como se ele fosse uma criança da idade da irmã dele. Assim que ele via a coisa diferente. Ele dava risada, ele estava se sentindo amado. Ele era outra criança (Fernanda).

O cuidado de Fernanda com a criança, mudou a rotina do menino, que passa a sorrir e interagir, conforme suas possibilidades, com ela. Fernanda já havia notado, em outra situação, marcas de mordida na criança, feitas pela irmã, sem que ninguém da família percebesse. Seu trabalho nesta casa, foi penoso. Como já exploramos nos subitens anteriores, a babá foi privada de refeições, teve, muitas vezes, seu horário de saída atrasado sem ter ao menos

comunicação prévia, presenciou discussões entre os pais e, mesmo em péssimas condições de trabalho, a babá preocupava-se primordialmente com o bem-estar do menino.

Então tipo assim, eu nunca deixava ele na mesma posição deitado de barriga para cima, eh... que nem eles deixavam, o dia todo. Eu sempre mudava ele de posição. Porque, às vezes, na minha casa eu deitava assim, e via quanto tempo (acha graça) eu aguentava ficar de barriga para cima e de lado. Então, assim, aquilo ali eu vi que era ruim para ele, mas ele não sabia falar. Você cuidar de uma criança que não tem... mas ele sente, entendeu? (Fernanda).

Em relação à mesma família, sua insatisfação diz respeito à falta de reconhecimento:

[...] ninguém te fazia um elogio, ninguém te dava um mimo, sabe? (Fernanda).

Contratada para cuidar de gêmeos, sem receber a informação que uma das crianças era portadora de necessidades especiais, viu-se também tendo que cuidar da tia das crianças, que passava o dia em casa para “auxiliar”, mas, segundo a babá, era depressiva e precisava também de seus cuidados:

Aí você já imaginou, cuidando de duas crianças? Uma criança especial com uma mulher com um problema também? (acha graça). Você entendeu? (Fernanda).

Retomando a história de Célia, trazemos a queixa da criança, que preocupa-se com as atividades realizadas pela babá e registra o descontentamento de percebê-la realizando atividades demais: “*eu já pedi para a minha mãe, eu não quero você fazendo isso...*”.

As atividades além do prescrito já são parte da rotina do trabalho dessas mulheres. O não reconhecimento agrava as relações de trabalho, mas não aparecem espelhados nas relações com as crianças nos relatos. Entretanto, o reconhecimento das duas crianças citadas nessa seção claramente trazem às babás motivação para o trabalho.

6.10 Na intimidade do lar

6.10.1 Seria possível discutir care sem falar de intimidade?

Esta seção tem como objetivo discutir a intimidade presente em diversos contextos. Nosso objetivo é cobrir duas grandes questões. A primeira tem como foco principal discutir a

intimidade tal como definida por Murray, apresentando principalmente a relação da babá com a criança.

Em seguida, buscaremos discutir o que aqui chamaremos de “intimidade do outro”, que seria, para nós, o contato com a vida íntima de uma família, a intimidade de membros da família, as relações entre as pessoas da casa, as dinâmicas familiares, o modo de cada um no contexto daquele lar. Esse contato com a “intimidade do outro” independe de haver uma boa relação ou não com a família, ele é inevitável no trabalho das babás. Trata-se da intimidade das pessoas e não necessariamente entre elas. É a intimidade percebida pela babá no contexto do lar, a intimidade dos indivíduos sobre a qual a babá tem acesso.

O contato com o privado, a vida do outro que passa a ser vista pela profissional no contexto doméstico e, em alguns momentos, a interferência em seu trabalho é, a nosso ver, de extrema importância para compreendermos o cotidiano do trabalho das babás. Um exemplo disso é o fato de saber que o pai é o único responsável pela criança e, ao mesmo tempo, tem uma profissão demandante, podendo resultar em atrasos constantes no horário de saída da babá. A babá, conhecendo mais intimamente o espaço familiar e as dinâmicas nele inseridas, pode, entre outras situações, saber qual dos pais é mais acessível para falar de questões do trabalho e até mesmo entender que, em determinados dias, é melhor não conversar sobre problemas, o que pode resultar a ela mais facilidade na comunicação com os pais.

No decorrer desta seção, alguns assuntos relacionados à intimidade da babá com a família e a criança serão abordados, tais como:

- A babá tem contato direto com a criança, seu corpo e suas demais necessidades, tornando-se íntima dela;
- A babá pode tornar-se íntima da família, tendo maior proximidade e até amizade com membros da família (discutimos esse tópico acima);
- O trabalho da babá em situações de fragilidade de algum membro da família (criança ou um dos pais);
- Intimidade própria (quarto compartilhado, câmeras de segurança, criança adentrando o espaço durante a noite).

No decorrer da discussão, perceberemos a “intimidade do outro” e abordaremos os tópicos listados abaixo:

- A babá no contexto doméstico percorre espaços privados e conhece a intimidade da família (não necessariamente torna-se íntima dela, mas a conhece bem);
- Sua alimentação está inserida neste contexto, assim como a alimentação da família. Como é essa relação?

Nos atentamos inicialmente a duas histórias específicas, trazendo à tona a reflexão sobre a intimidade nos contextos colocados. As duas primeiras histórias relatam o cuidado da criança com diagnóstico de depressão e o segundo caso, uma criança com paralisia cerebral, já comentados neste trabalho. As histórias trazem diferentes posturas dos pais e das babás, e demonstram a intimidade da criança com a babá, e da babá com a família. Nos dois casos, a saída do trabalho foi sendo postergada pelas babás a partir da crença de que fariam diferença para a criança. No primeiro caso, Célia se diz frustrada por não ter conseguido ajudar e, no segundo, Fernanda demonstra satisfação na diferença que fez à vida da criança.

O primeiro caso traz a história da relação da babá Célia em uma casa onde a mãe havia ido embora, deixando pai e filha. A filha (com nove anos) fazia tratamento para depressão, frequentava psicoterapia, psiquiatria e não recebia nenhuma educação formal. O pai, por sua profissão, chegava em casa sempre após as 22h, deixando a filha aos cuidados da babá.

Célia, na entrevista inicial com o pai, escuta: *“olha, já passou cinco babás, se não der certo com você eu não contrato mais nenhuma”*. Parece que o pai já tentava trazer a dificuldade e a necessidade de poder contar com alguém. Em sua fala, ele insere a informação de que não é fácil a tarefa de cuidar da filha e de que tem tentado há tempos. A informação fornecida pelo pai revela a intimidade da vida familiar, com as dificuldades nas tentativas de encontrar alguém que assuma o trabalho, e causa impacto na decisão de Célia.

Murray (1998) coloca que, em relação ao cuidado com a criança, a intimidade entre a cuidadora e a família cresce rapidamente. Em relação ao seu trabalho realizado com cuidadores em berçários americanos, ela comenta: “Esse processo de desenvolver a intimidade começa nos primeiros momentos de contato” [tradução nossa] (Murray, 1998, p. 153).

Esse foi o primeiro trabalho de Célia como babá. Era a primeira vez que ela adentrava uma residência para trabalhar. A intimidade no trabalhado doméstico já acontece e, no caso das babás, é ainda maior, por ser uma atividade de cuidado dentro do espaço doméstico. Nesta situação, Célia lidava com uma criança depressiva, então, o “processo da intimidade” parece ter sido ainda mais intenso:

Eu também tive que passar... tive que ter uma orientação, né, com a psicóloga também, porque eu também estava ficando junto, né. Aí, depois, eu comecei a lidar; aprendi, né, a lidar com a situação, mas no início foi difícil, mas fiquei ainda cinco anos com ela assim, né (Célia).

No relato de Célia podemos não ter o acesso à sua relação de intimidade com a criança, mas podemos perceber que o contato com os terapeutas e o preparo sobre o qual Célia se refere diz respeito à fragilidade e ao sofrimento íntimo de alguém que será cuidado por ela.

Durante o tempo em que Célia permaneceu na residência cuidando desta criança, a sua presença fez parte ativa na vida da menina:

[...] a gente descobriu a mãe dela, aí eu começava a levar ela na mãe dela, assim, duas vezes por semana, mas o que é que acontece, cada vez que ela ia voltava pior; aí perdemos o contato também, né (Célia).

Ao relatar o fato acima, percebemos que ela se insere no contexto, quando fala “a gente” e “perdemos o contato”, como se fosse algo dela também. Quem descobre a mãe da criança é a avó paterna, e o contato se perde após uma avaliação da psicóloga da menina.

A vida da babá nesta família e as demandas resultaram na ausência da babá em sua própria família. Essa ausência levou ao fim de seu casamento.

Assim, ela era... tão difícil... ela se cortava, né, era muito difícil cuidar dela... aí, cheguei um dia em casa ele tinha ido embora e até hoje... (acha graça) foi embora, nunca mais... né (Célia).

A intimidade no trabalho, então, tomou conta do tempo, da intimidade na própria família da babá nesta situação. Percebemos a babá tornando-se mais íntima da criança do que os próprios pais. Nesta situação, a babá lidava com o sofrimento da criança, os cortes no corpo, a ausência de escola e a dificuldade em inserir na vida de criança atividades recreativas.

É várias escolas aqui desse bairro eu conheci, matriculava ela e ela não ficava, inclusive ela não estuda até hoje, né.[...] Ela foi... ‘tipo assim’...

mimada, tipo... o pai dela, ele está ausente, ele está sempre ausente, mas ele acha que o dinheiro resolve, entendeu? (Célia).

Podemos perceber nas frases acima a intimidade de Célia nesta relação. Ela procura escolas para a criança e sabe como é a conduta do pai. Célia livremente coloca sua opinião sobre a educação e as necessidades da menina.

Após a saída desse emprego, Célia continua a visitar a criança. Abaixo percebemos que Célia conhecia de perto as necessidades e os desejos da menina. A decisão do afastamento vem por parte de Célia que talvez não desejasse ter mais contato com a fragilidade, pois em sua entrevista relata que “*se tivesse acontecido tudo aquilo (sua separação com o marido) e ela tivesse melhorado eu estaria satisfeita*”.

[...] assim, que eu tinha uma folga, eu ia lá ver, né, e quando eu chegava lá, “eu quero fumar, me deu vontade de fumar”, e estava proibido fumar. Aí, “vamos ali, vamos ali comigo”. A gente ia na rua, pensava que não, o pai dela deixava muito dinheiro com ela, ela comprava um cigarro, e aí então isso... eu estava achando que a minha presença estava atrapalhando, né, aí eu afastei (Célia).

O relato acima diz respeito às visitas realizadas já na adolescência da menina, porém o vício ao cigarro iniciou antes de sua maioridade. O pai solicitava que a babá controlasse o consumo.

Eu ficava com o cigarro e controlava, né, ‘tipo assim’, dava um, daqui a uma hora dava outro, e aí chegou uma situação que eu não estava conseguindo mais controlar, né, ela “eu quero, eu quero”, aí começava a se cortar e tinha que dar, não tinha jeito, aí depois foi liberado (Célia).

Entre crises e melhoras, a babá estava por perto, acompanhando, colocando os limites que conseguia e conhecendo cada vez mais a família e a criança. Durante uma crise e um processo de internação, a babá foi responsável por acompanhar no hospital o dia a dia da menina:

Ela ficou internada um bom tempo, eu acompanhei, fiquei junto, né, fiquei junto com ela, ficava o dia inteiro, até ele voltar do serviço, e ela ficou bem uns três meses (Célia).

Cuidar do outro traz à tona uma relação de intimidade, mas, quando se cuida de alguém hospitalizado, é preciso lidar com a fragilidade ainda maior do outro, o que torna a situação mais íntima. Neste caso, a babá parece ter sido a pessoa responsável pela menor durante a internação, possivelmente ela teve mais contatos com médicos e enfermeiros do que o pai.

Como em tantas outras relações criança-babá, essa criança também chama de mãe quem a cuida. Especificamente nesse caso, a ausência da mãe pode ter interferido no processo do desligamento, a babá acompanhava a criança em todas as atividades. De todas as entrevistas realizadas, este foi o único caso em que não havia uma divisão de tarefas com os pais, o que traria como consequência um olhar diferente por parte da própria babá que se colocou por anos como responsável pela criança.

assim, eu saía com ela o tempo inteiro, né, era terapia, se ela quisesse ir passear eu tinha que levar, e ela começou a... ela me chamava de 'mãezinha'. Sozinha, eu e ela, né. E era uma responsabilidade muito grande, eu fazia o papel tipo... além de ser babá, de mãe, né, porque ela não tinha a mãe dela, né. E levava ela, marcava as consultas, era... a semana inteira, aí se ela quisesse sair, aí ela falava "me leva para sair", eu trazia ela, passeava com ela, aí ela gostava de ir no Fran's Café, a gente ia, tranquilo, né, o pai dela autorizava e tudo (Célia).

Ao decidir sair do trabalho, Célia indica e treina uma pessoa para seu lugar. Trabalhou por mais 40 dias para sair e deixar a menina, já adolescente tranquila com uma nova babá.

"Não, 'mãezinha', não me deixa". Aí, eu fui tentando convencer que os meus filhos precisavam de mim, que eu precisava de um horário tranquilo para chegar em casa, até que deu certo, né, mas foi difícil, foi difícil para sair dela, viu? (acha graça) (Célia).

No caso acima, vimos como Célia foi inserida no contexto familiar da criança. Ela sabia dos horários do pai e precisou lidar com eles. Conheceu terapeutas, visitou escolas, conheceu a mãe da criança e as necessidades e desejos da menina. Hoje, Célia mantém contato com ela, conhece quem cuida dela, sabe que ainda está em tratamento, que nunca voltou a estudar e quanto ela pesa. Célia decide se a visita ou não pelo que julga ser melhor para a jovem. A intimidade não é a mesma desde que Célia decidiu deixar o trabalho, mas o contato permaneceu.

Não somente Célia sabia que a mãe não morava na casa, como relata que foi um abandono. Conhecer a família e a dor de perto faz parte do trabalho doméstico, especialmente da babá.

Mas aprendi muito, até mesmo indo para psicólogo, psiquiatra, levando ela, acompanhando... uma criança que a mãe abandonou e deixou com o pai, né (Célia).

No caso seguinte, Fernanda já chega a uma casa com experiência na profissão. Após a entrevista inicial, a mãe a contrata para cuidar de gêmeos, ainda bebês. Aqui a babá teve

contato com a dificuldade dos pais em lidar com as limitações de uma das crianças, a falta de informações, a relação familiar e as diferentes formas de demonstração de limites e regras propostas por esta família.

Uma vez eu fui contratada para cuidar de uns gêmeos, e o menino era especial e a mãe dele não falou. Só quando eu fui dar banho é que eu percebi que o menino era especial... Aí a menina que trabalhava lá falou “ela não te falou? Ele é especial” (Fernanda).

A comunicação da mãe com a nova babá traz limitações e uma importante informação sobre a criança de quem irá cuidar vem através de outra funcionária da casa. Esse seria o primeiro conflito entre a babá e a mãe:

Daí eu percebi que ele era (especial), sentei com ela (a mãe), eu perguntei, ela falou “ah, logo ele vai melhorar”, falei “mas isso não é justificativa, você deveria ter afirmado, o que é que foi que ele tem, explicado, direitinho, porque assim, já pensou que ele passa mal e acontece alguma coisa com ele, sem eu saber de nada? (Fernanda).

No relato, percebemos a necessidade da intimidade no cuidar: a informação não dita traz à relação da babá com a mãe um desentendimento inicial, o que resulta em falta de confiança da babá em relação à mãe e em insegurança da babá em cuidar da criança. A relação de Fernanda com a empregada da casa torna-se íntima, havendo, no decorrer da entrevista, uma série de colocações positivas sobre ela.

Em relação às crianças, a babá passa a conhecer mais as necessidades do menino que, segundo ela, não recebia estímulos da família:

Porque, quando eu cheguei, eu senti que ele era... É um bebê, ele tinha 2 anos mas ele não fazia nada. E o pessoal, porque ele era um bebê achava que ele não sentia necessidade das coisas, deixava ele muito tempo sem tomar água, pelo fato dele não saber pedir, sabe? E deixava ele muito tempo deitado de barriga para cima. E a cabeça dele já era toda chata (Fernanda).

Cuidando de uma criança na residência, a babá pode perceber a maneira como cada membro da família trata as crianças, os funcionários e se tratam. Observar a maneira como a criança é cuidada e comparar com o cuidado oferecido pela babá foi um tema recorrente nas entrevistas. Neste caso, a babá se coloca de forma bastante crítica e passa a ter uma postura diferente do que a da família.

Então quando eu cheguei, comecei a sentar ele, trocar ele como se ele fosse uma criança da idade da irmã dele. Assim, que ele via a coisa diferente. Ele dava risada, ele estava se sentindo amado. Ele era outra criança. Porque eu

tratava ele como criança, não como uma criança especial. Eu não definia ele assim, ele é um bebê que tem uma especialidade, então vou encostar. Não. Eu então assim, do jeito que eu brincava com ele, eu brincava com a menina. Então isso é que faz a diferença (Fernanda).

A babá passa a conhecer e a entender as necessidades do menino, percebe ele sorrindo e acredita que ele está feliz com sua presença. Para ela, essa intimidade foi de grande importância para sua manutenção nesse emprego:

Depois eu fiquei bastante tempo com eles, assim, não por causa deles, mas porque eu acabei me apegando a ele. Eu fico imaginando “se eu deixar ele alguma pessoa vai pegar para cuidar dele. E se judiar dele?” Então, eu cuido das crianças, que eu cuido como se fosse meu filho, apesar de eu não ter nenhum, né (Fernanda).

No primeiro caso, vimos que Célia indica e treina uma amiga para continuar em seu lugar, talvez a intimidade com o próximo cuidador faça diferença para garantir que a criança terá a manutenção de bons cuidados. A intimidade com uma criança que não fala e que pertence a uma família que não traz muitas informações pode exigir maior esforço da babá:

Então, ‘tipo assim’, eu nunca deixava ele na mesma posição deitado de barriga para cima, eh... que nem eles deixavam, o dia todo. Eu sempre mudava ele de posição. Porque, às vezes, na minha casa, eu deitava assim, e via quanto tempo (acha graça) eu aguentava ficar de barriga para cima e de lado. Então assim, aquilo ali eu vi que era ruim para ele, mas ele não sabia falar (Fernanda).

Com a preocupação em se deitar e esperar o tempo que o corpo começa a doer para entender as necessidades de uma criança deficiente que nunca era movimentada na cama pela família, a babá passa a ter a íntima sensação do corpo, do entendimento da criança e passa a conhecer mais de perto a dor e a perceber as possibilidades para aquele cuidado.

A relação com a família não era tranquila, a babá relata problemas na comunicação e na relação entre o casal. Ela escutava brigas e isso a fazia se sentir desconfortável em chegar na casa. A intimidade chegou a ponto da babá conhecer o motivo das discussões:

Porque assim, a briga era por causa das crianças, que ela queria se separar, mas ele falou que se ela se separasse, também seria a última coisa que ela “fizesse”, que ele fizesse, era com as crianças dela. Então era aquela disputa, então assim, eu tinha medo de chegar. Então assim, para mim, aí desse dia... “eu vou sair”, porque eu comecei a ficar com medo assim, porque eles ficavam brigados, e aquele clima pesado e eu vendo até onde ele era capaz de ir (Fernanda).

Toda a busca em obter intimidade com a criança não se repetia em relação à mãe. A babá relata sérias discussões com a mãe das crianças, mas não deixava que a mãe confundisse papéis, mostrava-se profissional e não queria ser vista como amiga:

Então ela sempre queria desabafar, só que eu sempre... eu nunca dava... eu nunca dava brecha porque ela vinha falar comigo, porque se ela... ela não confundir que eu era um funcionário e não amiga dela, né.

O contato foi maior da babá com o menino, ela não opinava para os pais sobre atividades, mas participava de todas:

[...] ele tinha muita terapia. Eu que acompanhava ele (Fernanda).

Sua relação com ele e a proximidade com terapeutas traziam o desconforto de não concordar com a postura dos pais e com a dificuldade destes em reconhecer os limites da criança.

Eles não aceitaram ainda. Cai na real, tem que comprar uma cadeira (de rodas) para ele, porque é assim, até as meninas que fazem terapia, falam que ele está ficando torto por causa da posição, cada vez que arruma uma coisa piora a outra, mas a mãe não aceita cadeira de rodas (Fernanda).

A relação entre a babá e a criança deficiente parecia ser mais íntima do que com qualquer outra pessoa:

Então assim, chegava o final de semana, os braços dele “estava” todo mordido. Eu perguntava “o que é que aconteceu?”, “‘Nossa!’, mas nós nem viu”. Então provavelmente a menina mordeu ele, a gêmea dele que não tinha problema nenhum e (acha graça) era bem danada, eles nem viam (Fernanda).

Os problemas entre os pais e as brigas na frente da babá e das crianças traziam à babá grande descontentamento.

Eu não sou obrigada a participar de certas coisas que acontecem na vida da... da pessoa, né. Eu trabalho lá mas eu não tenho nada a ver com isso, entendeu?

Apesar de a relação entre a babá e a mãe não ser de grande proximidade, as duas vivenciam algumas discussões com teor de muita intimidade. No trecho a seguir, percebemos a questão do dinheiro, do valor do cuidado e a reação da mãe, demonstrando sua fragilidade na situação:

“o seu dinheiro não paga o que eu faço para o seu filho”, aí ela começou a chorar, “ai, é que eu estou muito nervosa” (diz a mãe para a babá) (Fernanda).

A intimidade, neste segundo caso, traz a uma das crianças cuidadas o benefício de ser entendido e respeitado com suas limitações. Porém, o contato com a intimidade da família causa na babá o desejo de sair do trabalho, o que acaba ocorrendo após outras discussões e situações em que não recebeu refeições ou hora extra.

As duas babás têm posturas parecidas frente a um sentimento, as duas parecem acreditar que têm um papel no cuidado à criança quase insubstituível, de responsabilidade e principalmente cumplicidade com as crianças de quem cuidam. A fragilidade das crianças parece trazer às babás não somente a questão do desafio, mas também a ideia de conhecer a criança de um modo único. No caso de Célia, parece ainda mais intenso esse sentimento, pois a babá passa, após ser contratada, a cumprir todos os espaços não somente de cuidado, mas de responsável pela criança e de ser o modelo feminino que a menina tinha mais próximo.

Nesse sentido, a intimidade com a criança em nenhum dos casos se transformou em intimidade com a família, porém trouxe a elas a realidade de ter que lidar com a família intimamente, conhecer os limites e as diferenças das famílias e lidar com elas para poder continuar o cuidado.

A seguir, contaremos trechos das histórias das demais babás e traremos à tona outras questões relacionadas à intimidade e ao contato com a intimidade do outro.

6.10.2 A vida do outro: percebendo o que é privado na relação de trabalho doméstico

O trabalho da babá traz, em seu dia a dia no ambiente doméstico, contato com situações da família que a babá não teria acesso se trabalhasse com *care* fora do lar. A babá, além de ser presente dentro da casa, leva a responsabilidade de cuidar da criança, o que aumenta seu contato com informações diversas da família, tais como horários de chegada e saída dos pais. A babá, que geralmente deve esperar a chegada do responsável na residência antes de poder sair do trabalho, sempre encontra algum familiar retornando à casa. Seu contato com as pessoas da família é grande e, muitas vezes, mais próximo de informações do que outro profissional doméstico, segundo informações de nossas entrevistadas.

A “intimidade do outro” é discussão importante em nossa pesquisa, pois buscamos entender o significado desta proximidade da babá com o íntimo de uma família, sem necessariamente ser íntima de outros membros da família além da criança.

A amizade entre as partes, a confiança e a cooperação já foram citadas enquanto parte do processo de cuidar. Mas conhecer a intimidade do outro independe deste mútuo sentimento positivo entre babá e família. Mesmo onde existe relação de “amizade” e maior proximidade entre as partes, o contato com problemas não relacionados à criança pode provocar certo desconforto à babá. Alguns exemplos de situações assim são: separações, brigas entre casais e influência de avós e de outros parentes. No entanto, quando algum membro da família passa por dificuldades e precisa de algum suporte da babá, esse contato com o íntimo não parece ser visto como negativo e a babá coopera.

6.10.3 O que eu faço?

No trabalho da babá, não parecem ser muito claros a quantidade e o tipo de atividades sobre as quais ela se responsabilizará. Como veremos a seguir, parece possível que, pelo fato de não ser tão recorrente os pais contratarem uma babá, a comunicação inicial seja difícil. Inicialmente, os pais, principalmente aqueles que estão contratando pela primeira vez uma babá para filhos pequenos ou recém-nascidos, ainda não possuem um planejamento de trabalho necessário e não conhecem a demanda do bebê para especificar o trabalho a ser realizado. Então, ao contratar, têm dificuldades em organizar tarefas e imaginar situações para preparar a babá. Assim, a babá recebe, em cada família, regras e solicitações diferentes. Mas claro que a adaptação a elas irá ou não acontecer de acordo com cada babá, suas expectativas e as da família.

Podemos perceber que existe, já no início da relação, uma importante diferença entre o cuidador de um berçário e a babá. Para Murray (1998), em um berçário, pais e o cuidador trocam informações sobre a criança desde o início, viabilizadas pela coordenação através de questionários e entrevistas. Na relação com as babás, muitas informações não são explicitadas, as famílias não trazem consigo um formulário preenchido formalmente,

verificado por alguém que “monitora as relações” (no caso, o administrador ou coordenador do berçário). Na residência, as informações ditas são as que os pais julgam importantes e muito é percebido pela babá no contato diário com a família e a criança. No caso da babá, muitas das informações recebidas sobre a criança acabam por passar informações sobre os pais, tais como os horários de trabalho de cada um, distâncias, possibilidade em atender telefonemas e a preferência de quem procurar em casos de dúvidas ou emergências. Nesse sentido também existe a diferença no momento de uma demissão, nos acertos financeiros e de jornada de trabalho. O que é para o berçário uma questão administrativa (que é tratada com uma pessoa diferente do cuidado), para a relação dos pais e da babá é algo inevitável. Portanto, o trabalho de cuidado da babá já traz desde o início da relação maior acesso à vida dos pais e sua intimidade. As babás, em suas entrevistas, com frequência sabiam dizer quem da família deveriam procurar para resolver situações da casa ou da criança, qual dos pais participa ou se ausenta mais e até como funciona a relação do casal.

Atende super bem, e a mãe dela é mais... ela é mais reservada... assim, ‘tipo assim’, ela deixa para ele se virar (acha graça). Ele se vira e é um superpai, né (Célia sobre qual dos pais procurar para assuntos da criança).

O pai não era tão participativo como é esse, entendeu? O pai, ela... a mãe quer descansar, ele fala “vai descansar e eu fico com as duas crianças”, mas ele fica sempre ali lendo um jornal, entendeu? (Ivete comparando, dentre as casas onde trabalhou, qual pai auxiliava mais a mãe no cuidado com os filhos).

Passado o contato inicial, algumas babás recebem treinamento e informações dos próprios funcionários da casa, tendo acesso aos pais somente com o passar do tempo:

[...] E eu fui mais cedo. Aí a babá, que era dia de semana, me mostrou tudo que era relacionado às crianças e o que normalmente a babá folguista fazia. E foi ela que explicou. Só ela. Só ela. Ela me explicou, aí no primeiro final de semana que eu fiquei eu falei para a dona Juliana que o que ela achasse que não estava bom, ou se ela achasse que eu deixei de fazer alguma coisa, ou que se quisesse que eu fizesse algo de diferente no próximo, que ela pudesse... podia falar, e até hoje ela não falou nada (risos) (Ivete).

No caso acima, Ivete, que trabalha somente como babá folguista, decide por conta própria chegar mais cedo em seu primeiro dia, recebendo então as orientações da babá diarista. Neste caso, como Ivete não conversou com os pais, o dia a dia sem solicitações da família trouxe a ela a dúvida se estava ou não agradando com seu trabalho:

Às vezes, eu fico assim, “você não quer que eu faça nada?” (risos). Eu já me peguei falando “você precisa de mim?” várias vezes. Isso me incomoda, porque assim, você está lá para isso, não é? E você não é solicitada. Eu, no começo, agora não, mas no começo achei que ela não estava gostando de mim (Ivete).

Ainda sem conhecer a família, sem ter recebido treinamento e informações pelos pais, Ivete passa a acreditar que seu trabalho não está sendo bom, quando percebe que não é muito solicitada, trazendo insegurança se permaneceria no emprego.

Conhecer a família e entender seu funcionamento parece ser importante para a manutenção da babá no trabalho, assim como para uma boa comunicação.

6.10.4 O que tem para comer?

Um outro ponto importante nesta discussão sobre intimidade é a alimentação. O trabalhador doméstico, e especialmente no caso das babás, mesmo quando trabalha oito horas por dia, não possui um horário específico para a alimentação. Também não parece estar claro em quais condições essa alimentação ocorrerá.

Pelo fato de trabalhar dentro da residência e ter acesso à casa e, muitas vezes, ser responsável pela alimentação da criança, a babá pode acompanhar a mãe ao mercado e conhecer todos os itens comprados na casa. Algumas babás têm liberdade de alimentarem-se com a mesma refeição, frutas, bolo, no entanto, outras devem comer outra comida, trazer de casa, ou até não ter tempo para se alimentar. A alimentação não somente parece ser parte da intimidade, como demonstra o nível de entrosamento da babá naquela família. Para a babá, poder se alimentar na mesma mesa é algo contado com gratificação, enquanto a separação clara de alimentos parece demonstrar a divisão de papéis e espaços na casa, além da ausência de reconhecimento pelo seu trabalho.

Então assim, lá eles eram super bom comigo, eu comia na hora que eu queria, eu comia tudo que eu queria, né. Foi tanto que a mãe dela, eh... reclamou do requeijão que a gente comia de manhã no café. Eu comprei um requeijão e levei, pus na geladeira para eu comer; ué, você vai tomar café e você vai comer um pão seco? (Fernanda).

Alimentação faz parte da intimidade? Saber o que existe na geladeira de uma família é inevitável às babás que cozinham as refeições para as crianças. O fato de ter autorização para comer é trazido no discurso das babás e faz diferença nas relações. A intimidade em sentar à mesa em um restaurante ou permanecer sem comer durante um passeio permite conhecer mais a família, seus hábitos e valores.

Eu nunca tive esse problema, mas conheço babás que só podem comer salsicha e ovo na casa (Gisele).

O relato acima de Gisele traz a experiência de poder se alimentar em seu trabalho sem restrições de alimentos existentes na casa, porém, em sua primeira experiência profissional, seu desconforto ocorria aos fins de semana, quando os pais, sem rotina, demoravam a se alimentar, e a babá, tendo que esperar “sua vez”, sentia-se com fome:

Sempre tinha aquele negócio também de... às vezes, eu ficava com fome, de não poder comer na hora certa porque eles “comia” primeiro... ou às vezes demorava de comer e eu tava com fome. Isso era ruim, isso eu não gostava. [...] às vezes eu comia junto com os meninos (crianças), que a gente comia antes dos pais. Mas, às vezes, eles comia muito tarde, e aí eu acabava comendo muito tarde, comendo depois deles, sabe assim? Aí isso eu não gostava (risos) “Meu Deus, o que eu tô fazendo aqui?” Eu falava, pensava, né? (Gisele).

Gisele aos fins de semana não sabia qual seria seu tempo para almoço. Muitas vezes dividido com as crianças, a babá não tinha um momento de descanso para alimentação. Em seu relato, parece que também não havia um diálogo sobre isso, ao contar a história ela comenta “eu falava, pensava, né”.

O trabalho doméstico traz a peculiaridade de a alimentação ser realizada no próprio ambiente do trabalho. No caso das babás, em algumas situações, elas não conseguem deixar a criança sozinha para sair e se alimentar, dependendo do apoio da família ou outro funcionário da casa. Enquanto algumas babás não conseguem realizar as refeições, outras as fazem com a família:

“a gente vai almoçar todo mundo junto” (diz a patroa para a babá), aí ia lá no restaurante, a gente almoçava todo mundo juntos, na mesma mesa sem problema nenhum (Alice).

Aqui, a intimidade da família no passeio do fim de semana, assim como a conversa na mesa, é compartilhada no mesmo espaço da babá. Enquanto a babá não tem seu espaço de almoço longe da família.

A alimentação parece ter papel fundamental nas dinâmicas que permitem a boa relação com a família. Se a babá fizesse seu trabalho fora do contexto doméstico teria, provavelmente, horário determinado para realizar a sua refeição, assim como deveria receber um valor calculado para pagar por ela. A refeição no contexto do lar envolve uma série de questões relacionadas a conhecer a intimidade do outro, conhecer os itens da geladeira, ver as pessoas se alimentando, saber qual será a refeição da família. Participar ou não deste momento íntimo poderia ser comparado a outras atividades domésticas, como assistir a um filme com a família ou auxiliar na lavagem do carro, por exemplo, se não fosse o fato de que a alimentação da babá não é, em geral assunto tratado na contratação. É um tema que passa a pertencer ao “íntimo do outro”, pois não é dito e a babá somente tem contato com suas possibilidades de alimentação conforme convive com a família e conhece a maneira desta família em relacionar-se com as refeições, a alimentação própria e do outro.

Uma vez eu fiquei lá, e ela... ela, quando foi 5 horas da tarde, na hora de eu sair, ela falou para mim... ela falou para mim... ela pegou e saiu e aí eu peguei e vim embora. Aí eu passei no “Mac” aqui, na Lapa, que eu trabalhava no final da Lapa, que eu não estava aguentando, minha pressão tinha caído de tanta fome... aí ela me ligou “‘Nossa!’ mas por que você não esperou o almoço?”, falei “5 horas da tarde, o meu horário de sair é 4 horas, eu estou desde 8 horas sem comer nada”. Aí sabe, ela ficou... ela ficou abalada, não sabe? Porque mexeu com a consciência dela, entendeu? De ter deixado. “‘Nossa!’, mas como você saiu sem comer?” aí para mim, aquele dia, sabe? Eu falei... (Fernanda).

Os horários da babá, vinculados à rotina da família, ou à falta dela, fazem com que Fernanda não tivesse alternativas para se alimentar. A mãe não pergunta e nem tampouco percebe que a babá está sem alimentação, questionando, ainda, sua ausência. O trabalho transforma-se então em um espaço de privação e desrespeito.

6.10.5 Eu quero...

A intimidade com a família pode trazer à babá algumas conquistas que facilitam sua vida pessoal, tais como auxílio para comprar objetos com o crédito da família (pagando depois) ou mesmo auxílio financeiro. Os marcadores monetários (Zelizer, 2005) discutidos por nós anteriormente, se fazem presentes aqui.

Uma das babás comenta poder pegar o carro da família para assuntos pessoais:

quando eu fui comprar meu carro eles me ajudaram a pagar (Gisele).

Gisele, que mora há oito anos com a mesma família, já recebeu ajuda financeira para comprar o carro próprio. Hoje, sem carro, a babá continua a poder resolver alguns problemas pessoais, agora, com o carro da família:

então é que eu tava doente outro dia e eu precisava ir na farmácia, aí pedi o carro pra ela (porque eu sempre peço, nunca pego sem pedir) e ela me emprestou, ela sempre me empresta. Aí eu fui na farmácia e quando eu tava saindo tinha uma caçamba e eu bati. Aí cheguei em casa e fui falar com o patrão, ele levou numa boa, assim, disse que acontecia, normal. Aí eu falei que eu ia pagar, ele não aceitou (Gisele).

Pegar o carro emprestado parece aqui tão natural que Gisele ainda reforça seu comportamento de pedir antes de pegar, demonstrando a facilidade neste acesso.

Para Gisele, morar na residência onde trabalha é uma necessidade, pois não tem parentes em São Paulo e sabe que gastaria demais morando em outro lugar, a babá acredita que tem mais qualidade de vida por não precisar se deslocar todo dia para o trabalho. Ela, que já teve outra experiência em morar em residência onde trabalhou, acredita que os benefícios existem por conta da postura da família que, neste segundo emprego, respeita seus horários e folgas. O mesmo não ocorreu em sua experiência anterior, quando, além de não ser respeitada em suas folgas se permanecesse na casa, tinha em suas noites a presença das crianças em seu quarto.

No caso abaixo, Denise conta ter o apoio da família em diversas situações financeiras, como possibilidade em pagar aos poucos eletrodomésticos que a mãe da criança comprava para ela:

“Eu preciso comprar um micro-ondas, porque o meu pifou” não, ela comprava para mim, eu tenho televisão lá em casa que ela tirou para mim, entendeu? (Denise).

A família comprou o micro-ondas e a TV para depois a babá pagar aos poucos. Denise decide sair desta casa por acreditar que o salário estava baixo, não aceitando o acordo oferecido pela família. Tempos depois, grávida, fica viúva. Tendo dificuldades financeiras e emocionais, a babá lembra da família e acredita que receberia desta o apoio no momento difícil.

Mas também se eu tivesse lá na fase difícil... eu teria ótimos amigos, entendeu? (Denise).

Aqui, as babás têm acesso a benefícios a partir de uma boa relação, mas podemos pensar também que elas passam a conhecer o poder de compra dessas famílias, o que é bastante pessoal e privado.

O contato com as famílias traz inevitavelmente o acesso ao íntimo do outro. Para as babás que vivem na mesma casa com a família também existe a questão da própria intimidade, pois utilizam um quarto que muitas vezes compartilham com outros funcionários ou objetos da casa.

Enquanto a intimidade com a família pode resultar em amizade e alguns benefícios, conhecer o íntimo do outro pode ser a abertura para questionamentos, seja em relação aos valores da família, à possibilidade de aumentar salários e à postura de cada membro em relação à criança.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das nove entrevistas realizadas com babás na cidade de São Paulo, pudemos iniciar uma reflexão sobre o cuidado à criança no ambiente doméstico, a fim de discutirmos como é o trabalho das babás e como se desenrolam suas relações, com a criança e a família contratante.

O trabalho do *care* com crianças realizado por babás tem características muito específicas. Conhecer o *care* através do olhar dessas babás entrevistadas nos trouxe oportunidade de refletir, dentre outros temas, sobre a desvalorização do trabalho doméstico e o baixo reconhecimento das babás enquanto profissionais qualificadas de *care*.

No Brasil, a profissão da babá se mistura e transita entre a figura da empregada doméstica e a de um cuidador. Muitas tornam-se babás a partir do trabalho doméstico e a formação específica para a profissão de *care* é decorrência do trabalho. No entanto, dentre os trabalhos domésticos, a babá possui uma formação diferenciada. Os cursos formadores de babás, apesar de terem curta duração, trazem à profissional certo *status*. Tem vantagens em relação à empregada doméstica por ter proximidade com a criança, o que acarreta em maior acesso aos pais. E tem o maior salário da categoria.

Sua posição profissional, portanto, ainda é inferior à de um profissional qualificado de *care* e é mais valorizada do que o trabalho doméstico. Esse posicionamento profissional se faz presente nas relações de trabalho da babá com a família e com outros empregados da casa, em especial com a empregada doméstica, podendo movimentar dinâmicas com a empregada doméstica de competição e rivalidade, pois os espaços não são de fato delimitados.

Movimentos de saída e retorno à área podem estar associados à profissionalização precária e a baixos salários. Além disso, o trabalho de cuidado à criança ainda é percebido como uma extensão do trabalho realizado para os próprios filhos, trazendo à tona em nossa pesquisa a necessidade de discutir a questão de gênero.

A necessidade de recuperar a questão dos trabalhos domésticos e de *care* enquanto trabalho feminino e sem valor traz ao nosso estudo questões para além da relação com a família contratante. Se o trabalho de *care* e o trabalho doméstico são percebidos como uma extensão do trabalho realizado pelas mulheres, de forma não paga (Sorj, 2014; Bilac, 2014), qual seria a necessidade da realização de um curso profissionalizante para babás se o trabalho de cuidar dos filhos é entendido como natural da mulher? Esse entendimento ainda é merecedor de discussão, pois parece inferir ao trabalho das babás a mesma desvalorização do cuidado doméstico da casa e dos filhos que ainda não possuem reconhecimento devido.

As discussões sobre a desvalorização do trabalho da babá, a questão de gênero e a confusão de papéis de sua profissão se fazem necessárias, inicialmente pois o perfil profissional da babá traz consequências na relação com família e criança. No que diz respeito à relação com os pais, a partir da desvalorização profissional, esse trabalho pode ter alto nível de tarefas não necessariamente ligadas ao seu trabalho de *care* e ser de difícil negociação salarial e de carga horária, mesmo após a aprovação de leis sobre trabalho doméstico.

Dentre as babás que chegam em São Paulo em busca de trabalho, situações ainda mais difíceis as colocam frente aos baixos salários e poucas expectativas para encontrar melhorias. As que não possuem moradia e não conhecem ninguém na cidade que pode oferecer algum apoio aceitam trabalhar com salários ainda mais baixos para permanecerem em São Paulo e encontrarem futuramente alguma outra oportunidade. Morar na casa dos patrões associa-se a uma série de desrespeitos no trabalho, tais como ausência de folgas ou horários de saída e, muitas vezes, a ter a companhia das crianças no decorrer da noite. Sendo os pais mediadores da relação da criança com a babá, todas as negociações e acertos realizados entre eles podem resultar na saída da babá do trabalho, ficando a criança sem o cuidado daquela pessoa com quem se relacionava diariamente.

O fato de não receberem reconhecimento ou serem tratadas com respeito e dignidade as fazem acreditar em sorte quando encontram famílias que oferecem um tratamento de acordo com a importância de seu trabalho.

Como dissemos, a relação com as crianças é mediada pela família (em geral os pais), com incidências variáveis (Soares, 2012), tendo para nós algumas importantes situações a

discutir. No decorrer da relação, alguns pais querem saber sobre as atividades e detalhes do dia da criança, outros não se interessam; quando a babá vai sair do trabalho por escolha própria ou por demissão, a mãe solicita que a criança não saiba pela babá ou não permite despedida; os pais não fazem o mesmo papel dentro da casa: algumas famílias têm na mãe a pessoa que fala regras e o pai é aquele que fala sobre dinheiro. Em nenhuma família os dois realizavam os mesmos papéis de mediação. Solicitados pela babá, realizavam a tarefa de impor limites ou dar broncas, ficando a babá sem essa função.

No decorrer de nosso trabalho, Fernanda, uma das babás entrevistadas, relata em diversas situações em seu cotidiano na função de babá que “*Não é só cuidado*”. O *care* oferecido pelas babás vem com a valorização da presença da criança na família, a voz de seus espaços quando as babás se posicionam por elas informando aos pais sobre as limitações de horário da criança para não realizar tantas atividades ou sobre a necessidade de mais diálogo com os pais. “*Não é só cuidado*” diz respeito às horas adicionais de trabalho da babá, nem sempre remuneradas, aguardando a chegada de um responsável para ficar com a criança. Não se relaciona somente às diversas atividades solicitadas para as babás que nada tem a ver com a criança, mas sim a estar atenta em oferecer para aquela criança atividades que agradem a ela, ao interesse em conhecer aquele que precisa de cuidado e suas especificidades, distintas das outras crianças de quem já cuidou.

A babá não se limita ao cuidado com a criança, mas lida também com as dificuldades relacionais presentes na família, como, por exemplo, a mãe que confessa à babá “*não ter nascido para ser mãe*” e pede ajuda para dialogar com a filha; ou o pai que sozinho não consegue impor limites ou acompanhar a filha doente em uma internação hospitalar. Conforme descobrimos nas entrevistas, a babá pode vir a ensinar aos pais como a criança gosta de brincar para fazer aos fins de semana, assim como pode receber presentes da criança e aceitar sem parecer tomar um espaço de mais importância que a família contratante. Essas diversas situações do cotidiano de trabalho das babás são por elas resolvidas no decorrer do cuidado, para que ele continue.

As babás parecem entender as dificuldades do trabalho como naturais e corriqueiras. O que as deixam surpresas são as boas relações com as crianças, as promessas de carinho, os pedidos de afeto e as promessas da criança em permanecerem sempre próximas. De certa forma, o indispensável está nos dias juntas, nas brincadeiras, atividades e segredos contados. As crianças podem permitir participação total da babá em suas rotinas e conquistas, e solicitam isso. Os pais, mediadores da relação, tornam-se coadjuvantes na história quando saem para trabalhar e retomam o poder ao decidir quem fica e quem sai da relação.

As relações com as crianças são, segundo as entrevistadas, de apego e carinho. Percebemos também que as babás se sentem responsáveis por suprir a criança com atenção e afeto quando acreditam que falta dos pais. Essa responsabilidade é um sentimento delas, sem que haja solicitação de ninguém. O *care* como *savoir-faire* discreto (Molinier, 2012) mantém-se presente no trabalho da babá, que oferece à criança o que é possível a ela, sem que seja necessário pedir.

Conforme discutimos, o *care* em residência mantém a relação de intimidade, afeto e responsabilidades, passando a conhecer idiossincrasias familiares que, de certa forma, traçam o trabalho da babá de acordo com as necessidades e possibilidades da família em questão. A relação com os pais, nem sempre fácil, movimenta sentimentos diversos na babá que, no intuito de permanecer no trabalho, se esforça, tendo como recurso trabalho emocional (Hochschild, 1983) e focando a atenção ao vínculo com a criança.

Mesmo em situações difíceis, as necessidades da criança são respeitadas e tratadas com atenção pelas cuidadoras. Exemplos disso podem ser notados no caso de Célia que, mesmo após decidir deixar o trabalho, permaneceu por mais 40 dias cuidando da criança até que ela se ambientasse com a nova babá e aceitasse sua saída, ou no de Fernanda, que permaneceu imóvel na cama até sentir o corpo doer para entender as dificuldades da criança deficiente de quem cuidava. Cada relação é única e lembrada pelas babás.

A “história em comum” (Soares, 2012) que se constrói a partir da relação entre cuidador e cuidado traz às partes a dificuldade quando a relação é finalizada. A separação da criança resulta em sofrimento às babás e representa uma perda significativa, trazida por elas quase como luto.

A babá, segundo percepção das entrevistadas, tem que cuidar bem da criança, ter com elas uma boa relação, mas nunca tomar o espaço da mãe. A babá oferece o “*care* como *gentleness*” (Molinier, 2012), neste caso, para a mãe. Em situações em que percebe a proximidade da mãe e o desinteresse da criança na interação, a babá estimula a aproximação, sai de cena, “devolvendo” à mãe o espaço e tempo com a criança. A presença, sempre controlada, seja por ela mesma, para não fazer parte do que não é convidada, seja por câmeras, ou o olhar desconfiado nas ruas. O *care* como *savoir-faire* discreto novamente se faz presente nessas questões, o trabalho “atencioso, quando bem-feito, não se vê” (Molinier, 2012, p. 33).

Recebe sim, muitas vezes, melhores benefícios dentre os trabalhadores na casa, por estar em contato com a criança e pais, mas também maior vigilância. É a babá quem tem autonomia para dizer os horários da criança, mas nunca para dizer que a criança está cansada demais para tantas atividades.

Algumas relações entre babá e criança cuidada continuam após o rompimento da relação profissional com a família. Esse cuidado que vimos por vezes ser oferecido pela babá à criança, sem remuneração, nos permite discutir a partir do que Zelizer (2012) chama de economia do *care*. A autora retrata relações e suas dinâmicas com o olhar voltado para os aspectos econômicos.

A relação das babás com as famílias contratantes são, ao que nos parece, o que Zelizer chama de “relações bem ajustadas”, já que existe um acordo entre as partes sobre o aspecto econômico, continuidade da relação, e um acordo sobre as atividades profissionais e como serão remuneradas. A relação da babá com a criança está no *mundus hostis*, no qual o afeto se faz presente e o valor financeiro não é mencionado. Essa relação, mesmo após o término da relação com os pais, que é, sobretudo um acordo financeiro, pode continuar, e o *care* da babá com a criança acontece então quando e como a babá define.

A babá recebe promessas de carinho e cuidado das crianças e, em diversas situações, é obrigada a deixar o emprego sem se despedir de quem cuida. Nossa pesquisa cumpriu sua proposta e, a partir dos dados aqui discutidos, nos propomos a apresentar enquanto limitações de pesquisa o estudo de classe e raça no trabalho das babás, devendo tratar da questão a partir

da interseccionalidade. Outra limitação de pesquisa é o conhecimento de famílias contratantes do trabalho das babás. Entrevistas com famílias trariam possibilidade de um novo debate frente às diferentes visões do trabalho e das relações que se formam.

REFERÊNCIAS

- Arango, L. G. (2014). *Cuidado, emoções e condições de trabalho nos serviços domésticos. uma perspectiva interseccional*. Trabalho apresentado no Seminário Internacional: Trabalho, cuidado e políticas sociais. Brasil-França debate. São Paulo: USP.
- Auerbach, H, J. (2007). *And nanny makes three? mothers and nannies tell the truth about work, love, money, and each other*. New York: St. Martin's Press.
- Bilac, E. D. (2014). Trabalho e família? articulações possíveis. *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*, 26 (1), 129-145.
- Block, M. (2007). *Searching for Mary Poppins: women write about the relationship between mothers and nannies*. New York: Penguin Group.
- Boris, E. (2014). Produção e reprodução, casa e trabalho. *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*, 26 (1), 101-121.
- Brannen, J., Moss, O., & Mooney, A. (2004). *Working and caring over the twentieth century: change and continuity in four-generation families*. New York: Palgrave Mcmillan.
- Brites, J., & Picanço, F. (2014). O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições: alguns achados de pesquisas. *Revista Latino-Americana de Estudos do Trabalho*, 19 (31), 131-158.
- Campos, M. M. (1992). Child care in Brazil. In M. E. Lamb et al. (Eds.), *Child care in context*. New Jersey: LEA.
- Chanlat, J. F. (2011). O desafio social: a contribuição das ciências sociais. In P. F. Bendassolli & L. A. P. Soboll (Orgs.), *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas.
- Czarniawska, B. (2004). *Narratives in social science reserch*. London: Sage.
- Debert, G. G. (2014). Arenas do conflito em torno do cuidado. *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*, 26 (1), 35-45.
- Dieese. (2013). O emprego doméstico no Brasil. *Estudos e Pesquisas*, 68, 1-27.
- Dessors, D. & Molinier, P. (1998). La psicodinámica del trabajo. In D. Dessors & M. P. Guhio-Bailly (Orgs.), *Organización del tabajo e salud: de la psicopatologia a la psicodinámica del trabajo*. Buenos Aires: Lumen.
- Duffy, M., Armenia, A., & Stacey, C. (2015). *The complexities and contradiction of paid care work*. New Jersey: Rutgers University Press.
- Duffy, M. (2015). Context of care. In *The complexities and contradiction of paid care work*. New Jersey: Rutgers University Press.
- França, V. (2014). *Babás top de linha são a nova opção de férias*. <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,babas-top-de-linha-sao-nova-opcao-nasferias-imp-,812746>. Acesso em 10-07-2014.

- Figueiredo, L. C. (2009). As diversas faces do cuidar: considerações sobre a clínica e a cultura. In M. S. Maia (Org.), *Por uma ética do cuidado* (pp. 225-250). Rio de Janeiro: Garamond.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Goffman, E. (1975). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice*. Cambridge: Harvard University Press.
- Guimarães, N. A., Hirata, H., & Sugita, K. C. (2012). Cuidado e cuidadoras: o trabalho do care no Brasil, França e Japão. In H. Hirata & N. A. Guimarães (Orgs.), *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care* (pp. 151-180). São Paulo: Atlas.
- Hirata, H. (2001). Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*, 18, 139-156.
- Hirata, H. (2014). *O trabalho emocional e o trabalho do cuidado*. I Seminário de Sociologia da Fundacentro. São Paulo.
- Hirata, H., & Guimarães, N. A. (2012). *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas.
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). *Novas configurações da divisão social do trabalho*. *Cadernos de Pesquisa*, 37 (132), 595-609.
- Hochschild, A. (1983). *The managed heart: commercialization of human feeling*. Berkeley: University of California Press.
- Hochschild, A. (2012). Nos bastidores do livre mercado local: babás e mães de aluguel. In H. Hirata & N. A. Guimarães (Orgs.), *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care* (185-200). São Paulo: Atlas.
- Hochschild, A. (2012). *The managed heart. Commercialization of human feeling*. London: University of California Press.
- Hondagneu-Sotelo, P. (2001). *Doméstica: immigrant workers cleaning and caring in the shadow of affluence*. Los Angeles: University of California Press.
- Lamont, M. (2012). Toward a comparative sociology of valuation and evaluation. *Annual Review of Sociology*, 38 (21), 201-221.
- Lehrer, E. (1983). Determinants of child care mode choice: an economic perspective. *Social Science Research*, 12 (1), 69-80.
- Macarini, S. M. et al. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62 (1), 119-134.
- Macdonald, C. L. (2010). *Shadow mothers: nannies, au pairs, and the micropolitics of mothering*. Los Angeles: University of California Press.
- Menezes, R. (2016). Babá: aplicativo promete ajudar pais a encontrar um profissional. *Revista Crescer Online*. www.revistacrescer.globo.com. Acesso em 20/12/2016.
- Ministério do Trabalho e Emprego (2013). *Trabalho doméstico. Direitos e deveres: orientações* (5 ed.). Brasília: TEM, SIT.

- Molinier, P. (2012). Ética e trabalho do care. In H. Hirata & N. A. Guimarães (Orgs.), *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas.
- Molinier, P. (2004). O Ódio e o amor, caixa preta do feminismo? Uma crítica da ética do devotamento. *Psicologia em Revista*, 10 (16), 227-242.
- Murray, S. B. (1998). Child care work: intimacy in the shadows of family-life. *Qualitative Sociology*, 21 (2), 149-168.
- Parreñas, R. S. (2012). O trabalho do care das acompanhantes. Imigrantes filipinas em Tóquio. In H. Hirata & N. A. Guimarães (Orgs.), *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care* (185-200). São Paulo: Atlas.
- Pereira, T. S. (2009). O cuidado como valor jurídico. In M. S. Maia (Org.), *Por uma ética do cuidado*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Plastino, C. A. (2009). A dimensão constitutiva do cuidar. In M. S. Maia (Org.), *Por uma ética do cuidado*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Rapoport, A. & Piccinini, C. (2004). *A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena*. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 497-503.
- Roby, P. (1973). Child care. Who cares? Foreign and domestic infant and early childhood. development policies. New York: INC Publishers.
- Sampaio, P. (2011). Famílias paulistanas contratam babás paraguaias. *Estadão Online*. <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,familias-paulistanas-contratam-babas-paraguaias> (acesso em 18/06/2016).
- Sato, L. & Oliveira, F. (2008). Compreender a gestão a partir do cotidiano de trabalho. *Aletheia*, 27, 188-197.
- Sato, L. & Souza, M. P. R. (2001). Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. *Psicologia USP*, 12 (2), 29-47.
- Seade (2014). *Emprego doméstico na região metropolitana de São Paulo* 2013. São Paulo: Seade.
- Sette, L. A. & Costa, L. V. L. (2013). *Trabalho doméstico: recentes alterações*. <http://www.azevedosette.com.br> (acesso em setembro 2013).
- Smith, J. A., Flowers, P., & Larkin, M. (2009). *Interpretative phenomenological analysis. Theory, method and research*. London: Sage.
- Soares, A. (2012). As emoções no care. In H. Hirata & N. A. Guimarães (Orgs.), *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas.
- Sorj, B. (2014). Socialização do cuidado e desigualdades sociais. In *Tempo Social Revista de Sociologia da USP*, 26 (1), 123-128.
- Sorj, B., & Fontes, A. (2012). O care como um regime estratificado: implicações de gênero e classe social. In H. Hirata & N. A. Guimarães (Orgs.), *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas.

- Souza, J. L. & Torres, I. (2012). Por que nós trabalhamos? Uma abordagem sociológica da subjetividade no trabalho de Daniele Linhart. *Somanhu*, 12 (2), 279-301.
- Strauss, A. & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa. Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed.
- Tronto, J. (1993). *Moral boundaires: a political argument for an ethic of care*. New York: Routledge.
- Vergara, S. (2009). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.
- Zaccarelli, L. M. & Godoy, A. S. (2013). “Deixa eu te contar uma coisa...”: Possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações. *Revista Gestão Organizacional*, 6 (3), 25-36.
- Zelizer, V. A. (1981). The price and value of children: the case of children's insurance. *American Journal of Sociology*, 86 (5), 1036-1056.
- Zelizer, V. A. (2005). *Purshase of intimacy*. New Jersey: Princeton University Press.
- Zelizer, V. A. (2012). A economia do care. In H. Hirata & N. A. Guimarães (Orgs.), *Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care*. São Paulo: Atlas.

ANEXO 1: ROTEIRO DA ENTREVISTA

- Quando iniciou seu trabalho de babá?
- Como foi feita essa escolha profissional?
- Qual era sua profissão anterior?
- Comente sobre sua experiência enquanto babá.
- Há quanto tempo está trabalhando para a família atual?
- Fale sobre suas atividades do dia a dia nesta casa. Você poderia descrever algumas delas?
- Dentre essas atividades, existe alguma de sua preferência?
- Você tem filhos? Você faz atividades com as crianças iguais as atividades que faz ou já fez com os seus filhos?
- Você acompanha a(s) criança(s) em eventos e passeios?
- Conte mais sobre as atividades com a(s) criança(s).
- Para suas atividades você recebeu treinamento da família?
- Existe alguma atividade em seu trabalho que você preferia não ter que realizar?
- Houve alguma vez em que você discordou de atitudes dos pais em relação à criança?
Como reagiu?
- Você mantém contato com as famílias para quem trabalhou anteriormente?
- Você tem alguma lembrança de algo especial que tenha ocorrido em seu trabalho?
- Você já sentiu insegurança em relação aos cuidados à criança?
- Você trabalha com outras babás? Caso trabalhe, como é essa interação e divisão de trabalho?
- O que você considera importante para ser uma boa babá?
- Quais são seus objetivos profissionais e sonhos para o futuro?

ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, _____, RG _____, estou sendo convidado a participar do estudo em psicologia social: O trabalho das babás e a família, discutindo o afeto no *care*.

O citado trabalho tem como objetivo conhecer o universo do trabalho do *care* desenvolvido por babás e entender as relações que se formam com a família, tal como o desenrolar de afetos e vínculo, considerando a relação e seu término.

A participação voluntária neste estudo ocorrerá através de entrevistas mensais, nas quais o trabalho de babá será o tema desenvolvido.

O referido estudo não apresentará riscos, podendo, porém, trazer para discussão situações diversas e emoções relacionadas à minha experiência profissional.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, sendo o conteúdo das entrevistas confidenciais, de uso estritamente científico.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem a necessidade de justificativa.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é Gracieli Regina Mendes Tavares, orientada pelo professor Dr. Nelson da Silva Junior, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Manifesto, então, meu interesse em participar enquanto voluntário desta pesquisa, sendo a mim assegurado receber todas as informações a respeito do estudo.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo, devo ligar para o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

São Paulo, ____ de _____ de 2014.